



JARDEL MAXIMILIANO DOS SANTOS DIAS

**AS REPÚBLICAS ESTUDANTIS COMO ESPAÇOS
CULTURAIS EM LAVRAS/MG**

LAVRAS - MG

2021

JARDEL MAXIMILIANO DOS SANTOS DIAS

AS REPÚBLICAS ESTUDANTIS COMO ESPAÇOS CULTURAIS EM LAVRAS/MG

Dissertação apresentada à Universidade Federal de Lavras, como parte das exigências do Programa de Pós-Graduação em Administração Pública, área de concentração em Gestão de Organizações Públicas, para a obtenção do título de Mestre.

Dra. Eloisa Helena de Souza Cabral
Orientadora

**LAVRAS - MG
2021**

**Ficha catalográfica elaborada pelo Sistema de Geração de Ficha Catalográfica da Biblioteca Universitária da UFLA,
com dados informados pelo(a) próprio(a) autor(a).**

Dias, Jardel Maximiliano dos Santos.

As Repúblicas estudantis como espaços culturais em
Lavras/MG / Jardel Maximiliano dos Santos Dias. - 2021.
108 p.

Orientadora: Eloisa Helena de Souza Cabral.

Dissertação (Mestrado profissional) - Universidade Federal de
Lavras, 2021.

Bibliografia.

1. Repúblicas Estudantis. 2. Espaços Culturais. 3. Cultura. I.
Cabral, Eloisa Helena de Souza. II. Título.

JARDEL MAXIMILIANO DOS SANTOS DIAS

AS REPÚBLICAS ESTUDANTIS COMO ESPAÇOS CULTURAIS EM LAVRAS/MG

STUDENT REPUBLICS AS CULTURAL SPACES IN LAVRAS/MG

Dissertação apresentada à Universidade Federal de Lavras, como parte das exigências do Programa de Pós-Graduação em Administração Pública, área de concentração em Gestão de Organizações Públicas, para a obtenção do título de Mestre.

APROVADA em 30 de julho de 2021.

Profa. Dra. Eloisa Helena de Souza Cabral UFLA

Prof. Dr. José Roberto Pereira UFLA

Prof. Dr. Valderí de Castro Alcântara UEMG

Dra. Eloisa Helena de Souza Cabral
Orientadora

**LAVRAS - MG
2021**

Dedico este trabalho à minha esposa Rafaela.

AGRADECIMENTOS

A meus pais, Maria Ana e Sebastião, que hoje podem ver o resultado do empenho ensinando que o conhecimento é nossa riqueza.

Às minhas irmãs, Franciane e Iris e aos meus sobrinhos, Julia, Victor e Benício, pelo amor incondicional.

Ao companheirismo e todo o amor de minha esposa Rafaela, que me incentivou e compreendeu nos momentos em que já havia desistido. Você é uma companheira fantástica nesta jornada maravilhosa.

À minha orientadora, Profa. Eloisa, pela paciência e por insistir tantas vezes neste projeto. Estão aqui os resultados de sua orientação e conselhos.

Aos colegas de trabalho da Pró-Reitoria de Extensão e Cultura da Universidade Federal de Lavras, que sempre trazem desafios a serem vencidos no mundo acadêmico e cultural da Universidade e da Comunidade.

Ao Programa de Pós-Graduação em Administração Pública PPGAP/UFLA, nas pessoas do Prof. Arimatéia e Luciana, pela oportunidade de vivenciar este ambiente de conhecimento e desafios, junto com colegas, trabalhadores terceirizados, servidores e professores.

Às Repúblicas deste estudo e a seus moradores, conhecer seus costumes e tradições foi uma experiência maravilhosa.

Aos Irmãos da República A Ksa Láh de São João Del Rei/MG; muitos fatos aqui relatados vivenciei em minha primeira experiência coletiva. Vocês são a família que me acolheu em momentos cruciais de minha vida e sei que sempre posso contar com cada um.

Muito obrigado!

RESUMO

As repúblicas estudantis são espaços de convivência e de formação dos sujeitos que buscam o ensino superior. Nesses locais, o processo de tornar-se morador é condicionado à compreensão e à assimilação das tradições e da cultura universitária. Sua criação está relacionada ao surgimento e à disseminação do ensino superior, e o estudo das repúblicas têm, no Brasil, a referência das repúblicas de Ouro Preto em Minas gerais. Nesta dissertação, trilhamos o caminho para o reconhecimento das repúblicas como espaços culturais de disseminação e produção de cultura. Uma cultura viva e presente no cotidiano de seus moradores e nas cidades em que se localizam. Realizamos um mapeamento das repúblicas estudantis, na cidade de Lavras/MG, objetivando compreender sua distribuição territorial. Buscamos também conhecer e analisar a percepção de seus moradores sobre a sua importância para a cidade e o impacto das repúblicas estudantis universitárias na sua formação dos sujeitos. Concluímos que as repúblicas estudantis se categorizam como espaços culturais por serem de produção e transmissão de uma cultura viva e dinâmica, que impacta não somente em seus moradores, mas influencia as cidades em que estão presentes.

Palavras-chave: Repúblicas estudantis. Espaços culturais. Cultura.

ABSTRACT

Student republics are spaces of hospitality and formation of individuals who search for a graduation degree. In these venues, becoming a dweller is conditioned to the understanding and assimilation of the university's tradition and culture. Its creation is linked to the establishment and dissemination of university education. In addition, student accommodations in Brazil have the student housing in Ouro Preto, Minas Gerais as a reference. This work pursues to acknowledge student accommodations as spaces for production and dissemination of culture. A live culture which is present in the inhabitants' daily lives as well as in the cities where they are established. Student republics in the city of Lavras/MG were mapped, targeting to understand its territorial distribution as well as to know and analyze the residents' perception of its importance to the city and the impact that the university student housing has in the formation of the individuals. It was concluded that the student republics can be categorized as cultural spaces as they produce and transmit a live and dynamic culture which not only impacts their inhabitants but also influences the cities in which they are present.

Key words: Student republics. Cultural spaces. Culture.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Distribuição das repúblicas estudantis no território de Lavras/MG.	58
Figura 2 - As instituições de ensino superior e os bairros de maior concentração de repúblicas.....	60
Figura 3 - Anúncio de vagas em uma república.....	68
Figura 4 - Anúncio de vagas da República Carro de Boi.....	69
Figura 5 - Placas de moradores e ex-moradores da república Lobo Mau.	77

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Distribuição das Repúblicas Estudantis, de acordo com os bairros, na cidade de Lavras/MG.	59
Tabela 2 - Ano de Fundação, número de moradores e ex-moradores e classificação das repúblicas.	67
Tabela 3 - Vantagens citadas pelos moradores sobre o convívio nas repúblicas.	79
Tabela 4 - Contabilização do número de ex-moradores das repúblicas.	85

LISTA DE SIGLAS

CRECI	Conselho Regional dos Corretores de Imóveis
DRCA	Diretoria de Registro e Controle Acadêmico
INEP	Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira
MEC	Ministério da Educação
PMMG	Polícia Militar de Minas Gerais
PRAEC	Pró-Reitoria de Assuntos Estudantis e Comunitários
PROEC	Pró-Reitoria de Extensão e Cultura
SENCE	Secretaria Nacional de Casas de Estudantes
TAC	Termo de Ajustamento de Conduta
TCU	Tribunal de Contas da União
UFLA	Universidade Federal de Lavras
UFOP	Universidade Federal de Ouro Preto

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	12
1.1	Objetivo geral	18
1.2	Objetivos específicos	18
2	JUSTIFICATIVA	19
3	UNIVERSIDADES E O SURGIMENTO DAS REPÚBLICAS ESTUDANTIS	24
3.1	Universidades	24
3.2	Universidades no Brasil	26
3.3	Diversidade dos modelos de moradias estudantis	30
3.4	Repúblicas e os modos de viver estudantis	32
3.5	Repúblicas de estudantes no Brasil	38
3.6	Tradições e Costumes das repúblicas estudantis	41
3.7	Diversidade de abordagens sobre o conceito de cultura	45
3.8	Espaços como determinantes da Cultura	47
3.9	Repúblicas como espaços culturais	49
4	METODOLOGIA	51
4.1	Caracterização da natureza da pesquisa	51
4.2	Contextualização do ambiente de estudo	51
4.3	Caracterização da amostra	53
4.4	Instrumentos de pesquisa e coleta de dados	54
4.5	Procedimentos para a análise de resultados	55
5	ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	57
5.1	Mapeamento das Repúblicas Estudantis de Lavras/MG	57
5.2	Distribuição Territorial das repúblicas estudantis de Lavras/MG	58
5.3	Conflitos e a segurança das repúblicas de Lavras	61
5.4	As Repúblicas estudantis de Lavras e suas tradições	63
5.5	Caracterização dos respondentes do questionário	64
5.6	Tradições das repúblicas estudantis de Lavras	66
5.7	Festas e datas comemorativas das repúblicas estudantis	77
5.8	Repúblicas estudantis universitárias caracterizadas como espaços culturais	80
5.9	Tornar-se ex-morador	84
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS	88
	REFERÊNCIAS	92
	APÊNDICE A - Questionário aplicado aos moradores de repúblicas	100
	APÊNDICE B - Projeto Circuito Cultural de Repúblicas	101

1 INTRODUÇÃO

O conceito de cultura reúne características que definem os modos de vida de uma comunidade ou grupos específicos (COELHO,1997; WHITE,2009; EAGLETON,2005;). Sob o ponto de vista antropológico, Thompson (2011) analisa duas concepções de cultura: a descritiva e a simbólica. A descritiva é referente aos costumes, valores, hábitos, crenças, bem como artefatos, objetos e instrumentos materiais adquiridos pelo homem, enquanto membro de uma sociedade e ou grupo e que, dessa forma, caracterizam uma sociedade ou uma época. A concepção simbólica se refere ao simbolismo e a seus fenômenos culturais que permitem entender os padrões de significados de um grupo ou comunidade. A dimensão simbólica é indicativa de que homem e cultura são inseparáveis e assim símbolos e significados são criados para as diversas formas de expressão humana, como é o caso da linguagem, atributo humano que permite acumular conhecimento e transmiti-lo. A cultura depende da simbolização e de um discurso articulado para criar organizações, realizar práticas sociais, aperfeiçoar ferramentas e, nesse sentido, praticar o fazer coletivo de construir uma sociedade.

Para Botelho (2001, p.74), a cultura é produzida pela interação dos sujeitos e a construção de valores próprios e, de acordo com Hall (1997, p. 5), “penetra em cada recanto da vida social contemporânea, fazendo proliferar ambientes secundários, mediando tudo”. Segundo Bosi (1992, p. 16), a cultura é “o conjunto de práticas, técnicas, símbolos e valores que devem ser transmitidos às novas gerações para garantir a reprodução de um estado de coexistência social”.

A cultura, em seu aspecto sociológico, é abordada por autores como Vandenberghe (2016) e Botelho (2001), sob a ótica das representações e sentidos simbólicos que revelam significados mediando as relações humanas. Na perspectiva sociológica, importa ressaltar as ações e práticas sociais efetivadas pelos homens na vida em sociedade. Essa ação social, que é uma ação cultural, ganha significados e símbolos, e as práticas sociais decorrentes podem comunicar e nesse ato também ganham expressões e produzem significados.

O aspecto da diversidade cultural nos remete a considerar a existência plural de manifestações e expressões valorativas, em seus mais variados ambientes, caminhando desde vestimentas até expressões religiosas. Esse caminhar revela costumes, práticas, tradições que diferem entre as sociedades. Portanto a diversidade cultural é um fato que podemos observar pelas inúmeras manifestações provindas da música, dança, literatura, crenças religiosas, culinária que são próprias e específicas de cada sociedade, assim constituindo uma cultura plural e diversa que deve ser respeitada e considerada em suas múltiplas representações. Bosi

(1992) se refere à sociedade brasileira, indicando ser ela plural em que temos as “culturas brasileiras”, uma vez que, para cada grupo ou categoria, há manifestações culturais diferentes e diversas.

A cultura molda a sociedade e suas características são transmitidas através do convívio social (EAGLETON, 2005, p.19). Assim, certos espaços sociais são destinados à promoção e disseminação da cultura e instrumentalmente podem ser compreendidos como um conjunto de lugares nos quais se tem acesso à cultura e equipamentos culturais como museus, parques, teatros, bibliotecas, cinemas etc. (COELHO, 1997; SOUZA, 2012; RAMOS, 2007). Certeau (1998) afirma que o espaço é um lugar prático, que contempla os movimentos dos sujeitos que dele fazem parte. Assim sendo, os espaços deixam de ser meros lugares instrumentais diante das diversas práticas dos sujeitos e seus relatos e ganham um novo sentido diante da atuação dos sujeitos, o sentido de um lugar praticado. A rua que é pensada para o trânsito de pessoas e veículos ganha novos usos e significados pelos usuários que a transformarão em um espaço para pedestre ou para práticas esportivas quando não há trânsito de veículos automotores. Os espaços configuram-se, dessa forma, espaços da cultura do cotidiano (1998, p.202).

Os espaços culturais, portanto são locais em que há a possibilidade de produzir e consumir cultura, momento em que as tradições são manifestadas e transmitidas. Coelho (1997) aponta que os espaços culturais representam locais de promoção e de disseminação de simbologias e tradições. Para o autor, os espaços culturais representam não somente espaços, a fim de que os sujeitos tenham contato com representações da cultura, mas também podem representar uma área de influência da cultura fora de seu local de origem. Por isso, os espaços culturais servem como espaços de experimentação de novas experiências (1997, p.167).

Massey (2009, p. 29) indica três perspectivas para compreender a noção de espaço. A primeira diz respeito ao espaço como produto das interações e de inter-relações e, nesse sentido, compreende as práticas que correspondem às relações entre identidades e entidades. A segunda indica ser o espaço uma esfera de multiplicidade e conforma as questões de heterogeneidade e diferença. E, por último, o espaço, como processo incessante, como um sistema aberto em constante movimento. Para a autora, o espaço é produto de relações e da multiplicidade de situações e vivências que se projetam nos espaços sociais, econômicos, políticos e culturais. O sujeito produz o espaço, em interação com a sociedade, permeado por ações, trajetórias, movimentos que se conectam em constante construção de si e do outro.

O espaço permite existências plurais, que são múltiplas e devem ser respeitadas como indicadores das características de cada lugar. A expressão constante das vivências humanas é fruto de um movimento que revela a dinamicidade da cultura, quando as relações entre sujeitos

e lugares nos permite localizar as “referências pessoais e os sistemas de valores que direcionam as diferentes formas de perceber e constituir a paisagem e o espaço”, seja um espaço que se expressa pelo econômico, social, político e ou cultural.

Milton Santos (1994, p.122) destaca que o espaço é local de encontro entre passado e futuro, em que se cristalizam os momentos anteriores pelas relações sociais que se materializam naqueles espaços. Logo o espaço comporta dimensões culturais, sociais e antropológicas, condição para compreendermos também as populações que integram e fazem parte de um determinado espaço.

As universidades e instituições de ensino são espaços preferenciais de produção e transmissão cultural. As atividades de extensão, com o estímulo para a criação de núcleos e grupos, bem como área para a produção e promoção da cultura, contribuem para ampliar o repertório cultural e para a formação de novas plateias. O incentivo a ações culturais, decorrentes das atividades de extensão no ambiente acadêmico, certifica as instituições educacionais como centros de reflexão e produção da cultura, aliados à formação de profissionais para as mais diversas áreas de conhecimento.

As universidades e instituições de ensino se caracterizam como espaços fundamentais para a formação e desenvolvimento de habilidades profissionais. Essas instituições cumprem um papel estrutural na sociedade, ao oferecer ensino superior e promover o desenvolvimento e a formação de profissionais qualificados para a produção do conhecimento científico e oferta de profissionais qualificados para o mercado de trabalho (GOMES *et al*, 2014, FREITAS, 2008).

As universidades europeias surgiram no final do século XI e início do séc. XII. No Brasil, as universidades foram criadas, a partir do séc. XIX, por Dom João VI, sendo que, na instalação da República, havia cursos superiores instalados em Minas Gerais, Bahia, Rio de Janeiro e São Paulo, nas áreas de economia, agricultura, química e desenho técnico, cursos esses essenciais para a permanência da corte portuguesa na colônia (GOMES *et al*. 2014, p. 6 e 7).

Atualmente o Brasil oferece um sistema de ensino superior gratuito distribuído entre os três níveis da Administração Pública: Federal, Estadual e Municipal. Dados do INEP - Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira - autarquia vinculada ao MEC, aponta que, em 2018, o Brasil contava com 128 instituições estaduais de ensino superior; 110 instituições federais e 61 municipais. As instituições privadas totalizavam 2.238 no referido ano. No geral, as universidades oferecem 10,7 milhões de vagas em cursos de graduação. São vários os serviços e atividades existentes nas universidades públicas federais. Os alunos têm acesso a laboratórios, ginásios, espaços de práticas esportivas, espaços culturais, alojamentos,

restaurantes universitários, acessibilidade para pessoas com deficiências, além dos mais diversos programas de bolsas de estudos e iniciação científica (INEP, 2019).

A moradia estudantil integra as ações de assistência estudantil das universidades e sua importância, entre outras, está em considerar que uma parte dos alunos que recorrem à moradia, via assistência estudantil, são estudantes com vulnerabilidade socioeconômica (Barreto, 2014). Dessa forma, com a oferta de alojamentos estudantis, criados e mantidos pelas universidades, atendem parte dessa demanda.

Segundo a Secretaria Nacional de Casas de Estudantes - SENCE (2011) - são várias as categorias de moradias estudantis: os alojamentos, as repúblicas federais e particulares, casa de estudantes, pensões, etc. Entre elas, as repúblicas particulares são imóveis locados, para fins de moradia estudantil (SENCE, 2011), enquanto as repúblicas federais são mantidas, em prédios das universidades, estando presente no Brasil somente na cidade de Ouro Preto (SAYEGH, 2009,2012).

Existem duas possíveis explicações para o surgimento do termo “república”. Segundo Repolês (2013), uma interpretação diz respeito à autonomia que essas moradias tinham em relação à Universidade e a outra indica que, em 1889, quando da visita do Gabinete Parlamentar Imperial juntamente com o Ministro Ouro Preto, os estudantes afixaram na fachada das moradias estudantis a palavra “República” como forma de demonstrar rejeição ao regime Monárquico.

As repúblicas estudantis, federais ou particulares são espaços de moradia estudantil em que a gestão é praticada de forma autônoma por seus moradores (ESTANQUE, 2017). Para Colares (2016, p.2), por apresentarem dinâmica, gestão de recursos e funcionamento não sistematizados/institucionalizados, as repúblicas podem ser consideradas como espaços de gestão ordinária. Barros e Carrieri (2015, p.159) afirmam que a gestão ordinária diz respeito à gestão praticada pelos sujeitos de forma cotidiana e despretensiosa. Bomfim (2013, p. 6) aponta outra característica desses espaços que são as tarefas, responsabilidades e despesas divididas de forma igualitária entre seus moradores. Estanque (2011, p. 396) indica que a vida estudantil não se restringe à formação acadêmica, mas a vivências e aprendizagens fora dos espaços acadêmicos. Para esse autor, as atividades culturais e tradições ligadas à cultura estudantil, fazem parte da formação cívica dos sujeitos. As repúblicas assumem assim características de espaços de tradição e de formação de identidade para os jovens (ESTANQUE, 2008, 2017; BONFIM, 2013, SAYEGH, 2012; BLANC, 2009).

As repúblicas também são espaços de festas e confraternizações, nos quais são realizadas nas dependências próprias ou em outros locais da cidade. A exemplo de Coimbra e

Ouro Preto, as repúblicas estudantis e seus moradores são parte importante da vida boêmia das cidades e suas atividades culturais integrantes desse cenário, assumindo, na maioria das vezes, o protagonismo das iniciativas (ESTANQUE, 2011).

Em Coimbra, por exemplo, temos a Festa das Latas ou Latada, que acontece no início do período letivo, no mês de setembro, quando se comemora a chegada dos novos alunos; a Queima das Fitas ou Semana Acadêmica, evento comemorativo para celebrar o final do ano letivo; As Tertúlias, que consiste em um grupo de pessoas que se reúnem com regularidade, em um mesmo local, para discutir temas variados.

Em Ouro Preto, podemos citar A Festa do 12, realizada em 12 de Outubro, cuja principal característica é o encontro de ex-moradores das repúblicas; os “*rocks*”, festas realizadas pelas repúblicas para a arrecadação de recursos e para a confraternização entre os moradores e visitantes; O Miss Bixo, em que os calouros, apelidados de “*bixos*”, participam de um desfile usando fantasias e se apresentam para a comunidade estudantil; o Carnaval nas repúblicas, quando as repúblicas oferecem hospedagem e realizam festas em suas dependências, sendo que algumas repúblicas locam espaços para *shows* e oferecem bebidas e alimentação; A Batalha de Vagas, em que os calouros se candidatam para concorrer a uma vaga nas repúblicas, e a seleção envolve diversas etapas, podendo ser considerada também como uma atividade desenvolvida pelas repúblicas (MORAES; MIRANDA, 2011; SAYEGH, 2012; ESTANQUE, 2010,2017; BONFIM, 2013; COLARES, 2016).

Ao final do processo seletivo, o calouro somente será aceito se compartilhar das práticas próprias e específicas de cada república, assumindo mesmo o compromisso de repeti-las no futuro. Esse processo tem como finalidade valorizar a cultura vivenciada enquanto morador, que é base da república, cultura essa que será conhecida e partilhada pelos integrantes da república. Estas práticas partilhadas pelos membros da república são, para Freitas (2008), articuladas à noção de cultura, entendida como "um conjunto de significados compartilhados" que contribuem para a manutenção da república como um grupo.

Lavras - MG é conhecida como a cidade dos ipês e das escolas por abrigar instituições de ensino, como seminários, colégios e universidades pública e privadas. Sua principal instituição de ensino superior é a centenária Universidade Federal de Lavras - UFLA - que foi fundada, em 1908, como Escola Agrícola de Lavras e, posteriormente, denominada, em 1938, de Escola Superior de Agricultura de Lavras, sendo federalizada em 1963 e tornando-se, em 1994, universidade federal.

A UFLA, entre as instituições de ensino superior da cidade, é a única que oferece moradia estudantil que é a moradia conhecida popularmente como “Brejão” e localiza-se no

interior da UFLA, oferecendo 478 vagas para alunos, de ambos os sexos, em vulnerabilidade socioeconômica. Segundo dados da Pró-Reitoria de Assuntos Estudantis e Comunitários da UFLA - PRAEC -, a localização da moradia estudantil, no mesmo espaço físico da Universidade, requer que a universidade institua normas e regulamentos, próprios e específicos à gestão da moradia estudantil que estão diretamente sob a responsabilidade da PRAEC.

Assim o Brejão se caracteriza como um caso único na cidade, não havendo outras moradias estudantis com as mesmas características. Porém o número de vagas ofertadas, nos alojamentos da UFLA, é insuficiente para atender à demanda por moradia e se fazem necessárias outras formas de moradia estudantil.

Observamos que, em Lavras, a oferta de moradias para estudantes é feita em pensionatos, quartos em casas de família, albergues, hotéis e repúblicas estudantis. Essas vagas são anunciadas em murais espalhados pela universidade e em grupos nas redes sociais. É necessário afirmar que cada uma dessas modalidades de moradia possui regras próprias definidas pelos proprietários das casas de família, albergues e hotéis. As repúblicas estudantis, muitas vezes, alugam casas na cidade e atendem às regras dos locadores, além de suas próprias regras estabelecidas entre os moradores para a organização e a manutenção da república.

Além da demanda por moradia, os estudantes anseiam por participar das atividades recreativas e de lazer, como festas, recepções e integração de calouros. As festas que acontecem, no ambiente estudantil, podem ser entendidas como eventos de integração, socialização e rememoração e que ocorrem nas repúblicas ou em locais específicos (MORAES; MIRANDA, 2011).

Em Lavras - MG -, acontece a festa de 1 Dia, que comemora o início do período letivo da UFLA-MG; a Festa dos 100 dias, que anuncia o tempo restante para a formatura dos estudantes. Essa festa obedece a um ritual próprio: o início da comemoração ocorre no interior das repúblicas estudantis migrando para as ruas próximas à UFLA e estendendo-se, durante a madrugada, para um local de eventos, com duração até o amanhecer; a Festa para recepção dos calouros, quando os veteranos organizam atividades para cada curso buscando integrar os veteranos e os novos estudantes; outra tradição presente tanto em Lavras quanto em Ouro Preto é “Batalha por vagas”. Segundo Bonfim (2013, p. 14), este processo de batalha por vagas é uma etapa em que o aluno absorverá a filosofia, costumes e rituais da república a que está se candidatando como futuro membro. É o período de testes que determinará se o calouro será aceito como um membro efetivo da república.

Uma vez que as repúblicas estudantis abarcam uma cultura própria, com rituais, tradições e festas, caracterizando-se como espaços de convivência e moradia, local onde

ocorrem o compartilhamento de conhecimentos e assim requerendo uma organização comum entre seus moradores, podemos refletir sobre as repúblicas estudantis como espaços culturais que assumem características específicas quando pensadas sob a ótica das ações culturais

Assim, o presente estudo tem como pergunta central: Como as repúblicas estudantis universitárias de Lavras se constituem em espaços de realização de ações culturais?

1.1 Objetivo geral

Objetivo Geral: Analisar as repúblicas estudantis universitárias de Lavras como espaços de realizações culturais.

1.2 Objetivos específicos

- a) Realizar um mapeamento das repúblicas estudantis de Lavras/MG com dados georreferenciados;
- b) Descrever as ações culturais realizadas pelas repúblicas estudantis em Lavras;
- c) Analisar a percepção dos moradores/estudantes sobre repúblicas como espaços culturais;
- d) Indicar alternativas para que as repúblicas estudantis desenvolvam atividades culturais na cidade de Lavras.

2 JUSTIFICATIVA

A investigação aqui apresentada surgiu da busca por compreender as repúblicas estudantis, presentes na vida universitária, como espaços de realização de atividades culturais e pela representação e importância que elas adquirem nas cidades em que se localizam. Diversos autores (BONFIM, 2013; ESTANQUE, 2007, 2008, 2010, 2017; FREITAS, 2008; MACHADO, 2003; SAYEGH, 2009) apontam a importância das repúblicas, na organização das cidades, quando elas colaboram para a revitalização das cidades ao atraírem turistas, vivificar prédios históricos. As repúblicas também participam da vida política local quando reivindicam direitos e melhorias nas condições de vida.

A busca por artigos, para embasar este estudo, envolveu a pesquisa nos bancos de dados com os seguintes termos: “repúblicas estudantis”, “repúblicas universitárias”. Termos como “*students republics*”, “*university republics*” não retornaram resultados para essa busca inicial, sendo substituídos por “*students houses*” e “*students residences*”.

Os artigos foram analisados, inicialmente, para verificar sua relevância junto ao tema de investigação, buscando referências sobre origem das repúblicas estudantis, seu desenvolvimento, sua organização, suas tradições e seu impacto na vida da comunidade. Dos oito artigos encontrados, quatro não apresentavam relevância para este estudo: Fiori (2014) apresentava uma análise do júri sobre o caso da estudante Aline Silveira Soares, assassinada na Festa do 12, em Ouro Preto, no ano de 2001, mas sem aprofundar nas questões das repúblicas universitárias ou das festas; Brusadin e Kumagai (2018) e Flecha *et al* (2012) fazem um estudo sobre as hospedagens, citando as repúblicas como uma opção de hospedagem, mas não apresentam dados sobre as moradias, os republicanos ou informações mais relevantes para análise neste estudo; Marchetti e Carvalho (2011) fazem uma pesquisa sobre as denúncias, as reclamações de ruídos na cidade de Londrina - PR e citam que ocorrem denúncias contra repúblicas, sem aprofundar nas causas ou maiores informações sobre elas.

Os artigos restantes foram utilizados na pesquisa pelos motivos a seguir. Blanc (2015) analisou as contribuições das repúblicas à formação e desenvolvimento de seus moradores e como esse ambiente de convívio impactou no processo de individuação dos sujeitos. A autora utiliza dados de um estudo de campo, realizado entre os anos 2005 e 2009, na cidade de Campos dos Goytacazes, no interior do estado do Rio de Janeiro. Nesse estudo, foi analisado o processo de retorno dos estudantes para o núcleo familiar e a constituição de moradia própria após a formatura. O estudo conclui que o retorno à cidade de origem ou núcleo familiar estagnou o

processo de desenvolvimento da autonomia individual. Assim os estudantes que permaneceram na cidade apresentaram um perfil que favoreceu esse processo de autonomia.

Elísio Estanque (2007;2008;2010;2011;2017;) avaliou os rituais estudantis em Coimbra, Portugal. O autor verificou a forma como os alunos participam da vida na cidade e sua influência para o ambiente da boemia e da política. O autor investigou como a *práxis* universitária, código de regras e rituais que os estudantes da Universidade de Coimbra construíram, ao longo do tempo e que serve, ainda hoje, de manual para novos estudantes. O autor apontou como esses rituais surgiram e se desenvolveram, no decorrer do tempo, acompanhando as novas gerações de estudantes e mudanças da própria sociedade.

Nas suas publicações, o autor aprofunda as pesquisas e analisa aspectos políticos das repúblicas, indicando o protagonismo dos estudantes, em relação aos movimentos estudantis, em Coimbra, que manifestaram e protestaram em busca de melhores condições de vida (2011). O autor analisou os aspectos tradicionais e a formação de uma cultura republicana, como instituição de normas de conduta para os republicanos, sejam eles calouros ou veteranos (2007; 2008; 2010). Estanque ponderou também que a participação dos estudantes impactou nos aspectos culturais da cidade, tanto do ponto de vista da vida boêmia, como em atividades culturais produzidas pelos alunos. Nesse sentido, o autor constrói uma análise sobre como as tradições estudantis afetaram as rotinas culturais e festivas da cidade de Coimbra, com a inclusão de festas, reuniões e comemorações na rotina da cidade (2010;2017).

O historiador Otávio Luís Machado (2003;2013;2014) tem diversas publicações abordando a história e a influência das repúblicas estudantis na cidade de Ouro Preto. Seus estudos apresentam informações sobre a organização das repúblicas, tradições e comportamentos de seus moradores. Machado analisa os motivos, para o surgimento das repúblicas em Ouro Preto, o desenvolvimento de suas tradições e o impacto dessas moradias para as diversas questões de relacionamento e desenvolvimento de Ouro Preto.

Quando Ouro Preto deixou de ser capital do estado de Minas Gerais e ocorreu o abandono de diversas casas, a própria universidade adquiriu essas propriedades e designou algumas para moradias estudantis e outras para a administração da UFOP. Os próprios estudantes invadiram outras casas abandonadas e, por meio de greves e manifestações, exigiam a ampliação do programa de moradia ofertado pela UFOP, isso nos anos de 1960.

Bomfim (2013) considerou os diferentes rituais que acontecem nas repúblicas universitárias em Ouro Preto/MG, estudando a estrutura e indicando diversos rituais que compõem a cultura das repúblicas. Para ele, os rituais como rezas de cachaça, hinos e rimas,

compõem um importante acervo relacionado à tradição oral, ritual e da própria identidade estudantil.

Silva *et al* (2013) realizaram um estudo qualitativo e exploratório com 20 acadêmicos de cinco repúblicas da cidade de Jequié - BA, para compreender as inter-relações entre os sujeitos, bem como a organização no interior das repúblicas. O seu estudo também indicou aspectos relacionados aos vínculos criados entre os moradores das repúblicas, o seu significado para seus moradores, aspectos da convivência e a busca por individualidade, considerando o ambiente coletivo de convivência.

Sayegh (2009;2012) avaliou como a presença das repúblicas e de seus moradores afetam Ouro Preto como cidade histórica, uma vez que as repúblicas estão localizadas em prédios históricos pertencentes à UFOP. Para a autora, esses prédios só mantiveram sua caracterização, por causa da ocupação dos estudantes e que parte do movimento turístico da cidade se deve às festas e eventos organizados pelos moradores das repúblicas na cidade de Ouro Preto.

Colares (2016) indica a importância dos estudos, focalizando as formas de gestão desses espaços. As repúblicas possuem uma gestão própria, com divisão de despesas e responsabilidades e com uma hierarquia definida para seu funcionamento. O autor analisa o processo inicial do calouro quanto ao conhecimento dessa estrutura e organização até chegar ao posto de veterano e participar ativamente das atividades gerenciais.

Para Colares (2016), a gestão das repúblicas e suas formas específicas de organização, de forma geral, não tem sido foco dos estudos organizacionais e merecem atenção maior também por parte da Administração, que adota ocasionalmente esse tema como objeto de pesquisa. Muitos conceitos e modelos das organizações tradicionais estão presentes nas repúblicas estudantis, assim como podem ser observadas formas de gestão que não seguem os rituais preconizados pela administração tradicional.

Essa forma de gestão peculiar, voltada para o cotidiano, é chamada de gestão ordinária, sendo executada por sujeitos que não são profissionais da área de administração. Barros e Carieri (2015) afirmam que a gestão ordinária é moldada pelas práticas do cotidiano. Dessa forma, as práticas de gestão são lapidadas com o passar do tempo, acompanhando o desenvolvimento dos próprios moradores que iniciam a jornada como calouros e ainda não compreendem e dominam as dinâmicas da casa. Esse percurso inicial se desenrola até alcançar o *status* de veteranos, quando essas dinâmicas e práticas, próprias e específicas, estão incorporadas (COLARES, 2016, p.8). Essa perspectiva difere daquela que aborda a gestão das repúblicas via análise das hierarquias estabelecidas entre os moradores. Porém, a gestão ordinária quando enfatiza as práticas do cotidiano, pode servir de base para que se ressalte as

práticas cotidianas que ocorrem nas repúblicas que vem normalmente atreladas as experiências e vivências dos seus membros.

Assim, relacionar as repúblicas como espaços culturais tem relevância, pois, segundo Coelho (1997), um espaço cultural é destinado à promoção de cultura em que simbologias, significados e tradições podem ser apresentados e disseminados. Para esse autor, os espaços culturais apresentam inúmeros formatos e estruturas, de acordo com a sua gestão e financiamentos. No caso, as repúblicas com financiamento e gestão pelos próprios moradores apresentam uma configuração específica de espaço cultural.

Massey (2009) analisa a dimensão social do espaço e indica que é construída por relações entre os sujeitos. Para a autora, o espaço permite múltiplas existências que podem ser compreendidas pela pluralidade presente na contemporaneidade como produto de inter-relações. Esses espaços estão em constante construção e, dessa forma, seu estudo é importante para compreender como eles se organizam e influenciam as cidades em que estão localizados. Para Souza (2012), os espaços culturais são complexos e são ressignificados de acordo com o pensamento de sua época. Dessa forma, é necessário o estudo e análise para compreender sua evolução e suas relações temporais.

Os estudos acima indicam diversos olhares sobre as repúblicas estudantis e seus moradores. Sendo assim, há referências para embasar nosso estudo para investigar o papel das repúblicas. Realizamos o estudo na cidade de Lavras para compreender como as repúblicas se distribuem pela cidade, sua organização e tradição.

Além disso, os resultados aqui apresentados podem ser utilizados para a promoção e a diversificação das ações de cultura e extensão universitária, uma vez que o autor deste estudo é servidor da Pró-Reitoria de Extensão e cultura da UFLA e atua, voluntariamente, nas atividades do setor que ocorrem na cidade de Lavras. O mapeamento das repúblicas contou com o apoio da Pró-Reitoria de Extensão e Cultura (PROEC) da UFLA, que disponibilizou recursos e alunos para a realização desse o mapeamento.

Pela perspectiva pessoal, o autor desta dissertação, durante a graduação, foi morador de repúblicas estudantis na cidade de São João Del rei/MG. Assim, pôde vivenciar e participar das tradições, rituais e festas estudantis. A república em que teve abrigo, no período de 2005 a 2009, foi a República Recanto e, após a finalização do curso, foi agraciado com o título de membro honorário da República “A Ksa Láh”, fundada em 2009.

O tema das repúblicas e os aspectos culturais sempre tiveram presença em nossa trajetória estudantil. Assim atuamos na área cultural, nas cinco edições do Inverno Cultural da

Universidade Federal de São João Del-Rei - UFSJ - desenvolvendo atividades como oficinas culturais e produção de *shows*.

O ingresso na UFLA, como técnico administrativo, na Pró-Reitoria de Extensão e Cultura, contribuiu para o interesse no campo de estudo culturais, uma vez que nessa pró-reitoria se desenvolvem e se organizam as atividades culturais da Universidade e a promoção de eventos abertos para a população local. A especialização em Gestão Cultural nos possibilitou estudar uma atividade denominada “Corredor Cultural” que é um programa de circulação de ações culturais entre 19 universidades federais. Esse projeto tinha como objetivo a circulação de produtos culturais entre as instituições.

Dessa forma, as repúblicas estudantis universitárias e suas tradições, sua configuração como espaço de formação dos sujeitos e a possibilidade de fomento de ações culturais na cidade de Lavras, são temas próximos das vivências do autor deste estudo e de sua atuação profissional.

Diante do apontado até aqui, compreendemos que as repúblicas estudantis, sua configuração como espaço cultural e as possibilidades de ofertarem ações culturais que se integrem na cidade de Lavras é tema justificável para a realização de um estudo no Mestrado Profissional em Administração Pública.

3 UNIVERSIDADES E O SURGIMENTO DAS REPÚBLICAS ESTUDANTIS

Os alojamentos e moradias estudantis surgem juntamente com a instalação das universidades. O desenvolvimento desses espaços de moradia e o surgimento das repúblicas estudantis aconteceram ao longo dos últimos séculos. Entender como as universidades surgiram e se disseminaram levando consigo a demanda por moradias é necessário, para compreender o que entendemos por repúblicas estudantis, suas características, como espaços sociais e de convivência e as formas específicas de organização.

Segundo Tylor (1871), os modos de vida e costumes são características culturais e, portanto, a cultura é um dos componentes para entendermos as repúblicas estudantis como espaços culturais. Nos capítulos a seguir, analisaremos o surgimento e desenvolvimento histórico das universidades, as moradias estudantis, as repúblicas e suas tradições, bem como os conceitos de cultura e as relações que conformam esses espaços para que possam ser entendidos como espaços culturais.

3.1 Universidades

O surgimento das universidades remete à Europa entre os séculos XI e XII. No ano de 1088, surgia, na Itália, a Universidade de Bolonha (ANDRADE, 2014) e, por volta de 1150, a universidade Sorbonne, na França. Essas Universidades pioneiras absorviam o papel social das instituições religiosas que marcam a origem das universidades, atuando como centro de produção de conhecimento. Entre os séculos XII e XIII, surgiram na Inglaterra as Universidades de Cambridge e Oxford; Siena, Nápoles e Pádua, na Itália; Salamanca na Espanha e, em Portugal, a Universidade de Coimbra no ano de 1290 (GOMES *et al*, 2014).

As universidades surgiram, a partir das *studia generalia*, nome que designa as universidades na Idade Média. Essas instituições de ensino tinham três características: recebiam alunos de todas as origens; o ensino das artes e Direito, ou Teologia e ou Medicina; e os conteúdos eram ministrados por mestres. Essas escolas tinham como objetivo a formação religiosa, mas também ofereciam acesso a conhecimentos amplos e universais, assumindo o termo *universitas* indicando agrupamento, universalidade (GOMES *et al* 2014 p. 3, SAYEGH, 2009).

As disciplinas eram divididas entre o *trivium* (gramática, retórica e lógica) e o *quadrivium* (aritmética, geometria, astronomia e música). Com o surgimento das universidades laicas, o estudo de leis foi adicionado às disciplinas ofertadas, para atender à demanda jurídica

ligada à área mercantil (SANTOS; ALMEIDA FILHO, 2008, p. 114). Essas instituições acabavam por atender, no séc. XV, às demandas comerciais ligadas ao capitalismo e ao humanismo literário. As Artes mecânicas, que seriam equivalentes às engenharias, não eram ensinadas em universidades. Sua transmissão era realizada diretamente entre mestres e aprendizes. A Medicina, apesar de já ser ensinada em escolas de preparação de médicos, somente se tornou integrante dos conhecimentos universitários a partir do século XIII (SANTOS; ALMEIDA FILHO, 2008, p. 114).

O domínio tradicional da igreja foi rompido no séc. XVI em razão da reforma e da contrarreforma religiosa, permitindo assim que as universidades se configurassem como importantes centros de pesquisa e ensino na modernidade (GOMES *et al.*, 2014 p.5). A separação da religião e a conquista do ensino laico permitiram mais liberdade na busca de conhecimento científico. Assim as três faculdades clássicas, Teologia, Direito e Medicina, denominadas Faculdades Superiores, originaram a designação de ensino superior para o ensino universitário, adicionado a Faculdades de Filosofia (SANTOS; ALMEIDA FILHO, 2008, p. 115)

O modo de produção capitalista consolidou-se e juntamente com a revolução industrial no sec. XVIII, fez surgir a demanda por mão de obra especializada. Surgiu, assim, a necessidade de integração entre práticas e os conteúdos teóricos e fundamentais, visando à formação integral que relaciona ensino e sociedade (GOMES *et al.* 2014 p.5).

A partir do séc. XIX, várias universidades permitiram a seus professores e alunos a liberdade de buscarem a verdade científica sem restrições ideológicas, religiosas e políticas. Nesse período, surgiu também o conceito de extensão universitária, que propiciava a troca de saberes entre comunidade interna e externa e o conceito de “universidade aberta” indicando o acesso a todos os indivíduos (SAYEGH, 2009 p. 83).

Durante o Séc. XIX e metade do Séc. XX, diversos modelos de formação superior conviviam na Europa, sendo que cada país poderia organizar o seu próprio modelo de formação e de estruturação das universidades. Com a consolidação da União Europeia, nos anos 1990, uma padronização se fez necessária, uma vez que os países que a compunham já possuíam diversos acordos para a integração econômica e política. Em 1999, os ministros de educação dos países membros da União Europeia assinaram a Declaração de Bolonha, prometendo implantar a compatibilidade de formações entre as universidades europeias. Esse acordo ocasionou uma extensa reforma universitária entre todas as 46 nações, de forma a adotar critérios semelhantes para acreditação, avaliação, estrutura curricular e mobilidade estudantil (SANTOS; ALMEIDA FILHO, 2008, p. 127).

O surgimento das universidades e sua disseminação colaboram à circulação de ideias e permite acesso a públicos maiores e diversificados. Dessa forma, os conhecimentos produzidos e compartilhados irão impactar diretamente no desenvolvimento econômico, social e cultural dos locais em que estão localizadas.

3.2 Universidades no Brasil

A criação das Universidades no Brasil foi marcada pela resistência de Portugal em criar essas instituições na colônia, uma vez que as famílias pertencentes às elites encaminhavam seus filhos à Europa para a formação superior. Segundo Sayegh (2009), eram grupos compostos por filhos de famílias abastadas e por bolsistas da Coroa portuguesa, apesar de já existirem instituições de ensino superior no Brasil desde o séc. XVI, com cursos voltados principalmente para as áreas de artes e teologia. A criação de uma universidade no Brasil já havia sido cogitada pelos jesuítas no séc. XVI, mas foi recusada pela Coroa Portuguesa, que preferia dirigir os alunos para Coimbra (FÁVERO, 2006, p.20). No século XVIII, os inconfindentes cogitaram a criação de uma universidade, na região de São João Del Rei/MG, mas com o fracasso do movimento, essa ideia também não foi concretizada (SAYEGH, 2009, p. 85).

No Séc. XIX, com a transferência da Coroa Portuguesa para o Brasil, D. João VI instituiu, em 18 de fevereiro de 1808, a Escola de Cirurgia da Bahia, considerado o primeiro curso universitário do Brasil. Essa Escola iria originar a Universidade Federal da Bahia - UFBA. Durante o séc. XIX, outros cursos seriam incorporados à instituição de ensino: Farmácia (1832), Odontologia (1864), a Academia de Belas Artes (1877), Direito (1891) e Politécnica (1896). No século XX, foi instalada a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras (1941). No ano de 1950, foi transformada oficialmente em Universidade Federal da Bahia (UFBA, 2020).

Em 5 de novembro de 1808, D. João VI criou, no Rio de Janeiro/RJ, a Escola Anatômica, Cirúrgica e Médica, situada no Hospital Militar do Morro do Castelo. No ano de 1813, foi fundada a Academia Médico Cirúrgica no Rio de Janeiro e, em 3 de outubro de 1832, foi transformada em Faculdade de Medicina.

A Faculdade de Medicina funcionava como escola isolada até a criação da Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ em 1920. Em 1937, após sua reorganização, a Universidade Federal do Rio de Janeiro passou a se chamar Universidade do Brasil. No ano de 1967, voltou a assumir o nome de Universidade Federal do Rio de Janeiro, mantendo-se até os dias de hoje (UFRJ, 2020).

Segundo Gomes *et al* (2014), a instalação dos cursos tinha como objetivo sanar demandas nas áreas de Economia, Agricultura, Química e Desenho Técnico. Para Cunha (1980), os cursos tinham como função a formação de profissionais, para exercer funções públicas, especialistas em bens simbólicos e profissionais de nível médio.

Em Minas Gerais, foi criada em 4 de abril de 1839, a Escola de Farmácia de Ouro Preto, sendo considerada a mais antiga da área farmacêutica da América Latina. Em 12 de outubro de 1876, foi inaugurada a Escola de Minas de Ouro Preto. Ouro Preto foi escolhida pela riqueza geológica em seu território e na região. Essas escolas foram unificadas, originando a Universidade Federal de Ouro Preto - UFOP - instituída em 21 de agosto de 1969 (UFOP, 2020).

A Universidade Federal de Lavras teve um processo diferente de criação. Em 1908, foi criada a Escola Agrícola de Lavras, pelo Dr. Samuel Rhea Gammon e Dr. Benjamin Harris Hunnicutt, dois estadunidenses que vieram ao Brasil para integrarem a equipe do Instituto Presbiteriano Gammon. Em 1938, a escola agrícola passou a ser chamada de Escola Superior de Agricultura de Lavras (ESAL) e, no ano de 1963, ocorreu a federalização para que, em 1994, tornasse uma universidade federal.

Com o surgimento e criação das universidades e uma busca por uma política unificada de ensino superior no Brasil, tem início, em 1966, a um processo de discussão que marcou o início da Reforma Universitária de 1968. Entre as medidas propostas nessa reforma, que visavam também à maior eficiência e produtividade das universidades, tivemos a implementação dos sistemas departamentais, os vestibulares unificados, o sistema de crédito acadêmico, a matrícula por disciplinas, a carreira do magistério e a pós-graduação (FÁVERO, 2006, p.34).

Essa reforma aconteceu, nos primeiros anos da ditadura militar, vigente desde 1964 até 1985, período marcado por inúmeros protestos estudantis, os quais foram responsáveis por mobilizar a população quanto à emergência dos problemas educacionais (FÁVERO, 2006, p.32). A reforma educacional proposta pelo governo encontrou resistência tanto por parte das alas conservadoras da estrutura universitária, quanto por parte das representações estudantis. Por fim, a reforma resultou em uma estrutura que não rompeu com o que existia anteriormente e implementou pautas que geraram mais atritos nas universidades (SANTOS; ALMEIDA FILHO, 2008, p. 137).

O período de redemocratização (1981-1988) foi de crises econômicas que iriam afetar diretamente as universidades públicas que ficariam submetidas ao subfinanciamento,

desencontros administrativos, greves e falta de reconhecimento por parte da população (SANTOS; ALMEIDA FILHO, 2008, p. 137).

A constituição de 1988 trouxe várias inovações para as políticas de educação superior (CEZNE, 2006). Nessa constituição, a educação é tratada como um direito social e é considerada condicionante para outros direitos, como à cidadania e à dignidade da pessoa humana (CEZNE, 2006, p.116).

O acesso ao ensino superior é visto como forma de garantir a igualdade de acesso, levando em conta as capacidades de cada um e tornando públicas as formas e os critérios de seleção (CEZNE, 2006, p.122). O vestibular se torna o principal mecanismo de ingresso na universidade, aferido pelo conhecimento dos candidatos e garantindo a legitimidade do ingresso em uma universidade pública (MALISKA, 2001, p.233 apud CEZNE, 2006, p.122 e 123).

A Constituição de 1988, em seu artigo 207, trata ainda da autonomia universitária nos campos didático-científicos, administrativo e em sua gestão financeira e patrimonial. Esse foi um importante avanço ao desenvolvimento das universidades, para que elas pudessem se tornar entidades produtoras de conhecimento voltadas ao ensino, à pesquisa e à extensão (CEZNE, 2006, p.123).

O Art. 209 da Constituição de 1988 prevê a coexistências de entes privados e públicos, em todos os níveis de ensino, mas a livre iniciativa das instituições privadas está condicionada às regras do poder público que será responsável pela autorização de funcionamento e pela avaliação da qualidade dos serviços prestados (CEZNE, 2006, p. 125). Assim como as instituições de ensino estatais, as instituições privadas estão submetidas à Lei de Diretrizes e Bases da Educação, seguindo os princípios da Constituição. Quanto ao financiamento, a LDB define, em seu Art. 7º, que as instituições de ensino privadas devem ser capazes de autofinanciamento. Os recursos públicos são destinados preferencialmente às instituições públicas, podendo também dispô-los às instituições comunitárias ou filantrópicas (Art. 213 da Constituição de 1988).

Nos anos 2000, tivemos a implementação do Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (REUNI) que tinha como objetivos principais aumentar a taxa de conclusão dos cursos de graduação, expandir o número de vagas e uma otimização das estruturas físicas e recursos humanos (ARAUJO e PINHEIRO, 2010, p.659).

Uma das novidades que o REUNI provocou à gestão das universidades foi a liberdade para as universidades decidirem como alcançar as metas do plano, implantação de diversos mecanismos de acompanhamento e avaliação das ações e um enfoque em resultados

qualitativos e quantitativos. Além disso, houve a preocupação com mecanismos de inclusão social para garantir oportunidades de acesso e permanência dos alunos (BRASIL, 2007, p. 10).

Assim, caberia a cada universidade pública aderir ao REUNI, respeitando o princípio da autonomia universitária e considerando, sobretudo, as características e potencialidades de cada instituição e de suas localidades. O REUNI foi lançado em 2007, por meio do Decreto nº 6.096 com duração de cinco anos, assim, nesse período, foram criadas 14 universidades federais e mais de 100 novos *campi*. O número de municípios atendidos era de 114, em 2003 e, ao final de 2011, eram 237 municípios atendidos (MEC, 2020).

Segundo dados do INEP, no ano de 2018, o Brasil possuía 199 universidades, sendo que desse total, 107 são universidades públicas distribuídas da seguinte forma: 63 federais, 40 estaduais e quatro municipais; as universidades privadas totalizam 92 unidades.

A criação das universidades e sua implementação nas cidades acaba por mudar a dinâmica da cidade, mas também dinamizar a economia permitindo estabelecer novos espaços de educação e convivência. As cidades que recebem as universidades, principalmente as de pequeno e médio porte, têm seus espaços e organização alterados, sendo inclusive conhecidas como “cidades universitárias”, indicativo de pequenas cidades que formam um campus universitário (SAYEGH, 2009, p.22).

Sayegh indica outras características das Cidades Universitárias como uma economia relacionada com as demandas da Universidade, nas áreas de alimentação, moradia, lazer, serviços; espaço urbano relacionado com a rotina de professores, alunos e técnicos da universidade, que acarreta um fluxo migratório, afetando serviços e estruturas que deverão ser ampliadas para atender essa demanda. Assim, os novos habitantes impactarão a vida política, a economia, a cultura e até a organização da própria sociedade (SAYEGH, 2009, p. 23). A dinâmica da cidade passa a ser marcada pela vida estudantil, convivendo com as tradições locais, que irão interferir na dinâmica do espaço urbano.

A instalação de um campus universitário molda a cidade, uma vez que o planejamento do campus deve se relacionar de forma autônoma, porém complementar, ao planejamento da cidade. Assim, a existência de um campus universitário gera potencialmente investimentos em infraestrutura em várias áreas e interfere na tipologia e padrões de construções (FARRET, 1985)

Um aspecto importante é a relação entre os moradores da cidade e os estudantes das universidades, uma vez que eles movimentam a economia local, mas afetam a tranquilidade das cidades (SAYEGH, 2009, p.24). Com os estudantes chegam as festas, manifestações, ocupações de bares, movimentação da vida cultural, mudanças que causam conflitos, que, às vezes, não são resolvidos por meio do diálogo, mas chegam a gerar processos judiciais,

forçando o poder público a criar leis, para coibir o barulho e minimizar a perturbação da tranquilidade, gerados pela dinamicidade da vida estudantil, quando cada cidade irá instituir mecanismos para lidar com essas mudanças (SAYEGH, 2012, p.4).

O processo de criação das universidades e seu desenvolvimento envolverá ainda políticas de permanência dos estudantes, sobretudo, para os de vulnerabilidade socioeconômica, visando que possam concluir a sua formação. A criação das moradias estudantis facilita a permanência dos estudantes oriundos de outras cidades e que não possuem meios de manter moradia própria sem o apoio das universidades.

Após a análise, de forma geral, da histórica do ensino superior no Brasil, podemos constatar que as universidades brasileiras ainda são muito jovens em comparação às universidades europeias. Apenas no século XX e início do século XXI, houve políticas e ações governamentais para a criação de desenvolvimento das instituições de ensino superior públicas e privadas.

O REUNI, iniciado em 2003 e encerrado em 2017, foi responsável por aumentar o número de municípios atendidos por instituições de ensino superior públicas de 114, em 2003, para 237 em 2017. Ao mesmo tempo, é importante ressaltar que as políticas para as universidades devem primar pela qualidade do ensino e pelo acesso a toda a população ao conhecimento produzido. Além disso, a criação de vagas e expansão do ensino superior precisam estar acompanhadas de ações para garantir o desenvolvimento e o financiamento em bases estáveis para evitar retrocessos quanto a mudanças políticas.

3.3 Diversidade dos modelos de moradias estudantis

Na Europa, as moradias estudantis surgiram juntamente com as instituições de ensino. O caráter religioso das primeiras instituições de ensino europeias tinha uma estrutura não somente de ministração de aulas, mas de estadia para seus frequentadores. As moradias continham cozinhas, refeitórios, salas de uso comum, biblioteca, quartos, salas de aula e capelas. Andrade (2014) indica como exemplo dessa estrutura o Colégio de *La Sorbone* em Paris.

A mudança dos estudantes universitários para as cidades criou uma demanda por moradias, uma vez que nem todos os alunos podiam se beneficiar dos alojamentos das instituições de ensino. Eles precisam se organizar e buscar nas cidades outras formas de moradia durante a formação. Andrade (2014, p.31) afirma que esse é um importante passo, para a emancipação desses estudantes, que aprenderiam a lidar com sociabilidades distintas nesses

espaços de vivência. Os alunos viviam sozinhos ou em grupos, fazendo uso de casas ou quartos alugados nas cidades, em pensões para estudantes ou “vivendo de modo comunitário em casas de estudantes autorizadas ou supervisionadas pela instituição de ensino superior” (ANDRADE, 2014, p. 29). Essas casas de estudantes eram administradas por um mestre de artes ou um estudante que estivesse em um grau mais avançado nos estudos, tal qual uma extensão da Universidade.

Para Andrade (2014), as modalidades de moradia estudantil, na Europa, não tiveram alterações consideráveis, ao longo do tempo, podendo, atualmente, ser classificadas da seguinte forma:

- a) Aluguel privado (casas ou quartos alugados diretamente com os proprietários);
- b) Residências universitárias (podem ser estatais, institucionais, religiosas etc.);
- c) Lares de acolhimento (famílias ou instituições que acolhem estudantes sem custos);
- d) Alojamento cooperativo (repúblicas universitárias, casas comunitárias etc.).

Nos Estados Unidos da América, os alojamentos cooperativos são formados por organizações denominadas *Fraternities* (masculinos) ou *Sororities* (femininos). Segundo Pike (2020), as *fraternities* e *sororities* são parte importante do sistema educacional universitário dos EUA. Routon e Walker (2019) afirmam que mais de 750 mil estudantes fazem uso desse tipo de moradias e que existem 9 milhões de ex-moradores vivos nos EUA, segundo a *North American Interfraternity Conference* (NIC), instituição formada por 58 *fraternities*.

No Brasil, a Secretaria Nacional de Casas de Estudantes - SENCE (2011) - assinala que existem três tipos básicos de moradia estudantil: a residência estudantil, que é de propriedade das instituições de ensino superior ou de ensino médio e técnico, podendo também ser chamada de alojamento; casas autônomas de estudantes, uma morada administrada de forma autônoma, seguindo estatutos de sociedade civil e a república estudantil, um imóvel locado coletivamente para fins de moradia estudantil.

No Brasil as moradias estudantis foram concebidas por instituições religiosas e fundações entre os anos 1920-1930. Gomes et al. (2014) registram que essas casas eram consideradas uma necessidade moral, pois iriam substituir as relações familiares dos alunos, além de oferecerem abrigo e viabilizarem a permanência dos estudantes na Universidade (GOMES et al p.11). A Casa do Estudante do Brasil foi fundada, no Rio de Janeiro, em 1929, originando em 1937 a União Nacional dos Estudantes - UNE.

Importante conquista implementada, a partir do Governo Vargas, foi a assistência estudantil que visava ao apoio e permanência dos estudantes na universidade. Entre os anos 1940 e 1950, foram criadas as chamadas cidades universitárias, onde se fixariam docentes e estudantes que frequentavam as universidades federais e ou estaduais. Na década de 1970, o governo identificou a demanda de construção de mais habitações estudantis e criou o Departamento de Assistência ao Estudante - DAE, vinculado ao Ministério da Educação. Esse departamento tinha o objetivo de manutenção das políticas de assistência estudantil tendo como prioridade a alimentação, a moradia e a assistência médica e odontológica (BARRETO, 2014, p. 30-31).

A moradia estudantil integra as ações de assistência estudantil das universidades e sua importância se evidencia, sobretudo, para aqueles com vulnerabilidade socioeconômica (BARRETO, 2014). A assistência estudantil “pode ser entendida como a possibilidade de proteção social, por meio de subsídios, apoio, orientação e referência (BARRETO, 2014, p. 30). Ressalta-se que, em grande parte das instituições, a moradia estudantil é composta por alojamentos coletivos, seguindo regras e procedimentos da instituição de ensino que os mantém.

A atuação das instituições de ensino contribui para sanar parte da demanda por moradias estudantis. Segundo dados do Fórum Nacional dos Pró-reitores de Assuntos Estudantis - FONAPRACE (2011), 2,52% dos estudantes residem em moradias pertencentes às instituições de ensino superior. Os demais estudantes residiam com pais, cônjuge ou companheiro (65,15%); casas de amigos/familiares (7,18%), casa mantida pela família/pensão/hotel/pensionato/república particular (18,16%), moradia pública/religiosa e outras (0,66%) (FONAPRACE, 2011).

Assim, surgem os diversos modelos de moradia estudantis, para suprir a demanda e atender aos diversos perfis de estudantes, podendo o aluno optar não somente pelo modelo adequado às suas necessidades econômicas, mas também às suas preferências individuais de convivência e interação.

3.4 Repúblicas e os modos de viver estudantis

A presença das universidades altera a dinâmica das cidades, não só em relação à infraestrutura, mas também pela vivacidade que os jovens trazem a essas cidades. Por outro lado, esse fato permite a existência e o encontro da diferença (MASSEY, 2008).

Em muitos casos, a alegria própria da juventude provoca conflitos com os moradores. Via de regra, ser vizinho das repúblicas estudantis é sinônimo de conviver com festas quando a privacidade e a tranquilidade são alteradas. Os estudantes possuem uma rotina provinda do mundo acadêmico e desenvolve um estilo de vida associado a esse contexto.

Sayeg (2012, p. 4) nos lembra que historicamente os estudantes não eram bem-vindos em algumas localidades. Le Goff (1998, p.66) associa a “censura” que sofre os estudantes com aquela que aflige, atualmente, os moradores das zonas periféricas. O “clima de ambivalência”, estabelecido entre cidade, universidade e seus estudantes se manifesta, de um lado, no usufruto da cidade relacionado aos vários benefícios econômicos e prestígio social por abrigar uma universidade e, de outro, acolhe e hospeda “baderneiros que perturbam a ordem local”.

Assim a cidade, ao mesmo tempo comemora a presença das instituições de ensino, mas manifesta, também, hostilidade para com os seus estudantes. Sayegh, (2009, p. 77) afirma que o diploma almejado pelos alunos pode significar uma alteração nas condições de vida, uma vez que está associado à ascensão social e obtenção de melhores vagas no mercado de trabalho.

Na universidade de Coimbra, por exemplo, a preocupação com a moradia estudantil está presente desde seu surgimento. No Séc. XIII, quando a universidade foi fixada em Coimbra, o espaço urbano começou a ser influenciado pelas demandas geradas pelos novos moradores da cidade (SAYEGH, 2009, p. 113).

Para que os estudantes de outras cidades pudessem se alojar, D. Dinis, regente de Portugal, construiu casas que foram arrendadas para moradia coletiva, surgindo, assim, as “Nações” (SAYEGH, 2009) em que eram alojados estudantes de um mesmo país ou região, sendo esse modelo de moradia a origem das repúblicas estudantis.

São diversas as referências quanto ao surgimento do nome “República”. A referência principal está associada ao governo republicano, um sistema que elege seu governante pelo voto de seus cidadãos. Os moradores vivem sobre o mesmo teto, dividem as tarefas e despesas e comungam de uma vida particular, características essas que conformam um sistema republicano (SAYEGH, 2009, p. 112).

República vem do latim *res publica*, o bem público, indicando a coisa pública, a coisa comum (LAFER, 1989, p.215). No caso de Portugal, sugere-se que o nome tenha sido adotado ainda, durante a Monarquia, como forma de demonstrar descontentamento com a forma de governo imperial (LAMY, 1990, p.483). Outro fato relevante para a adoção desse nome é que, mensalmente, um dos moradores é “eleito”, para presidir a república e ser responsável por questões relativas à gestão da moradia, às compras de gêneros alimentícios e material de limpeza e organização das finanças (SAYEGH, 2009).

Em Ouro Preto-MG, cidade que mantém moradias estudantis vinculadas à universidade Federal, a explicação para o termo “República” guarda referência, de um lado, com a autonomia que cada uma das repúblicas federais tem em relação à universidade, com regras e organizações próprias. A segunda referência remonta ao período de transição da Monarquia para a República no Brasil. Em 1889, o Ministro Ouro Preto, juntamente com o gabinete parlamentar imperial, visitou a então capital de Minas Gerais, Vila Rica e, durante sua visita, os estudantes afixaram faixas e cartazes nas portas e fachadas das moradias estudantis com os dizeres “República” (REPOLÊS, 2013, p.54).

As repúblicas estudantis, federais ou particulares, são espaços de moradia estudantil, em que a gestão é praticada por seus moradores de forma autônoma (ESTANQUE, 2017). Para Bomfim (2013, pág. 6), outra característica desses espaços são as tarefas, responsabilidades e despesas compartilhadas igualmente entre os seus moradores.

Em Ouro Preto, fazia parte da formação das repúblicas as “comadres”, cozinheiras que acabavam se integrando à república pelos serviços prestados ao longo dos anos. Além disso, as repúblicas tinham estatutos internos, placas, gritos de guerra que iriam caracterizar cada uma delas (SAYEGH, 2009, p. 115), e no Brasil, somente as repúblicas de Ouro Preto possuem uma estrutura de funcionamento semelhante à de Coimbra. Essas semelhanças estão presentes nos trotes, festas tradicionais, hierarquia interna, tradição do ex-aluno, sendo também consideradas patrimônios culturais.

Uma análise da forma de gestão das repúblicas se faz necessária, uma vez que são espaços pouco analisados pelos estudos organizacionais (COLARES, 2016, p.1). Esses espaços são ocupados por estudantes dos mais diversos cursos e origens, apresentam uma dinâmica própria e gerem os próprios recursos para manter as repúblicas em funcionamento.

Conforme Colares (2016, p.2), essas características indicam uma gestão não sistematizada e não institucionalizada, que alguns autores qualificam como gestão ordinária, entendida como aquela realizada “no cotidiano dos negócios ordinários, dos pequenos negócios e é uma prática social e cultural formada por uma pluralidade de códigos, referências, interesses pessoais e relacionais” (CARRIERI *et al*, 2014, p. 700). É uma gestão que se distancia da abordagem gerencialista, predominante nos estudos organizacionais, para enfatizar o cotidiano e as vivências que acontecem, em um espaço marcado pela informalidade e levando em conta “aspectos históricos, sociais, culturais e indenitários” (CARRIERI *et al*, 2014).

Assim a gestão ordinária considera o cidadão comum, em seu cotidiano, que gere e administra negócios ordinários, tecendo redes e estratégias, a partir das relações criadas e vivenciadas. As práticas aparecem nas táticas e nas estratégias de sobrevivência dos sujeitos e,

por meio delas, pode-se observar o uso criativo e oportunista do tempo e do espaço (CARRIERI *et al.*, 2014, p. 699).

Colares (2016, p.4), identifica, nas repúblicas estudantis, uma estrutura organizada que se manifesta na gestão financeira, no *marketing*, quando seus integrantes criam marcas identitárias, apresentando ritos e rituais que se estabelecem nos aspectos simbólicos no funcionamento das repúblicas. Ainda existe nas repúblicas uma hierarquia construída com o passar do tempo, em que os mais experientes e com mais tempo de vivência na república adquirem *status* e indicam caminhos para a tomada de decisões em questões mais relevantes.

Um calouro terá direito a voto e participará das decisões somente quando se tornar morador permanente. O *marketing* se torna evidente pelas “marcas” sugestivas que os moradores criam para identificar sua república. Esses nomes, “marcas” se fazem conhecer, quando a república participa em eventos externos, geralmente em parceria com outras repúblicas e quando a caloura porta uma “tabuleta” indicativa do seu ingresso naquela república.

A gestão financeira será responsável por cuidar das despesas e recebimento das devidas mensalidades de cada morador. Uma república pode abrigar, por exemplo, 15 pessoas, que serão responsáveis, em seu conjunto, pela manutenção do imóvel e eletrodomésticos, liberação de recursos para compra de alimentos e outros itens que se fazem necessários. A gestão financeira cuidará ainda dos recursos provenientes das festas promovidas pelos integrantes e que se destinam para comprar itens como alimentos, bebidas e segurança para aquele evento (COLARES, 2016, p.5).

Portanto, as funções são distribuídas, de acordo com uma hierarquia, cujos veteranos assumem a gestão financeira e a organização das tarefas da casa. Essa hierarquia segue com os “*semibixos*”, que são os iniciantes ou aqueles que acabaram de sair da condição de *bixo* e já conquistaram seu lugar na casa e, por último, os “*bixos*”, aqueles que estão se candidatando a um lugar na república e buscando sua aceitação nessa organização. Esses “*bixos*” geralmente assumem a função de realizar as atividades braçais e outras funções que, via de regra, nenhum outro morador queira assumir (COLARES, 2016, p.6-7).

A distinção das repúblicas se realiza no “batismo” da república, aquelas “marcas” as quais nos referimos anteriormente. A república se fará conhecer por nomes das regiões de origem dos moradores e mesmo por nomes pitorescos, criativos e engraçados. Em Coimbra, temos, por exemplo, a república dos Kágados, Palácio das Loucuras e Marias de Loureiros, entre outros. Em Ouro Preto, temos Vaticano, Consulado da Paraíba, Verdes Mares, Castelos dos Nobres e outras (SAYEGH, 2009; SILVA E MADEIRA, 2009).

Como parte da cidade, as repúblicas de Coimbra buscaram uma organização para lidar com os problemas de seu cotidiano e das relações entre as repúblicas. Assim, em 11 de dezembro de 1948, foi criado o Conselho de Repúblicas em Coimbra. O Conselho de Repúblicas atua, por meio de assembleias voltadas para resolver os problemas ligados às casas, garantia de sua subsistência e também discutem o aumento do número das repúblicas (GIL, 2018, p. 56).

Em 1957, as tradições e costumes das repúblicas de Coimbra foram compiladas no Código da Praxe Acadêmica, que trata das obrigações, hierarquias e rituais envolvendo os estudantes. A Praxe é reconhecida pela Universidade de Coimbra e enuncia a forma de recepção dos calouros, como também indica as relações esperadas entre calouros e veteranos, chegando mesmo a um detalhamento da oficialização da república por meio do nome e emblema aprovado pelo Conselho das Repúblicas (SAYEGH, 2009,2012). A fachada da casa deveria ter uma placa com o nome da república e a realização de um evento que marcasse a sua inauguração com a presença de todos os moradores, representantes das outras repúblicas e de seu presidente (SAYEGH, 2009, p. 113).

Frias (2003, p. 83) afirma que parte das tradições contidas na praxe serão reflexo da própria universidade. Alguns costumes e tradições se fazem notar, como, por exemplo, a Capa e Batina, que é o uniforme que identifica o estudante de Portugal, como também a referência aos veteranos pelo título de Doutor, como também o apadrinhamento de calouros, o anel de identificação do curso que indica a hierarquia entre doutores e os calouros. Outras tradições foram incorporadas de fontes populares, como a algazarra, o fado, as procissões, comportamentos de honra e vinganças, entre outras. Assim a Praxe e as tradições formam um híbrido entre o acadêmico e o popular e revelam a conexão entre a universidade e a sociedade.

Estanque (2011, p.396) aponta que a vida estudantil dos republicanos não se restringe somente à formação acadêmica, mas a vivências e aprendizagens externos aos espaços acadêmicos. Para Estanque (2007; 2008a, 2008b), a participação dos chamados “republicanos” atinge as questões políticas e de lutas de classe em Coimbra. A chegada de jovens das mais variadas regiões e classes sociais transforma a cidade que é marcada pela presença e vida estudantil. Assim, rebeldia da juventude e efervescência de ideias propiciadas pelo livre pensamento da academia repercutem nas práticas e vivências dos estudantes (ESTANQUE 2008a, p.7).

Assim, as repúblicas tornaram-se um espaço de discussão de ideias, às vezes, contestadoras do poder político. Como forma de protesto, os republicanos suspenderam as praxes e festas acadêmicas, demonstrando a importância dessas atividades (ANDRADE, 2014,

p.57-58). É importante ressaltar que a Praxe é construída, a partir das vivências dos republicanos e, pelo dinamismo da vida estudantil, são ajustadas e dinamizadas de acordo com a sociedade em que estão ancoradas

Para Frias (2013), as atividades culturais e tradições ligadas à cultura estudantil fazem parte da formação cívica dos acadêmicos, sendo que o envolvimento e participação nas festas tradicionais integram essa formação cívica. As Praxes começam no momento da inscrição dos novos alunos e antes mesmo do início das aulas.

Nesse sentido, acontecem os ritos de passagem, tais como isolamento e morte social, que são práticas cujos calouros são confinados nas repúblicas e deixarão de atender pelo nome de batismo, respondendo somente pelo chamamento de calouro, até receberem os apelidos quando se tornam moradores efetivos. Os ritos de pôr à prova se caracterizam como testes escolares, aprendizagens, iniciações, resistência física e alcoólica. Os ritos de integração, apadrinhamento, batismo, comensalidades são outros exemplos de tradições e costumes (GESSEP *apud* FRIAS, 2003 p.101). Os estudantes farão partes desses rituais até o momento do “raganço”, quando deixarão a vida estudantil e ingressarão na vida adulta (FRIAS, 2003, p.101).

Em Coimbra, a Festa das Latas ou Latada acontece tradicionalmente no mês de setembro e marca o início do período letivo e a chegada dos calouros. O nome Festa das Latas ou Latada é em virtude do desfile com os calouros que têm latas amarradas em suas pernas e sua aparência é composta com pinturas, roupas e adereços (ESTANQUE, 2008a, p.11).

Ao final do período letivo, ocorre a Festa das Fitas ou Queima de Fitas; os estudantes queimam as fitas coloridas, que fazem parte do traje acadêmico e que contêm as cores de cada casa para receber um conjunto de fitas entrelaçadas, que representam a entrada no último ano de universidade. Em ambas as festas, são realizados desfiles em carros alegóricos pela cidade. Existe ainda a tradição das tertúlias, em que um grupo de pessoas se reúne em bares, bibliotecas e nas próprias repúblicas para discutir temas variados.

Outra tradição é a comemoração dos aniversários das repúblicas. Anualmente moradores e ex-moradores se reúnem para comemorar o dia de fundação da república. A festa é regada à comida e bebida e, frequentemente, são realizadas atividades culturais e artísticas: apresentações musicais, poesias ou exposições. Uma característica dessa atividade é que esses aniversários, apesar de acontecerem anualmente, acontecerão sempre para marcar a década, o centenário ou o milionário aniversário da república (FRIAS, 2003, p.104).

As repúblicas estudantis apresentam uma história marcada pelo desenvolvimento de tradições e de uma cultura própria, levando em conta as características das cidades em que estão

localizadas e das universidades às quais estão ligadas. Além disso, a interação dos moradores de repúblicas com as cidades foi responsável por mudanças significativas na organização dos espaços urbanos e no cotidiano da população.

3.5 Repúblicas de estudantes no Brasil

No Brasil, as repúblicas estudantis também estão presentes nas cidades que possuem universidades ou campus avançados. As mais conhecidas estão na cidade de Ouro Preto, onde se localiza a Universidade Federal de Ouro Preto. A ênfase em Ouro Preto se justifica pelo modelo de repúblicas existentes na cidade e parte delas estão localizadas em prédios da Universidade Federal de Ouro Preto. Também se justifica pela longevidade das repúblicas, sendo que a república denominada de Castelo dos Nobres foi fundada em 1919 e existe até hoje. Além disso, esse modelo de repúblicas estudantis, sediadas em prédios da Universidade e em número de 59 casas, só é encontrado, no Brasil, na cidade de Ouro Preto.

Antes do surgimento das repúblicas estudantis de Ouro Preto, a maioria dos estudantes residia em pensões. Quando Ouro Preto deixou de ser capital do estado de Minas Gerais, em 1897, houve um movimento de migração dos moradores para a nova capital, Belo Horizonte. Esse acontecimento fez com que muitas casas ficassem vazias e abandonadas. A cidade encontrava-se em um declínio econômico e sem a mesma movimentação e importância dos tempos em que era a capital do Estado.

Assim os estudantes se organizam e, aproveitando a oferta de inúmeros imóveis, muitos deles edificadas em áreas grandes e como vários cômodos e com os de casas grandes e aluguéis baixos, tais fatos permitiram o surgimento de moradias coletivas de estudantes (MACHADO, 2007, p. 7). Os registros das primeiras repúblicas no Brasil são do início do séc. XX. Sayegh (2009) afirma que, entre os anos 1920 e 1930, havia seis repúblicas em Ouro Preto.

Na década de 1940, surgiu um movimento entre os estudantes das Escolas de Minas e Farmácia, para reivindicar moradias, uma vez que as repúblicas existentes eram particulares. Surgiu, assim em 1946, a Casa do Estudante de Ouro Preto (CEOP), associação composta por ex-alunos das Escolas de Minas e Farmácia, entidade sem fins lucrativos e que tinha como objetivo adquirir casas para a instalação de repúblicas. Em 1953, uma nova associação foi criada somente com a participação de ex-alunos da escola de Minas. A Casa do Estudante da Escola de Minas (CEEM) foi criada, em 1963 e, nesse mesmo ano, iniciou uma campanha para angariar recursos para a criação de repúblicas.

A associação busca captar recursos junto a empresas privadas, embaixadas de diversos países, oferecendo em contrapartida, o batismo da república com o nome o país ou empresa patrocinadores (SAYEGH, 2009). Essa iniciativa possibilitou a construção das Repúblicas Formigueiro e Arca de Noé, construídas com doações das Indústrias Votorantim. Receberam da embaixada francesa a oferta de doação de livros e uma ajuda de custo do Ministério da Educação - MEC, utilizada para a manutenção e reforço de melhorias quanto ao estado de deterioração em que se encontravam alguns imóveis.

Durante a década de 1960, surgiram diversas repúblicas particulares, mas a questão da moradia estudantil ainda era um problema que crescia, sobretudo, pela expansão da Universidade (SAYEGH, 2009, p.118). Em 1969, com a criação da Universidade Federal de Ouro Preto - UFOP, os imóveis da Casa do Estudante da Escola de Minas - CEEM e da Casa do estudante de Ouro Preto - CEOP foram doados à universidade, transformando-os em repúblicas federais.

Sayegh (2009) aponta que essa doação ocorreu, principalmente, pelo interesse na reforma e manutenção desses espaços, uma vez que as associações responsáveis não tinham condições e organização para a manutenção desses imóveis. A doação à UFOP permitiu que a universidade realizasse as ações necessárias para a conservação dos prédios e a manutenção das moradias.

Entre as décadas de 1960 e 1970, houve um aumento das manifestações dos estudantes reivindicando o aumento do número de repúblicas e vagas para moradia estudantil. Os estudantes organizaram greves e um acampamento na Praça Tiradentes, a mais popular e movimentada da cidade de Ouro Preto (MACHADO, 2003). Esse acampamento aconteceu em 1967 e foi organizado pelo Diretório Acadêmico da Escola de Minas. Nos anos seguintes, diversos imóveis da Universidades foram invadidos pelos estudantes, alegando que se encontravam subutilizados (MACHADO, 2003, p.198).

No ano de 1977, foi criado o Centro de Assistência Estudantil da UFOP (CAE), com o objetivo de cuidar das questões de assistência estudantil, englobando moradia e alimentação. O CAE chegou a participar dos processos, para a escolha de moradores para as repúblicas e, nas decisões sobre a construção do alojamento estudantil no campus da UFOP. Esse alojamento estudantil tem uma dinâmica diferente das repúblicas federais, pois os critérios de acesso são socioeconômicos e os estudantes moram em quartos pequenos e individuais. Em 1982, mais 14 repúblicas foram criadas no Morro do Cruzeiro, local em que se localizava um dos *campi* da UFOP (SAYEGH, 2009, p. 121). Em 1986, o DCE coordenou invasões a outros imóveis pertencentes à universidade, conseguindo que fossem transformados em repúblicas federais.

Conforme as repúblicas iam se sedimentando, a UFOP tratava as repúblicas como espaços autônomos com suas próprias estruturas e organização. Cabe reforçar que as repúblicas federais recebiam esse nome por estarem localizadas em prédios da própria UFOP. Em 1990, o Tribunal de contas da União - TCU - questionou o fato de as repúblicas estarem localizadas, em imóveis da União, de forma não onerosa e sem uso direto da UFOP (SAYEGH, 2009). A resposta ao TCU foi redigida por Fernando Antônio Campos, ex-morador de repúblicas federais e reitor da UFOP na época. Nessa resposta ao TCU, constava a história das repúblicas em Ouro Preto, sua importância para a cidade e o destaque que essas repúblicas constituíam instituições que marcavam a história de Ouro Preto (CAMPOS, 1990).

Em dezembro de 2012, foi constituída uma comissão para elaborar um Estatuto das Repúblicas Federais de Ouro Preto. A comissão tinha a função de propor regras para a ocupação das repúblicas federais, garantindo transparência e igualdade na seleção de moradores. O novo estatuto previu um acompanhamento da Pró Reitoria de Assuntos Comunitários e Estudantis (PRACE) sobre os critérios de ingresso, permanência e exclusão de moradores. Esse estatuto determinou também os direitos e deveres dos moradores.

No novo estatuto, a permanência nas repúblicas está condicionada a um bom rendimento acadêmico. Além disso, as repúblicas devem informar à PRACE, a cada três meses, as vagas ociosas, para que possam ser preenchidas conforme demanda e critérios. Além disso, o novo estatuto instituiu que a “caixinha”, valor recolhido pelos moradores, para despesas da república, que não poderiam ser maiores de R\$250,00 (duzentos e cinquenta reais), referência ao valor da bolsa permanência paga pela UFOP aos estudantes com vulnerabilidade socioeconômica (UFOP, 2013).

Em 2019, o Ministério Público Federal ajuizou a Ação Civil Pública nº. 1003332-06.2019.4.01.3822 contra a UFOP. Nessa ação, o MPF afirmou que os critérios de seleção e permanência usados pelas repúblicas federais era injusto e nocivo. Atualmente, os alunos interessados em ocupar vagas, em uma das 59 repúblicas, procuram a PRACE, onde é realizada uma avaliação socioeconômica e a possível indicação do interessado a uma das repúblicas, não existindo nenhuma prioridade para os alunos com maior vulnerabilidade.

Além disso, a UFOP, ao aceitar a autonomia das repúblicas federais, permite que o único critério de permanência nas repúblicas seja a afinidade com os atuais moradores. Dessa forma, o MPF exige que os critérios, para a ocupação das 792 vagas nas repúblicas federais, ocorram unicamente pela avaliação socioeconômica e que a UFOP assumira a gestão integral dos imóveis. O inquérito envolveu etapas de entrevistas com moradores e candidatos à moradia e recebeu

relatos de alunos que não participaram da candidatura por não aceitarem os modelos atuais de gestão e seleção (MINISTÉRIO PÚBLICO FEDERAL, 2020).

A UFOP alegou não ter condições financeiras para a manutenção das casas e a contribuição financeira mensal destinada às repúblicas é três vezes maior que as prestadas às moradias ocupadas por alunos de baixa renda (MINISTÉRIO PÚBLICO FEDERAL, 2020). A ação civil teve continuidade durante a pandemia e uma audiência entre a UFOP e o MPF foi agendada para 18 de agosto de 2021 para tratar desta ação.

Como pudemos perceber, a história das repúblicas de Ouro Preto está conectada com a história de desenvolvimento da UFOP e com as mudanças que ocorreram na cidade durante o último século. Segundo Sayegh (2009), a cidade conta com 59 repúblicas federais e mais de 300 repúblicas particulares, distribuídas entre o centro histórico de Ouro Preto e o Bairro Bauxita, onde se localiza um dos *campi* da UFOP. A sua presença, a história e suas tradições fazem com que as repúblicas sejam consideradas um patrimônio cultural da cidade, não somente por estarem localizadas em prédios históricos, mas também pelas tradições e costumes criados ao longo de sua existência.

A formação das repúblicas de Ouro Preto acompanhou o desenvolvimento da UFOP e da própria cidade. Como observado, o processo de criação das repúblicas, sua disseminação e busca por melhores condições para a moradia estudantil permeiam essa história. Mas, apesar de todo esse processo, as relações entre as repúblicas e a cidade ainda são atribuladas, ressaltando que a permanência das repúblicas, na cidade e nos prédios da universidade, ainda é um motivador para conflitos.

3.6 Tradições e Costumes das repúblicas estudantis

As repúblicas estudantis pela sua longevidade, o fluxo constante, a integração com as cidades e com as próprias instituições de ensino tornam-se, conforme Sayegh (2009) e Estanque (2008), parte da vida boêmia e da própria cultura da cidade, quando suas tradições e costumes entrelaçam-se com os das cidades atraindo turistas e movimentando a vida urbana.

Entre as tradições das repúblicas, estão presentes diversas festas marcadas por ritualísticas próprias, com a função de demarcar os diferentes momentos da vida universitária e da transição para a vida profissional. Assim, as festas de integração, as de final de período

letivo, as do calendário popular, como, por exemplo, o carnaval, todas terão uma participação das repúblicas.

Em Ouro Preto, as festas podem ser classificadas, segundo Frias (2003, p. 101), como ritos de passagem, tais como cortes de cabelos e apelidos; ritos de colocar à prova como a batalha de vagas, utilização da placa de identificação e coleta de assinaturas de veteranos inseridas na placa de identificação; e ritos de integração social como “*rocks*”, “rezas de cachaça e a festa do 12.

A Festa do 12 é realizada em 12 de outubro para comemorar o aniversário de criação da Escola de Minas. Essa comemoração remete à década de 1940, quando, inicialmente, a festa incluía a celebração de missas, sessões solenes, jantares e bailes, no decorrer de três dias, momento em que ocorre o reencontro de estudantes e ex-alunos (SAYEGH, 2009). Para participar da festa, é preciso ser morador, ex-morador ou convidado. Durante o período da festa, são realizados *shows*, em espaços públicos e abertos a toda a comunidade, integrando assim o calendário de festividades de Minas Gerais e da cidade de Ouro Preto (MORAES; MIRANDA, 2011, p.3),

Os carnavais nas repúblicas de Ouro Preto tornaram-se tradição com repercussão nacional. As repúblicas organizam festas, em todos os dias da comemoração, oferecendo hospedagem e alimentação. São vendidos pacotes de hospedagem e, em algumas repúblicas, são locados espaços externos para comportar a grande demanda (SAYEGH, 2009; 2012; BONFIM, 2013). Esse evento movimenta o turismo e o comércio local, sendo que, atualmente, a festa de carnaval está profissionalizada.

A profissionalização das repúblicas refere-se à mudança do enfoque na realização de festas e hospedagem de turistas. O que antes era tratado, como uma maneira informal de receber amigos e familiares, transformou-se em um negócio lucrativo para as repúblicas. Os eventos deixaram de ser espontâneos e amadores e passaram a alcançar grandes proporções, recebendo qualquer pessoa que pudesse pagar os preços cobrados pelas repúblicas, sendo então que o enfoque do lucro e a comercialização das atividades ganham destaques (MORAES; MIRANDA, 2011, p.8-9).

Diante dessa profissionalização, a população passou a questionar o caráter comercial e o lucro obtido pelas repúblicas relacionados ao impacto na cidade, gerando mesmo um processo jurídico que provocou a mudança do estatuto das repúblicas, lançado em 2013. Assim, os recursos angariados pelas hospedagens foram utilizados à manutenção das casas nas quais as repúblicas estão localizadas (UFOP, 2013).

Essa cláusula foi suprimida, em 2018, pela Resolução CUNI nº 1975, com a proposta de desenvolvimento de uma nova legislação, para a realização de festas e confraternizações nas repúblicas federais. Em abril de 2020, pela Resolução CUNI nº 2343, fica instituído que as festas e hospedagens organizadas, para angariar recursos, ficarão condicionadas a um plano de desenvolvimento institucional aprovado pela UFOP (UFOP, 2020).

Outra tradição entre as repúblicas de Ouro Preto é a realização dos “*rocks*” para arrecadar recursos financeiros e momentos de lazer para os estudantes. Essas festas podem acontecer tanto nas repúblicas quanto em outros espaços e têm atividades como baladas, churrascos entre outras (MALTA, 2010, p. 104).

Buscando estreitar os laços entre repúblicas, são organizadas as atividades denominadas de “*Sociais*”, que são festas que envolvem duas repúblicas, uma feminina e outra masculina, realizadas normalmente às quintas-feiras. Os programas são elaborados com antecedência e a república anfitriã será responsável pela organização e financiamento da “*social*”.

A função principal é proporcionar a integração dos moradores das repúblicas e que possam se conhecer mutuamente (FONSECA, 2016, p.53). As “*sociais*”, juntamente com os *rocks*, são importantes para a sociabilidade dos jovens, uma vez que estão distantes dos seus núcleos de socialização e referência afetiva, como família, escola de origem, amigos de infância, enfim, todas as referências importantes anteriores ao início da vida universitária (FONSECA, 2016 p. 53).

Durante as festas e encontros, os membros das repúblicas entoam os hinos de cada república e as “*rezas de cachaça*”. A “*reza de cachaça*” consiste em declamar versos decorados, rimados e que, muitas vezes, possuem conotação humorística, de enaltecimento da bebida ou da república, (BONFIM, 2013, p. 169). O hino e a reza são característicos de cada uma das repúblicas, entoados em voz alta, sendo uma forma de identificar os moradores daquela república e registrar a presença. No caso dos hinos, é exaltada a lealdade com a casa e as características dos moradores, reforçando a identificação individual com a república (BONFIM, 2013, p. 173).

A Batalha de Vagas acontece, quando os calouros se candidatam a uma vaga nas repúblicas. É um sistema pré-estabelecido que envolve avaliações, para identificar se o candidato possui as características necessárias, para tornar-se um morador e se internalizou as regras e ensinamentos da república em que deseja morar (MORAES; MIRANDA, 2011, p. 6).

Uma dessas obrigações, na da batalha de vagas, envolve circular com um cartaz, chamado de “*placa*”, pendurado no pescoço. Nesse cartaz consta a identificação da república e do calouro. Ele deve portar a placa em todas as festas das repúblicas e sempre que sair de casa.

Durante as festas, o calouro deve coletar assinaturas de veteranos de outras repúblicas e inseri-las na placa que carrega e não podendo perdê-la, sendo que a punição para esta negligência é usar uma outra placa ainda maior.

Segundo Malta (2011, p. 74), essa prática teve início na fundação da república Castelo dos Nobres, em 1919. Ao final do período de seis meses de avaliação, o “*bixo*” abandona a placa antiga, que será pendurada em uma das paredes da casa, e o calouro será batizado com o apelido que lhe foi designado e que manterá durante toda a graduação.

Para Malta (2010, p. 68), esse é um processo em que o candidato tem seis meses para adaptar-se às regras da república, aprender sobre sua organização, respeito às regras e à hierarquia e a necessidade de dar continuidade às tradições. É um ritual tradicional em que o calouro deverá aprender sobre companheirismo, cumplicidade e zelo pela casa. As práticas das batalhas de vagas podem envolver atividades humilhantes, sendo que, muitas vezes, a dignidade humana é violada. Há abusos de hierarquia, escolha de apelidos desagradáveis e preconceituosos e a execução de serviços que, às vezes, podem ser humilhantes (MORAES; MIRANDA, 2011, p. 6).

Estas práticas não são condizentes com os preceitos republicanos pregados pelas próprias repúblicas, uma vez que o candidato não tem a opção de não participar dessas atividades (MORAES; MIRANDA, 2011, p. 6). Apesar de tudo, a batalha de vagas continua sendo realizada anualmente e, segundo Fonseca (2016, p.88), o modo de vida que é adotado nas repúblicas é extremamente rígido, preconceituoso e abusivo, mas, ao mesmo tempo, é propício para criar uma coesão social grupal.

As Repúblicas assumem características de espaços de tradição e de formação de identidade para os jovens, além de criar laços do senso de pertencimento a um grupo. Para Malta (2010, p. 72), as repúblicas e seus rituais são espaços de socialização cuja identidade é reforçada mediante a convivência. Os rituais realizados se configuram como características de uma identidade de um grupo estudantil específico sendo reforçada pela replicação dessas práticas gerando uma sensação de pertencimento ao grupo (BONFIM, 2013, p. 173), sendo que morar nas repúblicas está ligada à construção de lugares, afetos e relacionamentos (SAYEGH, 2009, p. 179).

As repúblicas se tornam lares para esses estudantes que terão uma motivação, para a conservação das casas, ao mesmo tempo em que se constrói um lugar de memória que propiciará a conservação do espaço que será ocupado, futuramente, por outros estudantes (SAYEGH, 2009, p. 179). Essas características apontam para uma formação cultural dos sujeitos e as repúblicas assumem, dessa forma, aspectos de espaços culturais. Segundo

Wanderley (2011), as ações que caracterizam espaços culturais independentes são: dinâmica cultural com orientação independente e com gestão ágil; espaço informal de transmissão de conteúdo; espaços multidisciplinares que associam atividades de lazer e sociabilidade; o modelo de gestão independente; seus projetos e ações são pensados de forma colaborativa entre os sujeitos.

3.7 Diversidade de abordagens sobre o conceito de cultura

A cultura como campo de saber apresenta diversas definições. Para Tylor (1871), ela deriva do termo em inglês *Culture*, que significa, sobre o ponto de vista etnográfico, “um complexo que inclui conhecimentos, crenças, arte, moral, leis, costumes ou qualquer outra capacidade ou hábitos adquiridos pelo homem como membro de uma sociedade”.

Coelho (1997) registra que a cultura remete à forma de caracterizar o modo de vida de uma comunidade em seu aspecto totalizante. Thompson (2011, p.166) indica que a concepção descritiva da cultura fará referência aos costumes, valores e hábitos que distinguem uma sociedade ou uma época.

Essa visão ampla e abrangente de cultura contempla diversos aspectos na vida dos sujeitos e das sociedades, permitindo que o termo seja usado, indicando as formas de cultivo na agricultura, como também apresentações artísticas e musicais.

Botelho (2001) analisa a cultura buscando distinguir sua dimensão antropológica e sociológica. Na dimensão antropológica, a cultura é produzida pela interação social dos sujeitos, que são capazes de elaborar formas de pensar e sentir, construir valores, manejando identidades e diferenças, além de estabelecer rotinas (BOTELHO, 2001, p.74). Dessa forma, os sujeitos erguem ao seu redor pequenos mundos de sentidos que lhes permite certa estabilidade, sendo a interação entre indivíduos fundamental à formação da sociabilidade, tornando-se um dado básico de construção das identidades e sociabilidades (BOTELHO, 2001, p.74).

A dimensão sociológica não se configura somente no plano cotidiano do indivíduo, mas, segundo Botelho (2001, p. 74), pela produção de determinados sentidos que irá alcançar determinado público, por formas e meios específicos de expressão. A dimensão sociológica é um conjunto de demandas profissionais, institucionais, políticas e econômicas, tendo na cultura, uma totalidade de formas simbólicas que dão significado ao mundo e que irão regular as ações dos indivíduos e coletividades (VANDERBERGHE, 2016, p. 133).

A cultura já foi utilizada, como processo de referência ao desenvolvimento intelectual e espiritual dos sujeitos, mas, segundo Thompson (2011), essa visão que perdura, mesmo

atualmente, pode ser exemplificada, quando o termo “culto” é indicativo de indivíduos com conhecimento erudito em determinados áreas de conhecimento. Thompson (2011, p. 166) denominou de concepção clássica da cultura essa visão que estabelece uma hierarquização na cultura, culminando na concepção de que existem culturas superiores ou mais desenvolvidas.

Tylor (1871 apud LARAIA, 2001, p.18-19), em uma abordagem evolucionista, considerava a diversidade cultural como resultado dos diferentes graus de evolução existentes entre os povos. Dessa forma, as nações europeias se configurariam como culturas superiores, em uma escala máxima de evolução, e os povos selvagens estariam na outra ponta, como inferiores. Em 1896, Franz Boas apresentou uma nova proposta de análise, na qual cada cultura deveria ser analisada de forma particular, levando em conta os eventos históricos que aquela população viveu (BOAS, 2004, p.37). Na proposta de Boas, são analisados os processos que permitem o desenvolvimento dos costumes e que, ao se comparar diferentes povos, as análises deveriam ocorrer pelos processos de desenvolvimento e não somente como resultado, de forma linear, do desenvolvimento (BOAS, 2004, p.38).

A dimensão simbólica da cultura busca entender e analisar os padrões dos significados dos fenômenos culturais. Na dimensão simbólica, Thompson (2011, p. 166) afirma que os fenômenos culturais são simbólicos e devem ser estudados buscando a interpretação desses símbolos. Essa definição indica que, para compreender os padrões de significados de uma comunidade, faz-se necessário analisar o simbolismo construído, levando em consideração o arcabouço simbólico de uma população e sociedade (THOMPSON, 2011, p. 166).

O homem e sua cultura são inseparáveis e são construídos pelas formas de expressão humana, como a linguagem, arte, produção de objetos entre outras (THOMPSON, 2011, p. 174). Para White (2005, p. 28), os rituais e cerimônias representam o processo de simbolização em que é criado e atribuído um significado. Para White (2005, p.12), existe toda uma classe de fenômenos - atos, sons, cores - que possuem significados, originados e definidos pelo homem, algo que o distingue das outras espécies. Esses fenômenos constituiriam as civilizações e culturas (WHITE, 2005, p. 12). Assim, para integrar a sociedade, é necessário que os indivíduos sejam capazes de introjetar esses símbolos e significados, bem como os rituais e tradições a eles atribuídos.

Apesar dos conceitos apresentados até aqui indicarem uma unidade entre cultura e sociedade, Bosi (1992, p. 308) afirma que a uniformidade da cultura parece não existir em sociedades modernas e estratificadas em classes sociais. Existe toda uma diversidade cultural determinada pelos fatores que irão compor uma sociedade.

Assim, não se pode falar em uma cultura uniforme e padronizada, sobretudo no Brasil, marcado desde sua origem por uma formação cultural diversa e multifacetada. Nesse sentido, é necessário se referir à cultura de modo plural, quando teremos não somente uma ou a cultura, mas, sim, culturas brasileiras, universitárias, as indústrias culturais, culturas populares, eruditas e de massa (BOSI, 1992, p. 309).

A cultura em sua complexidade acaba por exigir toda uma variedade de formas de abordagens que sustentam os estudos e análises. Longe de buscar uma unicidade ou padronização da cultura, essas linhas de estudos têm por função conseguir compreender a cultura ou culturas pelo que ela é ou são: partes essenciais da vida dos sujeitos e responsáveis por caracterizar as sociedades e as práticas desenvolvidas pelos homens, em suas interações sociais.

3.8 Espaços como determinantes da Cultura

Consideramos que a concepção de cultura não pode se desvincular dos espaços e locais em que se insere. Para White (2009, p. 40), é preciso haver uma relação íntima entre a cultura e o *habitat* na qual ela se desenvolve. As condições geográficas, climáticas e ambientais irão contribuir para a forma como a cultura é apresentada. White (2009, p. 41) ressalta que as condições geográficas e espaciais serão uma das dimensões que podem impactar na caracterização de uma cultura, mas que ainda podemos observar duas culturas diferentes emergindo em um mesmo espaço geográfico. Massey (2008) afirma que o “lugar” traz em si a esfera do cotidiano, com fontes geográficas de significados e essa referência é vital como fonte de apoio para a sociedade. Assim, a construção dos espaços torna-se um produto da ação dos sujeitos ali inseridos.

Em seu livro “Pelo Espaço” (2008), a geógrafa Dorren Massey analisa as concepções de espaço e sua caracterização, como uma dimensão social, construída por relações dos sujeitos. Massey (2008, p. 29) indica três proposições para a abordagem do espaço. A primeira se refere ao espaço, como produto das interações e de inter-relações, em nível macro (global) compreendendo até o nível micro (local). O espaço compreenderá as relações entre identidades e entidades presentes nas práticas dos sujeitos.

A segunda afirma que o espaço permite múltiplas existências e características de cada lugar, compreendidas na pluralidade contemporânea, estando em constante construção, uma vez que deriva das relações entre sujeitos e lugares. Massey (2009, p. 29) afirma que “sem espaço não há multiplicidade e sem multiplicidade não há espaço”. A terceira proposição indica

que o espaço está em constante construção, embutido de relações e práticas materiais que devem ser efetivadas sempre no processo de projetar bens materiais como nas ações de construção do humano (MASSEY, 2008, p. 29).

Para Milton Santos (1994, p.122), as relações sociais realizadas no espaço, cristalizam-se em momentos presentes, sendo o espaço o lugar de encontro entre passado e futuro. Santos assevera que o espaço é formado por uma configuração territorial e pelas relações sociais e de produção inseridos nesse contexto. O espaço será formado ainda por um sistema de objetos e um sistema de ações, sendo que a valoração desses objetos está relacionada aos papéis desempenhados nos processos sociais (SANTOS, 1994, p. 110).

Assim o espaço comporta dimensões culturais, sociais, mercadológicas e antropológicas, condição para compreendermos também as populações que integram e fazem parte de um determinado espaço. Essas relações tanto entre sujeitos, quanto sujeitos e lugares, trarão em si as características culturais dos envolvidos, permitindo que a cultura seja compreendida também como produto do espaço, que afeta tanto o espaço como as relações nele compreendidas e, nesse sentido, compreendemos que o espaço é também cultural.

Coelho (1997, p. 167) afirma que são espaços culturais aqueles destinados à promoção de cultura, espaços em que simbologias, significados e tradições podem ser apresentados e disseminados. Muitos desses espaços se materializam, em centros culturais e casas de cultura, por exemplo. No Brasil, o centro cultural refere-se a uma instituição que é mantida, geralmente, pelos poderes públicos e que oferecem alternativas variadas de atividades. O termo casa de cultura é usado para designar espaços de promoção cultural com o enfoque na formação cultural e incentivo de produção local.

Por sua vez, o espaço cultural costuma também indicar espaços mantidos pela iniciativa privada ou por particulares e que se dedicam a promover atividades culturais (COELHO, 1997 p. 167). O mesmo autor ressalta que o espaço cultural é um lugar destinado à promoção cultural e representa determinadas áreas de influência ou presença de uma cultura, em um dado território, podendo ainda caracterizar uma variedade de edifícios que, de algum modo, inserem-se na vitalidade cultural de uma comunidade (COELHO, 1997 p. 167).

Souza (2012, p. 91) afirma que os espaços culturais são estruturas complexas que irão ser ressignificadas, de acordo com o pensamento de cada época e pela autonomia dos lugares, bem como pelos preceitos políticos e ideológicos, cultura local e as relações de poder. Esses fatores impactarão na criação e articulações produzidas por esses espaços. Na definição de Souza (2012), os espaços culturais são locais em que a cultura, a arte e a comunicação são expressas e pesquisadas e pela sua dinamicidade são espaços construídos ao longo do tempo.

Assim, podem se caracterizar como espaços de uso público e podem ser administrados por particulares, pelo Estado, por institutos, fundações e outras entidades que possam assumir a função de gestão (SOUZA, 2012, p. 91).

Os espaços culturais podem ainda ser utilizados para projetos de educação externos ao ambiente escolar, propiciando atividades de lazer e desenvolvendo o papel de mediação entre diversas formas de saber e de fazer (SOUZA, 2012, p. 108). Os espaços culturais podem ainda ser criados, a partir de uma demanda emergente da comunidade e podem ser utilizados, como centros de memória, incentivando a cultura local, com atividades como oficinas culturais, espetáculos e exposições (SOUZA, 2012, p. 108).

A cultura e os espaços culturais são importantes meios de análise para a compreensão das diferentes populações e relevantes pontos de promoção das culturas e tradições.

3.9 Repúblicas como espaços culturais

Apesar da característica dos espaços culturais serem espaços públicos de promoção da cultura (COELHO, 1997 p. 168), muitos deles têm administração independente e com regras próprias. Os espaços culturais das grandes metrópoles são gerenciados pelo poder público ou por instituições particulares, associações da sociedade civil e fundações sem fins lucrativos.

Wanderley (2011, p.7) observou que, após sua experiência na gestão de espaços culturais independentes, foi possível apontar como características desses espaços a visibilidade de expressões artísticas; a dinâmica cultural com orientação independente e com gestão ágil; o espaço informal de transmissão de conteúdo, que aproxima públicos e expressões culturais; espaços multidisciplinares que associam atividades de lazer e sociabilidade, auxiliando no processo de construção de uma relação de intimidade entre as pessoas e suas expressões culturais; o modelo de gestão como promotor de novos modelos sobre as cadeias de produção cultural, uma vez que projetam novas articulações entre público e privado; espaços culturais são instituições privadas com finalidade pública e seus projetos e ações são pensados de forma colaborativa entre os atores participantes. Os espaços culturais servem ainda como espaços para experimentação de novas experiências (COELHO, 1997, p.167)

Diante dessas características, as repúblicas estudantis podem ser classificadas como espaços culturais. As repúblicas são espaços em que ocorre a socialização dos sujeitos, possuindo uma dinâmica cultural ágil e voltada para sua independência. Além disso, são espaços de promoção de uma cultura estudantil particular que se articula com os locais e comunidades em que estão inseridos.

Conforme apontado por Bonfim (2013), as repúblicas apresentam, em sua estrutura e organização, uma série de rituais e tradições que servem para delimitar ciclos e fases de transição na vida do estudante, especialmente a transição do mundo externo para o ingresso na vida estudantil das repúblicas. Compreendemos que é um processo de criação e uma nova identidade para o aluno e marco de uma nova etapa de vida (BLANC, 2015 p. 14). As repúblicas possuem ainda tradições próprias, construídas com o passar do tempo, que irão caracterizar os modos de viver de seus moradores

Como Sayegh (2009) aponta, a própria existência das repúblicas afeta as questões de patrimônio e preservação histórico-culturais nas cidades. Moraes (2001) destaca, em seu estudo, o potencial turístico das mais de 400 repúblicas de Ouro Preto e de suas festas tradicionais. As repúblicas fazem parte da vida de boemia e oferecem opções caracterizando-se, portanto, como um espaço de promoção cultural.

As repúblicas estudantis, com suas tradições, formas de gestão e organização, por serem um espaço que promove ações culturais, realizam eventos e participam da vida cultural das cidades, podem ser caracterizadas como mais uma das possíveis configurações e alternativas de espaços culturais.

4 METODOLOGIA

4.1 Caracterização da natureza da pesquisa

A presente pesquisa é de caráter quantitativo e qualitativo. A abordagem quantitativa pautou-se na coleta de dados em pressupostos positivistas, buscando um distanciamento entre sujeito e objeto e na neutralidade do pesquisador (SOUZA; KERBAUY, 2017). Os dados quantificados coletados, durante a pesquisa, permitiram seu tratamento pelos processos estatísticos. Dessa forma, foram colhidos, durante a pesquisa, informações quantitativas relacionadas às repúblicas, o número de repúblicas, distribuição pela cidade, número de moradores e outros dados quantificáveis.

A abordagem qualitativa, segundo Souza e Kerbauy, (2017, p. 29), indica que o fenômeno social humano não deveria obedecer às regras que se aplicam às ciências naturais, uma vez que o fenômeno social possui particularidades a serem observadas. As ciências sociais devem se ocupar da compreensão e a interpretação de fenômenos sociais. Assim, também coletamos dados junto aos moradores das repúblicas sobre como é morar na república, suas interpretações e relações neste ambiente, gerando dados qualitativos para o estudo.

Utilizaremos, para caracterizar a pesquisa, os critérios apresentados por Vergara (2006), quanto aos fins e quanto aos meios.

Quanto aos fins, o presente estudo foi exploratório e descritivo. Segundo Gil (2002), a pesquisa exploratória tem como objetivo principal o aprimoramento de ideias ou descoberta de intuições. A pesquisa exploratória é realizada quando se possui pouco conhecimento sistematizado sobre a área que se pretende estudar (VERGARA, 2006 p. 47). Conforme apontado anteriormente, não foram localizados artigos e pesquisas científicas que apontassem dados e características das repúblicas universitárias de Lavras e de seus moradores.

A pesquisa descritiva descreve as características de determinada população ou de um fenômeno, neste caso, os moradores e as repúblicas estudantis de Lavras. Segundo Vergara (2006, p. 41), o planejamento das pesquisas exploratórias é bastante flexível, permitindo a consideração dos variados aspectos relativos ao foco estudado.

Nesse cenário, buscamos compreender as características das repúblicas estudantis de Lavras, para que fossem qualificadas como espaços culturais.

4.2 Contextualização do ambiente de estudo

A cidade de Lavras localiza-se, no interior de Minas Gerais, na microrregião do Campo das Vertentes e distante 237 km de Belo Horizonte. Segundo dados do IBGE (2020), sua população estimada é de 104.783 habitantes. A cidade apresenta Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) de 0,782, considerado médio desenvolvimento. Conhecida como a “terra das escolas e dos ipês”, pela abundância dessas árvores e por abrigar diversos educandários e outras instituições de ensino reconhecidos por suas qualidades e excelência durante sua história.

A cidade possui quatro instituições de ensino superior sendo elas: Centro Universitário de Lavras (UNILAVRAS), Faculdade Presbiteriana GAMMON (FAGAMMON), Faculdades Integradas Adventistas de Minas Gerais (FADMINAS) e a Universidade Federal de Lavras (UFLA). Entre elas, somente a UFLA é uma instituição de ensino superior pública. Segundo vídeo institucional da Prefeitura Municipal de Lavras (2019), a cidade conta com 20 mil estudantes universitários, atingindo 20% de sua população.

A UFLA, desde a sua criação em 1908, na época Escola Agrícola de Lavras, ofertou espaços para a moradia dos estudantes. Diversos prédios do atual campus histórico foram utilizados como alojamento. Atualmente o principal alojamento da UFLA é o Brejão, nome popular do conjunto de edifícios que formam os alojamentos estudantis.

O Brejão foi criado em 1971, sob a coordenação da Pró-reitora de Assuntos Estudantis e Comunitários - PRAEC, que instituiu uma coordenadoria específica para essa finalidade. O programa de Moradia Estudantil da UFLA é realizado por meio do acolhimento de estudantes de graduação e pós-graduação, em apartamentos nos alojamentos próprios, localizados no campus da universidade.

Os critérios, para o ingresso no Brejão, levam em conta principalmente a avaliação socioeconômica dos alunos, priorizando os mais vulneráveis, desde que os pais ou responsáveis não residam no município de Lavras. Para alunos estrangeiros, o critério para moradia no Brejão é a existência de um convênio entre a UFLA e a instituição de origem dos alunos (UFLA, 2019).

A PRAEC atende 478 estudantes de graduação e pós-graduação, priorizando alunos que apresentam vulnerabilidade socioeconômica. Apesar do grande número de vagas ofertado, não consegue atender a todos os mais de 6 mil alunos presenciais da graduação dessa instituição, fazendo com que os alunos procurem outras opções de moradia na cidade.

Em Lavras, cidade do interior de Minas Gerais, as tradições festivas relacionadas aos estudantes são as recepções de calouros e as festas dos “100 dias”. No início do semestre letivo, os veteranos organizam festas de recepção aos calouros de cada curso. Essas festas acontecem

nas dependências das próprias repúblicas e, em alguns casos, no parque de exposições da cidade.

A festa dos 100 dias faz parte das comemorações de formatura da UFLA. No final de semana, em que faltam 100 dias até a formatura, em uma noite de quinta-feira, os participantes se dirigem para as repúblicas, onde festas de aquecimento acontecem. Durante a madrugada, os participantes, alunos em sua maioria, dirigem-se, normalmente fantasiados, para um local próximo à UFLA, que, no caso, é um posto de gasolina, e permanecem nesse local até o amanhecer, quando, na manhã de sexta-feira, dirigem-se a um outro local, normalmente localizado nas imediações da cidade e lá continua a festa que é um marco da formatura.

Outra tradição da cultura estudantil, presente em Lavras, é a Batalha de Vagas, quando os estudantes que desejam ingressar nas repúblicas passam por um período de avaliação composto por testes e obrigações que servem, para analisar se o candidato está em conformidade com as condições necessárias, para tornar-se um morador definitivo da república. Nas etapas da Batalha de Vagas, os candidatos podem ser reconhecidos pelos moradores da cidade, uma vez que são identificados pelas cabeças raspadas, no caso do sexo masculino e penteados exóticos, no caso das mulheres. Além disso, muitos são obrigados a carregar uma placa de madeira, pendurada no pescoço com o nome da república a que está se candidatando residir.

Esse processo se encerra, na última semana de aula, quando o calouro recebe o resultado da avaliação e sua plaquinha é pendurada na parede da república, como sinal de sua aceitação como morador, sendo que o indicativo da placa, o nome, passará a ser o apelido pelo qual será chamado e conhecido a partir dali. Os calouros só serão aprovados nessas etapas se conseguirem absorver a cultura e as tradições das repúblicas a que se candidataram (BONFIM, 2013).

Segundo dados do Sistema Nacional de Informações e Indicadores Culturais - SNIIC (2018), existem 188 atores culturais mapeados em seu território, em que as principais manifestações são a música e o artesanato.

4.3 Caracterização da amostra

A amostra consistiu em moradores e repúblicas estudantis da cidade de Lavras- MG. Foi realizado o mapeamento georreferenciado de 119 repúblicas estudantis. Foram localizados 66 perfis de repúblicas estudantis de Lavras, em redes sociais, sendo 50 no Instagram e 22 no

Facebook. Responderam ao questionário 45 pessoas, sendo 24 do gênero masculino e 21 do feminino que estudam na UFLA ou Unilavras. A idade dos respondentes variou entre 19 e 30 anos. O Estado de origem dos respondentes foram Minas Gerais, São Paulo e Goiás.

Os estudantes que responderam à pesquisa eram de 40 repúblicas diferentes e ingressaram nas repúblicas entre 2012 e 2021.

4.4 Instrumentos de pesquisa e coleta de dados

Durante o mapeamento das repúblicas estudantis, foram levantadas informações quantitativas que permitiram alimentar mapas para o georreferenciamento das repúblicas estudantis dentro do território de Lavras. Foram localizadas pelos softwares *Google Maps* e *Google Earth* 119 repúblicas estudantis na cidade de Lavras. Esses *softwares* são alimentados pelos próprios usuários que fazem *check-in* nos locais, marcações em fotos, avaliações dos locais ou informações de localização preenchidas em perfis de redes sociais. Além disso, coletamos informações juntos aos estudantes quanto à percepção das repúblicas como espaços culturais.

Para realizar essa investigação, fizemos uso de um levantamento. Segundo Gil (2002), o levantamento tem por característica a interrogação direta das pessoas cujo comportamento se deseja conhecer. Consiste em buscar informações diretamente com os grupos acerca dos temas estudados.

Foram aplicados questionários junto aos moradores das repúblicas, para conhecer o perfil das repúblicas em Lavras, principalmente quanto ao seu número, distribuição territorial, número de moradores, tradições, ano de fundação e demais informações pertinentes.

O questionário foi aplicado por meio de um formulário *on-line*, pois, em razão da pandemia de COVID-19, as atividades presenciais, nas Instituições de Ensino Superior de Lavras, foram suspensas e muitos estudantes voltaram para suas cidades de origem.

Foi realizado um levantamento do perfil das repúblicas estudantis, nas redes sociais *Facebook* e *Instagram*, sendo a busca concentrada em grupos de divulgação de vagas para novos moradores.

Dessa forma, foram encontrados 66 perfis de repúblicas estudantis de Lavras, muitas delas com perfis nas duas redes sociais. O formulário digital foi enviado aos perfis mapeados e divulgado nos grupos de divulgação de vagas de república. Durante o período de novembro de 2020 a janeiro de 2021, tivemos 45 respostas ao formulário.

O questionário contém questões objetivas, visando ao levantamento de dados básicos relativos às repúblicas: endereço, número de moradores, ano de fundação das repúblicas, festas e comemorações tradicionais das repúblicas, além de questões voltadas para a percepção dos moradores quanto à república e suas tradições (APÊNDICE A - Questionário aplicado aos moradores de repúblicas).

Na segunda etapa do estudo, seria realizada entrevista semiestruturada junto à entidade que agrega as repúblicas estudantis de Lavras: Conselho de Repúblicas. O contato foi feito e a entrevista agendada, mas próximo do horário de realização, ela foi desmarcada e não voltou a acontecer no período de realização da coleta de dados. Na entrevista, buscaríamos conhecer a percepção dessa entidade quanto às repúblicas estudantis, seu impacto na vida das cidades e sua importância para a vida cultural da cidade. Para a coleta dessas informações, incluímos questões dissertativas no formulário para que os próprios moradores respondessem sobre esses temas.

4.5 Procedimentos para a análise de resultados

Utilizamos a análise do conteúdo para dentro de categorias apresentadas, a seguir, classificar as repúblicas como espaços culturais a partir dos depoimentos dos próprios moradores e de suas vivências. Para Berelson (1952, p.13), a análise de conteúdo é uma técnica de investigação que “através de uma descrição objetiva, sistemática e quantitativa do conteúdo manifesto nas comunicações tem a finalidade de interpretar estas mesmas comunicações”.

A análise de conteúdo desenvolve-se em três fases: (a) pré-análise; (b) exploração do material; e (c) tratamento dos dados, inferência e interpretação (BARDIN, 1977, p. 95). A pré-análise consiste na fase de organização do material, escolha dos documentos, formulação e hipóteses e preparação do material que será analisado. A exploração do material tem o objetivo de codificar os materiais, envolvendo a escolha de unidades, escolha de regras de contagem e classificação. Por fim, o tratamento de dados visa tornar os dados válidos e significativos, utilizando procedimentos estatísticos.

Os formulários aplicados continham questões discursivas, em que os moradores poderiam opinar sobre as expectativas e perfil que esperam dos calouros, as vantagens em ser um morador de república e as tradições de suas repúblicas.

Uma vez que esses dados já tenham sido preparados para a análise, a etapa de exploração dos dados classificou, utilizando as características que Wanderley (2011, p.7) formulou para identificar espaços culturais. Estas características, listadas abaixo, serviram de base à formulação das questões e parâmetros para a caracterização de espaços culturais:

- a) Manutenção de tradições características daquela república;
- b) Dinâmica cultural independente;
- c) Manutenção de um espaço informal de transmissão de conteúdos culturais;
- d) Caracterização como um espaço multidisciplinar associando lazer e sociabilidade dos sujeitos;
- e) Modelo de gestão independente;
- f) Realização de atividades culturais abertas ao público em geral.

Na terceira etapa, os dados classificados foram sintetizados e interpretados diante das questões de referência do estudo, buscando apontar se as respostas ali compreendidas indicavam se as repúblicas estudantis podiam ser consideradas espaços culturais na visão de seus moradores.

Os resultados desse estudo serão compilados e divulgados posteriormente para os sujeitos da pesquisa.

5 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

5.1 Mapeamento das Repúblicas Estudantis de Lavras/MG

Inicialmente, o processo de mapeamento das repúblicas estudantis de Lavras seria feito pela aplicação de questionários presenciais, nas instituições de ensino superior e, em seguida, os dados iriam alimentar os *softwares* de mapeamento.

A previsão, para a realização da aplicação dos formulários, era entre os dias 23 e 27 de março de 2020 de forma presencial. Em razão da pandemia de COVID-19 e dos riscos de contágio para a população, as atividades de ensino presenciais foram suspensas por tempo indeterminado, a partir de 23 de março de 2020, na UFLA, inviabilizando a coleta presencial.

As atividades foram suspensas pela Portaria nº 219 de 16 de março de 2021 e permitiam somente a realização de atividades essenciais presencialmente na UFLA. A orientação do Comitê Especial de Emergência (CEE COVID19-UFLA) era para que os alunos de graduação e pós-graduação retornassem a suas cidades de origem e buscassem os serviços de saúde somente em casos de real necessidade, para evitar sobrecarga do sistema.

Uma vez que a aplicação dos questionários presencialmente não foi possível, recorremos à *sites* de pesquisa e geolocalização, para realizar a busca pelas repúblicas de Lavras e sua localização territorial.

Dessa forma, utilizando informações do *software Google Earth Pro* e *Google Maps*, foram localizadas 134 referências para Repúblicas em Lavras em janeiro de 2021. Após a filtragem dos resultados, eliminação de duplicatas e outros locais que não eram repúblicas estudantis, mas tinham o termo “república” em seu nome, chegamos a 119 locais identificados como Repúblicas.

Uma característica importante é que as referências, localizadas no mapa, foram geradas a partir dos moradores e visitantes das repúblicas. Cada pessoa e morador que faz o *check-in*, na república, posta uma foto e marca a república ou a inclui em endereços nas redes sociais, cria um ponto no *Google Maps*.

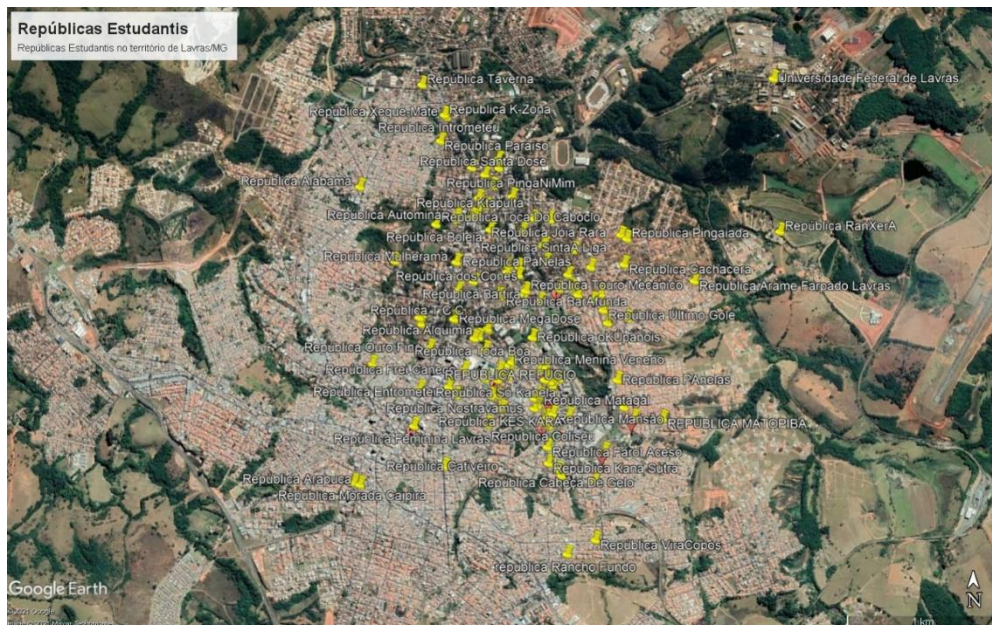
Outra forma de criar um ponto no mapa é cadastrar um evento nas redes sociais e colocar o endereço da república, no caso das repúblicas, principalmente eventos como *rocks* e sociais. Dessa forma, utilizando os meios digitais, é criada um mapa participativo, alimentado pelos próprios moradores e agregados das repúblicas.

5.2 Distribuição Territorial das repúblicas estudantis de Lavras/MG

As informações coletadas foram organizadas, em um banco de dados, com o nome das repúblicas, endereço e coordenadas geográficas. Essas informações alimentaram o *software Google Earth Pro* que disponibiliza aos usuários uma representação virtual da cidade, criada a partir de fotos de satélites. Esses dados são cruzados com informações do *Google Maps*, um *software* de navegação que permite a localização e inclusão de pontos de referência no mapa.

Dessa forma, foi criada uma representação gráfica da distribuição das repúblicas estudantis no território de Lavras/MG. Na Figura 1, podemos visualizar essa distribuição.

Figura 1 - Distribuição das repúblicas estudantis no território de Lavras/MG.



Fonte: Google Earth (2021).

A visualização pode estar prejudicada pela grande densidade de repúblicas, em determinados locais e, nesse sentido, foi necessário agrupá-las por bairro. Na tabela 1- Distribuição das Repúblicas Estudantis, de acordo com os bairros na cidade de Lavras/MG, apresentamos esta representação.

Tabela 1 - Distribuição das Repúblicas Estudantis, de acordo com os bairros, na cidade de Lavras/MG.

Bairro	Número de Repúblicas Estudantis
Centro	19
Centenário	17
Dos Ipês	17
Santa Filomena	13
Padre Dehon	7
Vila Brasília	6
Pitangui	5
Vila Ester	5
Belo Horizonte	4
Esplanada	4
Nova Lavras	4
Vila São Francisco	3
De Fatima	2
Jardim América	2
Olaria	2
Inácio Valentim	1
Jardim das Magnólias	1
Jardim Eldorado	1
Jardim Glória	1
Monte Líbano	1
Ouro Preto	1
Planalto	1
Santa Teresinha	1
Zona Rural	1
Total Geral	119

Fonte: Do Autor (2021).

As Repúblicas, na cidade de Lavras, estão distribuídas em grande parte das regiões do município, mas estão concentradas principalmente na região central e em outras regiões

próximas às instituições de ensino superior (UFLA, FAGAMMON, FADMINAS e UNILAVRAS).

Sayegh (2009, pag.23) afirma que as cidades universitárias possuem um adensamento, em determinadas regiões, sobretudo, nos bairros centrais e ou próximos aos *campis* universitários. Em Lavras, os bairros de maior concentração são o Centro com 19 Repúblicas, Centenário e dos Ipês com 17 Repúblicas cada e Santa Filomena, com 13 Repúblicas. Essa distribuição pode ser observada na Figura 2.

Figura 2 - As instituições de ensino superior e os bairros de maior concentração de repúblicas.



Fonte: Do Autor (2021).

Uma característica importante que pudemos observar é que, mesmo a UFLA sendo a instituição com maior número de alunos, ela é cercada por áreas de vegetação e sem habitações para moradias, fazendo com que os estudantes procurem outras áreas na cidade.

Outro fator que impacta na escolha das casas, para sediar as repúblicas, é o tamanho e o número de quartos disponíveis. Sayegh (2009, p.123) aponta que, em Ouro Preto, as repúblicas estudantis da UFOP têm um número de moradores que varia entre 6 e 26 moradores, levando em conta o número de quartos e a área construída das repúblicas. Em seu estudo, a autora cita, como exemplo, o Centro Histórico de Ouro Preto, onde há a maior concentração de repúblicas. A média da área construída das 41 repúblicas do bairro é 306m² por casa.

Em Lavras, foi possível observar anúncios buscando novos moradores para as repúblicas e, nesse sentido, há sempre um destaque para a quantidade de moradores, o número de quartos e outras características da casa, como a quantidade de vagas na garagem, número de banheiros, etc. Isso reforça a importância de casas maiores e com mais quartos disponíveis para a escolha da sede para as repúblicas.

Para encontrar moradias que consigam atender a essas necessidades, as repúblicas acabam se concentrando em bairros com uma oferta de casas maiores, muitas vezes, nas regiões mais centrais da cidade e bairros considerados nobres por serem dotadas de infraestrutura.

É interessante compreender que a presença das universidades e seus estudantes faz com que Lavras se torne uma Cidade Universitária, pois sua economia e organização passam a atender às demandas da própria universidade.

Massey (2008) mostra que o “lugar” é marcado pela esfera do cotidiano e é um produto dos sujeitos ali inseridos. Os moradores da cidade, que têm uma relação direta com a universidade, provocam mudanças derivadas pela presença desses moradores, estudantes, no caso. Isso faz com que a cidade adquira uma identidade universitária, que Massey (2008, p.29) considera que esse espaço esteja em constante construção, pelas relações dos sujeitos e os lugares em que habitam.

Para Sayegh, (2009), a presença das faculdades e universidades são atrativos para estudantes que irão demandar moradia e condições de vida compatíveis ao seu estilo de vida. As áreas afetadas por essa migração são principalmente a moradia, o lazer, setor de serviços e cultura.

Exige-se que esses setores ampliem sua atuação, para atender ao fluxo de professores, alunos e técnicos da universidade. Sayegh (2009, pág. 23) afirma que essa mudança será melhor percebida, em cidades de médio e pequeno porte, fazendo com que, muitas vezes, a economia da cidade seja movida pela vida universitária. Isso implica uma sazonalidade econômica, uma vez que, em períodos de férias e ou greves nas universidades, os estudantes retornam para as residências de suas famílias, fazendo com que diversos serviços sejam afetados.

5.3 Conflitos e a segurança das repúblicas de Lavras

Apesar da presente relação econômica entre as instituições de ensino superior e a cidade em que estão presentes, essa relação é marcada por diversos conflitos. Estanque (2008, p.28)

afirma que as festas e tradições acadêmicas fazem parte da vida dos estudantes, mas que não são bem-vistas pela sociedade. O excesso de consumo de álcool, festas e algazarras nas repúblicas trazem uma imagem negativa, para as repúblicas e seus moradores, mesmo considerando-se que a vida nas repúblicas não é determinada somente por essas atividades.

Estanque (2008) esclarece que essa imagem direcionada às repúblicas é negativa e preconceituosa, visto que as repúblicas não são um bloco coeso e cada uma mantém suas tradições e rotinas conformando um estilo e modo de vida próprios. Porém registre-se que, em Lavras, há relatos de conflitos entre moradores da cidade de Lavras e os moradores das repúblicas, motivados principalmente pelo barulho.

Em matéria do *site* G1, publicada em 8/11/2016, é relatado que esses conflitos envolvem principalmente a realização de festas nas repúblicas. Moradores do bairro Centenário relatam que enfrentam problemas com barulho e perturbação da ordem pública há pelo menos 15 anos. Uma das entrevistadas é moradora da rua Jayr Guaraci onde estão localizadas mais de 20 repúblicas, segundo a matéria.

Essa moradora registrou 50 boletins de ocorrência no decorrer de cinco anos. Ela destaca ainda que, em 2014, foi realizada uma festa em que a rua foi fechada (G1, 2016). Foi realizada uma reunião com a polícia militar na qual os moradores e estudantes foram ouvidos. Da parte dos estudantes, eles relatam perseguição pelos moradores e, muitas vezes, a polícia é chamada para tratar de questões que poderiam ser resolvidas com o diálogo.

Silva (2018, p.65), ao estudar os conflitos entre repúblicas e vizinhos em Viçosa/MG, afirma que há uma fraca coesão social entre eles, causada pelo fato de os estudantes não compartilharem de um passado semelhante com os outros moradores da cidade. Os estudantes são os novos residentes da cidade e são tratados como forasteiros e moradores temporários, não possuindo uma identidade comunitária e relações cotidianas com os vizinhos (SILVA, 2018, p.65).

Em 13 de Fevereiro de 2017, o então prefeito de Lavras, José Cherem, sancionou a lei nº4393, que “Dispõe sobre a perturbação do sossego pelo uso anormal da propriedade e dá outras providências”, apelidada de “Lei do Silêncio”. De acordo com esse instrumento legal, fica proibida qualquer perturbação do sossego independente do horário. A lei ainda cita que os meios, para perturbar o sossego, podem ser por meio de gritos, música alta, algazarra ou atividades de trabalho que gerem som alto. Estão inclusos na lei os ruídos emitidos por animais domésticos.

É importante ressaltar que foram excluídos da lei os serviços de construção civil e atividades regulares. Essa lei atinge diretamente as repúblicas que realizam em suas dependências os *rocks*, as sociais e outros tipos de festas.

Em 12 de agosto de 2019, foi aprovado o Projeto de lei nº 018/2019 de autoria do executivo de Lavras, que autorizava uma parceria entre o município e a polícia militar para aumentar a fiscalização da Lei do silêncio.

Os problemas com segurança é uma preocupação constante aos moradores das repúblicas, os quais se ausentam das cidades, durante os períodos de férias e feriados prolongados, e as residências são alvos fáceis para furtos e invasões.

Buscando evitar essas ocorrências, em 2014, a Polícia Militar lançou, em Lavras, um projeto pioneiro de proteção ao patrimônio voltado para as repúblicas estudantis. O Projeto “Rede de Repúblicas Protegidas” envolve a orientação dos moradores e o estreitamento dos laços entre a PM e as repúblicas.

Baseado no já exitoso projeto “Rede de Vizinhos Protegidos”, o Rede de Repúblicas Protegidas envolve a realização de reuniões periódicas para orientações sobre a segurança dos imóveis e dos moradores; contato direto com a PM por meio das redes sociais e aplicativos de comunicação; cartão de visita deixado na república com informações constatadas pelos policiais durante as patrulhas.

Em matéria do *site* G1, publicada em fevereiro de 2014, a PM informava que havia 450 repúblicas na cidade de Lavras e 13 delas fizeram adesão ao programa Rede de Repúblicas Protegidas. Ao final de 2014, faziam parte da rede 40 residências de estudantes e a PM continuou organizando reuniões para que mais repúblicas aderissem ao projeto. Entre os anos de 2012 a 2014, a média de furtos às repúblicas era de nove ocorrências por ano, mas não foram encontradas informações dos balanços dos anos seguintes.

Foi possível perceber que a presença das repúblicas estudantis, na cidade de Lavras, afeta diretamente a dinâmica do município. Os conflitos com moradores, a ocupação de casas em bairros dotados de infraestrutura, as ocorrências policiais e o alvo para ladrões que as repúblicas se tornam, são apenas alguns dos impactos que as repúblicas causam na cidade. Desde março de 2020, com a suspensão das aulas e o retorno dos estudantes para suas cidades, houve uma diminuição expressiva dos estudantes na cidade. Não sabemos ainda como os aspectos citados foram impactados pela pandemia, ficando a possibilidade de explorar estes temas em trabalhos futuros.

5.4 As Repúblicas estudantis de Lavras e suas tradições

Nesta etapa do estudo, foram aplicados questionários junto aos moradores para coletar mais informações sobre as repúblicas e seus costumes. Os questionários seriam aplicados, presencialmente, junto aos moradores de repúblicas estudantis, nas instituições de ensino. Com a suspensão das atividades presenciais pela pandemia de COVID-19, este processo precisou ser realizado por formulários digitais.

Os formulários foram disponibilizados, em grupos nas redes sociais, com foco nas repúblicas e em comércio na cidade de Lavras. As redes sociais têm sido usadas pelas repúblicas como forma de tornar as repúblicas conhecidas e como forma de divulgação de vagas para novos moradores. Em matéria do site G1, publicada em fevereiro de 2014, intitulada “Estudantes utilizam redes sociais para divulgar as repúblicas”, os estudantes da cidade de Taubaté relatam como as redes sociais são utilizadas para divulgações e para criar grupos de discussão que são do interesse das repúblicas e de seus moradores. Os grupos escolhidos no *Facebook* foram:

- a) Vagas em Repúblicas e Apartamentos de Lavras - 10 mil membros;
- b) Mercado da UFLA - o Original - 154 mil membros;
- c) Mercado da UFLA - 65 mil membros;
- d) Mercado virtual Lavras/MG - 28 mil membros;
- e) Vagas em repúblicas - LAVRAS 2020 - 6,5 mil membros.

Os grupos foram selecionados por tratarem de temas que são do interesse dos estudantes: a procura por vagas e o comércio de móveis e eletrodomésticos usados. Importante ressaltar que não são grupos formados exclusivamente por estudantes universitários.

Para direcionar os envios dos formulários, fizemos uma busca pelos perfis de repúblicas no *Facebook* e no *Instagram*. A partir dos nomes levantados no georreferenciamento, procuramos esses nomes nas duas redes sociais e filtramos pelos perfis que faziam referência ao nome de alguma das instituições de ensino de superior de Lavras ou que tinham o nome da cidade no perfil. Foram localizados, nessa etapa, 65 repúblicas com perfis nas redes sociais, sendo 50 com perfis no *Instagram* e 22 com perfis no *Facebook*.

O formulário, para a coleta de dados, foi enviado para cada um desses perfis e obtivemos 45 respostas. Os dados coletados nessa etapa serão apresentados a seguir.

5.5 Caracterização dos respondentes do questionário

Responderam ao questionário 45 pessoas, sendo 24 do gênero masculino e 21 do feminino. A idade dos respondentes variou entre 19 e 30 anos, sendo 24 com idade entre 19 e 22 anos; 11 com idade entre 23 e 25 anos; e nove com idade entre 27 e 30 anos.

O Estado de origem dos respondentes foi Minas Gerais com 34 respondentes; São Paulo com 10 e apenas 1(um) originário de Goiás.

Quanto às instituições de ensino, 43 são estudantes da UFLA e dois são estudantes da Unilavras, 43 são estudantes de graduação, predominantemente dos cursos de engenharia com 24 estudantes; cinco de medicina veterinária e os demais distribuídos entre os cursos de direito, agronomia, pedagogia, biologia, ciência da computação e educação física, além de dois estudantes de mestrado.

Os estudantes que responderam à pesquisa eram de 40 repúblicas diferentes, sendo que o questionário foi respondido por dois membros da mesma república em cinco ocasiões diferentes. Quanto ao tempo de ingresso nas repúblicas, cinco ingressaram entre os anos 2012 e 2014; 16 entre 2015 e 2017; 23 entre 2018 e 2020 e 1(um) ingressou no ano de 2021.

Por causa da pandemia de COVID-19, algumas questões foram incluídas e adaptadas, sendo uma delas relativa à entrega das casas para os locadores, uma vez que a maioria dos estudantes retornou para suas cidades de origem em razão da pandemia. Registre-se que, com a extensão da suspensão das aulas presenciais, diversas repúblicas tentaram negociar o valor dos aluguéis com os locadores.

As repúblicas em Lavras se localizam em bairros de alto poder aquisitivo e pelo tamanho necessário, para abrigar os estudantes, costumam ser casas com diversos quartos e outros benefícios, o que aumenta o valor dos aluguéis.

Em matéria do site G1 de maio de 2020 intitulada “Universitários recorrem à busca por descontos em aluguel de repúblicas em Ribeirão Preto, SP”, foi informado que essa prática não é exclusiva dos estudantes de Lavras e tem acontecido em outras cidades. Na matéria, os estudantes discorrem sobre a dificuldade de manter os imóveis em meio à pandemia e há orientações para negociar os valores dos aluguéis com as imobiliárias.

Em muitos casos, a negociação do aluguel não é suficiente para a manutenção da república alugada e, em muitos casos, os moradores resolveram entregar os imóveis. Essa medida foi tomada para cortar custos e entre os respondentes do questionário a entrega do imóvel foi relatada em 12 respostas.

Quanto ao mobiliário das repúblicas, é vendido ou ainda depositado em outras repúblicas até que a situação se normalizasse e a república pudesse ser novamente organizada. Em postagens do *Facebook*, muitos usuários da rede ofereciam seus imóveis para guardar o

mobiliário não só das repúblicas quanto de outros estudantes que houvessem entregado os imóveis para os locatários.

5.6 Tradições das repúblicas estudantis de Lavras

Para conhecer as repúblicas dos respondentes ao estudo, foram incluídas questões que tratam não somente da identificação da república, mas abordam também o ano de criação, número aproximado de ex-moradores, costumes, opinião dos respondentes sobre o que é importante para se tornar um morador daquela república em específico.

As repúblicas estão divididas da seguinte forma: A) tipo de república: 25 são masculinas 18 são femininas e duas são mistas, permitindo a moradia conjunta de pessoas de todos os gêneros. Essa divisão estará presente nos alojamentos estudantis como forma de garantir a privacidade e a liberdade dos moradores.

B) Ano de fundação: entre as 40 repúblicas pesquisadas, a mais antiga é a República Lobo Mau, criada em 1992. A seguir, temos a República Pé de Cana criada em 1997; entre 2001 e 2005 temos a criação de três repúblicas: Frei Caneco, Vira Copos e Pira Saia; entre 2006 e 2010, temos 17 repúblicas e, a partir de 2011 e 2018, foram criadas 16 repúblicas e, em 2021, apenas a República Paris. Na Tabela X, apresentamos o nome das repúblicas do estudo e o ano de fundação.

C) Número de moradores: sete acima de 10 moradores, 25 entre seis e nove moradores e oito com até cinco moradores. Podemos indicar que uma das consequências da suspensão das aulas presenciais reside no ingresso de novos moradores nas repúblicas. Quando ocorrem as matrículas presenciais nas universidades, os moradores das repúblicas ficam na porta do prédio da Diretoria de Registro e Controle Acadêmico - DRCA na UFLA e abordam os candidatos.

As informações detalhadas sobre as repúblicas são apresentadas na Tabela 2 - Ano de Fundação, número de moradores e ex-moradores e classificação das repúblicas. As repúblicas estão organizadas em ordem crescente do ano de fundação.

Tabela 2 - Ano de Fundação, número de moradores e ex-moradores e classificação das repúblicas.

Nome da República	Fundação	Nº de Moradores	Nº de Ex-moradores	Classificação
República Lobo Mau	1992	6	68	Masculina
República Pé de Cana	1997	9	43	Masculina
República Vira copos	2001	11	35	Masculina
República Frei Caneco	2001	4	15	Masculina
República Pira Saia	2005	12	21	Feminina
República Pirambeira	2006	8	32	Masculina
República Labirinto	2006	7	30	Masculina
República Paióça	2006	7	21	Masculina
República Refúgio	2007	11	20	Masculina
República Kana Sutra	2008	8	19	Masculina
República Xamego	2009	9	25	Feminina
República Araguaia	2009	8	19	Masculina
República CaiPiradas	2009	7	24	Feminina
República Bartira	2009	6	20	Masculina
República Puro de Origem	2009	7	30	Masculina
República Dedo di Moça	2009	10	8	Feminina
República Saia Justa	2009	10	23	Feminina
República Sintaa Liga	2009	7	23	Feminina
República Sofradinha	2009	7	25	Feminina
República Xequ mate	2009	6	10	Masculina
República Passarada	2010	8	24	Masculina
República Puro de Origem	2010	7	23	Masculina
República Ardidias	2010	6	19	Feminina
República Dizóssa	2011	10	15	Masculina
República Tropicanas	2011	9	15	Feminina
República Boleia	2011	7	9	Masculina
República Casa daa Minas	2012	6	Não informado	Feminina
República Cachacera	2012	5	7	Masculina
República Joia Rara	2012	10	13	Feminina
República Santa Casa/ Casa das Minas	2013	7	9	Mista
República Megadose	2014	4	6	Feminina
República Forasteiras	2014	9	10	Feminina
República Cai&Pira	2014	6	12	Masculina
República Amorebunda	2014	3	Não informado	Masculina
República Gammon Nelas	2015	4	3	Feminina
República Alabama	2016	10	5	Masculina
Nome não informado	2017	5	Não informado	Feminina
Não tem nome	2017	6	6	Mista
República Sabotage	2018	9	1	Masculina
República Paris	2021	4	0	Feminina

Fonte: Do Autor (2021).

Como servidor público da UFLA, tive a oportunidade de acompanhar esse processo, em vários anos, uma vez que o prédio no qual exerço as minhas funções está próximo à DRCA. Os candidatos que, muitas vezes, chegam acompanhados dos seus pais são abordados por moradores das repúblicas e aproveitam a oportunidade para apresentar a estrutura física da casa, relatam a experiência de residir em repúblicas e os convidam para uma visita à república. É o momento de conquistar novos moradores e mostrar o diferencial que cada república oferece. Buscando atrair novos moradores, muitas repúblicas oferecem desconto para o valor dos primeiros meses dos calouros, que, além do aluguel, muitas vezes, oferecem governanta que se encarrega da limpeza e alimentação.

Na Figura 3, temos um exemplo do que uma república oferece de estrutura para seus moradores: piscina, sauna, academia, mesa de bilhar e área de churrasqueira.

Figura 3 - Anúncio de vagas em uma república.

Fonte: Perfil da República Viracopos no Facebook (2021).

Na Figura 4, temos o anúncio de vagas em uma outra república, que lista como atrativos a possibilidade de caronas, horta, valores justos e acessíveis e a possibilidade de troca de materiais acadêmicos e experiências com os veteranos.

Figura 4 - Anúncio de vagas da República Carro de Boi.

REPÚBLICA
CARRO DE BOI Desde de 2007

Casa com 4 quartos, sendo 1 suíte, 2 banheiros, garagem pra 4 carros, área pra churrasco e horta, localizada próximo a supermercado, academias, farmácias, shopping, etc.

Atualmente nossa republica é composta por 6 moradores, tendo capacidade para no máximo 8 pessoas.

Possibilidade de troca de materiais e experiências com os moradores.

Possibilidade de carona com os moradores, repúblicas vizinhas e pontos de carona próximos da residência.

Contamos com nossa Governanta Luiza que nos ajuda com as tarefas domésticas e nos proporciona cardápios especiais.

Preço justo e acessível.

Almoço e jantar inclusos.

Fonte: Perfil da República Carro de Boi no *Instagram* (2021).

Um fator interessante é que moradores de diversas repúblicas dividem esse momento de contato com possíveis novos integrantes, num clima de descontração e alegria. Os estudantes se perfilam na escada em frente ao prédio normalmente bebendo tererê, uma espécie de chá e permanecem conversando à espera dos calouros.

Com a suspensão das presenciais, o processo de matrícula é realizado totalmente de forma remota, fazendo com que esse momento de convivência na busca de novos moradores esteja prejudicado e ausente. As divulgações têm sido feitas por meio dos perfis das repúblicas e nos grupos de *Facebook* que estão voltados à oferta de vagas. Atualmente a procura por calouros/residentes é realizada totalmente *on-line* e até o momento não temos a previsão de retomada das aulas presenciais. Dessa forma, os calouros são substituídos, muitas vezes, por moradores de outras repúblicas que foram desfeitas ou por aqueles alunos que estão realizando

atividades presenciais impossíveis de serem realizadas de forma remota, como é o caso das pesquisas laboratoriais.

O calouro, ao aceitar integrar a república, enfrenta um processo de avaliação com duração de um semestre letivo. Este ritual de passagem compreende a jornada do candidato à vaga tornando-se calouro e caso saia vitorioso do processo, torna-se morador oficial da república.

Victor Turner utilizando elementos de Arnold van Gennep (Victor Turner 1974, p. 116), apresenta um modelo de estrutura de rituais de passagem em três etapas: separação, margem e agregação.

Na primeira etapa, a separação, acontece simbolicamente o afastamento de um ponto na estrutura social ou de condições culturais (Victor Turner 1974, p. 116). No caso das repúblicas, é o momento em que o jovem sai de seu núcleo cultural, de seu *status* social e torna-se um estudante universitário.

Na segunda etapa, margem ou limiar, as características dos sujeitos estarão ambíguas, não tendo características nem do seu passado e nem do futuro (Victor Turner 1974, p. 117). Nas repúblicas é o momento em que o jovem se candidata à vaga nas repúblicas, seu *status* muda para calouro e ingressa em uma etapa onde ele não é identificado por um nome, o seu cabelo é raspado e passa a cumprir as ordens dos moradores mais velhos.

Na terceira etapa, reincorporação ou agregação, a passagem é realizada. Ele recebe uma nova identidade e assume direitos e obrigações perante os outros sujeitos que fizeram a passagem antes dele. Ele deverá se comportar seguindo normas e padrões éticos do sistema em que está inserido (Victor Turner 1974, p. 117). Nas repúblicas é quando o calouro vence a batalha de vagas e assume uma vaga definitiva na república. Neste momento ele recebe um apelido que será sua identificação a partir deste ponto e deve respeito aos que vieram antes dele e tem por obrigação orientar os que virão para a república no futuro.

Segundo Colares (2016, pág.4), o ingressante ocupa, no momento inicial, a posição mais inferior à organização da república. Assim, o ingressante é encarregado de executar parte das tarefas domésticas e participará de vários desafios como etapas para a sua aceitação como futuro morador e membro do grupo. Esta etapa de calouro é semelhante ao que Turner (1974, p. 117) chama de limiar: são pessoas que estão no meio do processo, não possuem *status*, estão em um processo de transição. Seu comportamento deve ser passivo e humilde, obedecer aos instrutores e aceitar as punições sem queixas ou reclamações (TURNER, 1974, p. 118).

O candidato deverá acatar e respeitar as determinações dos veteranos, que são os responsáveis para testar o calouro até a decisão final sobre sua aprovação.

A hierarquia da república não se esgota nos testes de aprovação dos calouros, uma vez que um veterano deverá respeito a outros veteranos mais antigos e o veterano mais antigo receberá o nome de decano, sendo essa a posição mais alta na organização hierárquica da república (COLARES, 2016, p. 4).

Enquanto calouro, o candidato à vaga na república receberá uma placa de identificação que deve portar nas festas e no dia a dia na república. Essa placa deve ser colocada no pescoço e ser exibida, mesmo em atividades externas, como ir ao mercado e padarias, frequentar bares e visitar outras repúblicas.

A chamada “plaquinha dos moradores” foi citada em 35 respostas e é parte importante da vivência do calouro e do ritual de ingresso.

A plaquinha é de madeira e consta a inscrição do nome da república e a identificação do calouro. Como o candidato/calouro ainda não faz parte da república, ele não recebe um apelido, sendo identificado sempre por calouro, seguido de um número (calouro 1, 2 ...) correspondente à quantidade de calouros que objetivam pertencer àquela república naquele semestre, etc.

A placa tem por função dar visibilidade ao calouro, sendo aparato fundamental para a socialização do novato, por meio da qual o calouro se torna conhecido pelos veteranos (MALTA, 2010, p. 73-74). Além disso, as placas servem para que os calouros se reconheçam e possam se auxiliar mutuamente na realização das tarefas exigidas pelos veteranos.

Nas festas, o calouro deverá coletar assinaturas de moradores de outras repúblicas, devendo se apresentar e pedir aos veteranos que assinem a sua placa. Nesse momento, o veterano pode exigir que o calouro cumpra alguma tarefa, para conseguir a assinatura, muitas vezes, tendo que ingerir uma dose de bebida ou ajoelhar-se para pedir a assinatura. As plaquinhas estão também presentes nas repúblicas de Ouro Preto.

Por ocasião do ano de 2015, os calouros deveriam, além de portar a placa, abordar pessoas, preferencialmente professores do seu curso, fora da sala de aula, solicitando que gravassem (som e imagem) uma mensagem com temas hilariantes, inusitados e excêntricos. As gravações e vídeos eram exibidas posteriormente nas repúblicas e os professores convidados a participar. Relata um professor (em uma reunião na Proec) que essa festa era um momento de descontração e de entrosamento entre os alunos novos e professores. A esse professor coube a tarefa de apresentar argumentos sobre o valor da “mandioca”.

Para Malta (2010, p. 55), essa é uma tradição herdada das repúblicas estudantis de Coimbra. Em Ouro Preto, as placas são confeccionadas de papelão, mas, em Lavras, são de madeira. Caso o calouro perca a placa, sofre sanções e punições e uma muito conhecida é

obrigar o calouro a portar uma placa bem maior que a anterior. Em Lavras, o único local em que o calouro é liberado do uso da plaquinha é no interior da UFLA.

Desde 2008, pela Resolução do Conselho Universitário da UFLA - CUNI nº067/08 - é proibido qualquer ato estudantil que cause agressão física, moral ou constrangimento. Essa resolução aborda não somente as plaquinhas, mas vestimentas ou adereços que possam causar constrangimento.

Esta resolução foi editada buscando coibir a prática de trotes violentos e vexatórios dentro do *campus* universitário, bem como incentivar o uso de práticas saudáveis que possam oferecer outras experiências para marcar essa nova etapa da vida.

Uma alternativa a trotes violentos e vexatórios propostas e que foi implementada é a realização de trotes solidários: os calouros devem realizar tarefas para contribuir de alguma forma com a comunidade local, participando de visita a asilos, de campanhas de doação de alimentos, agasalhos, fraldas e doação de sangue. Cabe ressaltar que a preocupação com os trotes violentos não se limita a cidades de Lavras estando presentes em outras localidades que possuem universidades federais, estaduais, municipais e privadas e que comportam várias repúblicas estudantis.

No trote tradicional, os calouros têm os cabelos cortados - a cabeça raspada popularmente conhecida, ou recebem cortes de cabelo com formas geométricas que possam identificá-los. Os calouros não podem escolher o tipo de corte e, em alguns casos, é grafado o nome da república ou sua marca - logotipo, na cabeça dos calouros. Isso demonstra tratar-se de um calouro.

Durante esse período de batalha da vaga na república, o calouro deverá incorporar as suas tradições. Uma delas é o Hino da república, quesito citado 31 vezes pelos respondentes. O Hino é um conjunto de versos que os moradores devem decorar e repetir sempre em festas e comemorações (BONFIM, 2013, p. 169). O Hino serve para exaltar os valores e a tradição de república e para marcar o território da república nas festas. Por isso, o hino é entoado em conjunto por todos os moradores e calouros. O Hino é mais uma tradição compartilhada com as cidades de Ouro Preto e Coimbra, sendo um meio de diferenciação entre repúblicas e um ritual que visa manifestar valores e identidade de cada república (FRIAS, 2003, p. 108).

Além do hino, nas festas e comemorações, são recitadas as chamadas “rezas de cachaça”, tradição que é composta de uma série de versos entoados antes que os moradores das repúblicas bebam uma dose de cachaça. As rezas podem ter uma conotação cômica ou lúdica e conter referências aos temas religiosos, sendo que essa “reza” deve enaltecer a bebida, a república e revelar aspectos das preferências e escolhas amorosas (FONSECA, 2016, p.70).

Dessa forma, o ato de beber uma dose de cachaça tem um caráter ritualístico e identitário da república e seus moradores. De acordo com os dados levantados, essa prática foi apontada em 10 das repúblicas, num total de 40 repúblicas investigadas

Uma outra prática é o intercâmbio de calouros. Durante uma semana, os calouros são alocados em uma outra república parceira e devem executar na república atividades demandadas pelos veteranos. Durante esse período, a plaquinha do calouro é alterada, exibindo o nome da república parceira e o calouro deverá vivenciar as tradições da república que o acolhe. Uma das tradições é a vigília.

Durante uma noite, o calouro deverá se manter acordado e revezar com outros calouros a vigília da república, relatando aos moradores qualquer fato que tenha acontecido. Esse relato é realizado nas redes sociais da república que o recebeu. Na Figura 4, apresentamos as mensagens com relatos de vigílias na República Caipiradas no Facebook entre 2016 e 2018.

Ao final da vigília, há um agradecimento ao estímulo recebido durante a vigília. Essas mensagens divulgam a república, a tradição do intercâmbio de calouros e se constitui em uma forma de enaltecer os moradores da república que receberam o intercambista. Em matéria do site G1, publicada em fevereiro de 2014, intitulada “Estudantes utilizam redes sociais para divulgar as repúblicas”, os estudantes relatam que as redes sociais caracterizam uma forma de divulgação da república.

Assim, as publicações dos calouros intercambistas fortalecem o ato de participar do intercâmbio e reforçam que a república é adepta à prática de recebê-los, anunciando que estará aberta, para essa finalidade, nos anos seguintes. Enquanto durar o intercâmbio, o calouro é tratado como um integrante da república parceira, estreitando assim os laços de amizade entre elas.

Mas, afinal, o que é esperado dos calouros durante o período da batalha de vagas? Recebemos 30 respostas indicando características que o calouro precisa ter assimilado para ser aceito como morador definitivo. Recebemos também respostas sobre competências e comportamentos esperados dos calouros e muitas dessas características são citadas em mais de uma república: a boa relação com os moradores; boa convivência; respeitar a hierarquia; ser proativo; zelar pela república; ser responsável; cumprir com as obrigações como morador; aceitar trotes; ser tranquilo; ter boa índole.

A boa relação com os moradores veteranos é um fator imprescindível e apareceu em nove respostas. Em dois casos esse foi o único fator citado como critério para aceitar o calouro como morador oficial da república.

As repúblicas são espaços de formação de laços de amizade entre moradores. Sayegh (2009, p. 181) afirma que, nas repúblicas, são criados laços afetivos pela convivência diária entre moradores que serão fortalecidos, ou não, ao longo da vivência coletiva. Freitas (2008, p. 11) identifica que os laços de amizade e afetividade nas repúblicas representam um pacto baseado na cooperação, lealdade, zelo e partilha. Essas relações não estão isentas de conflitos e disputas e, quando os conflitos ficam incontornáveis, podem ocasionar a expulsão.

A amizade na república configura uma ligação baseada na partilha que não se restringe somente ao espaço compartilhado, mas está presente em experiências, vivências, planos e sentimentos, refletindo no cuidado que os integrantes compartilham. Essa é uma estratégia que permite contornar a ausência das famílias e encarar os desafios de um mundo novo desafiador, sobretudo, para aqueles que estão vivendo pela primeira vez a experiência de residir fora de casa (FREITAS, 2008, p. 12).

Segundo um morador da república Lobo Mau, é importante respeitar a sua hierarquia, servir bem como calouro e ter proatividade a qual foi uma das características citadas em cinco relatos e a organização foi um critério citado em quatro respostas. Não basta somente seguir as ordens recebidas dos veteranos, cabe ao calouro mostrar desenvoltura e boa vontade na realização das tarefas que lhes são indicadas. Para F, de 21 anos, é preciso “Ter o perfil da república e mostrar que se desenvolveu pessoalmente desde que entrou, seja no âmbito da comunicação, organização, trabalho em equipe, proatividade”.

A organização da residência é um fator importante na convivência coletiva, pois vai impactar na manutenção da ordem e disciplina. O convívio harmonioso entre moradores será importante para a vida conjunta que o calouro inicia. Malta (2010, p. 134) destaca que a escolha do novo morador decorrerá da interação do calouro com “os valores e regras próprias do funcionamento, rituais e tradições das repúblicas”. A convivência compartilhada exige esforço de cada um, sendo que ali se agrupam personalidades, rotinas e vivências diferentes que serão manifestadas, mas, na convivência coletiva, é imprescindível a tolerância, respeito e aceitação do outro e de sua cultura.

As repúblicas estudantis não estão imunes aos conflitos, muitas vezes, originados pela falta de privacidade, ou quando um morador recebe amigos e o barulho acaba sendo fonte de discórdias. A matéria intitulada “Dicas de sobrevivência para morar em uma república de estudantes”, publicada no site Racon¹, empresa do ramo de consórcio de imóveis, em maio de 2018, aponta desafios e soluções para aqueles que moram em repúblicas:

¹ <https://blog.racon.com.br/dicas-de-sobrevivencia-para-morar-em-uma-republica-de-estudantes/>

- a) Escolha o lugar certo - buscar espaços com referências, visitar diversos lugares e se informar sobre as regras do lugar;
- b) Respeite os limites de barulho - evitar excessos de barulho, uma vez que os moradores precisam de silêncio e concentração para o desenvolvimento das atividades acadêmicas;
- c) Dê privacidade aos colegas - caso precise dividir o quarto com outros moradores, seja tolerante com os hábitos dos outros e saiba impor limites quando necessário;
- d) Identifique sua comida - sendo a geladeira e a dispensa compartilhadas, identificar os itens de alimentação com o nome do dono e assim evitará conflitos;
- e) Organize as contas da casa - normalmente uma pessoa se responsabiliza por cuidar das finanças da casa, repassando aos demais os valores a serem pagos; Deve-se pagar as contas em dia e auxiliar, quando necessário, no controle das despesas;
- f) Mantenha a casa limpa - para evitar brigas, é importante definir a divisão das tarefas e elaborar um cronograma;
- g) Cuidado com empréstimos - caso pegue algo emprestado de outros moradores, anote e não esqueça de pagar;
- h) Procure dialogar - tenha paciência e procure dialogar da maneira correta para evitar e resolver conflitos;
- i) Aproveite a convivência - é normal que aconteça incompatibilidades, por isso, procure lugares em que a convivência seja possível e possa fazer boas amizades.

Essas orientações servem para facilitar a vida entre os moradores e ajuda a evitar muitos conflitos. Apesar disso, deve-se sempre buscar lugares para morar onde aja o bem-estar e a sintonia entre moradores e, caso surjam conflitos, que eles sejam resolvidos de forma a manter a boa convivência.

L. é morador de república desde 2018 e afirma que o calouro precisa “Conhecer os moradores, fazer amizade, mostrar amor pela casa, mostrar que não vai deixar esse sentimento pela casa acabar, ensinando os mais novos a ter respeito e carinho, amizade e a responsabilidade acima de tudo”.

É possível perceber, nessa manifestação, a preocupação com a continuidade das tradições conjuntamente com a manutenção da casa.

G. uma moradora de república desde 2016 relata a necessidade de conservar a história da casa: “O calouro deve demonstrar que está pronto para arcar com as responsabilidades de morar na república, de se comprometer com a continuidade da história da república e buscar a boa convivência com os atuais moradores e construir laços de amizade”. Para G, morador de república desde 2019, o calouro deve “ter o perfil da república e mostrar que se desenvolveu pessoalmente desde que entrou, seja no âmbito da comunicação, organização, trabalho em equipe, proatividade”.

Observa-se, nessas manifestações, que é esperado que o calouro amadureça e consiga assimilar valores e normas coletivas. Para Freitas (2008, p.13), as repúblicas são espaços de liberdade, responsabilidade e amadurecimento, possibilitando novas experiências de si por um processo de autoconhecimento. Na convivência com o outro, o sujeito se desenvolve e agrega novas vivências ao seu autoconhecimento.

Todas as atividades, tarefas e desafios citados compõem o processo da batalha de vagas. Ao final desse processo, se o calouro conseguiu vencer todas as etapas e ser aceito pelos moradores, ele atinge o último estágio do rito de passagem que Victor Turner (1974, p. 117) chama de reagregação ou reincorporação. Nessa etapa os testes cessam e o calouro passa a ter direitos e deveres perante a república e deverá replicar o processo com os futuros moradores. O candidato passará pelo batismo ou libertação, quando o *status* de calouro é abandonado e o novo morador receberá um apelido derivado das vivências iniciais como calouro.

Assim, o apelido é escolhido em referência às peculiaridades do calouro ou episódios cômicos em sua jornada na busca da vaga na república. Esses apelidos podem ser escolhidos baseados na estética, nos modos de falar e andar, medos, riso e outras características dos calouros (MALTA, 2010, p. 127). Alguns apelidos destacados: “Resenha”, “Stalone”, “Campari”, “Tatu”, “Bamba”. O antigo calouro agora será conhecido por esse apelido e uma nova plaquinha é feita com o novo nome e será colocada em um local de destaque na república. Em datas festivas nas repúblicas, as placas são retiradas para as fotos dos moradores e depois retornam para a parede.

Figura 5 - Placas de moradores e ex-moradores da república Lobo Mau.



Fonte: Perfil do Instagram da República Lobo Mau (2017).

O Calouro que começou a batalha por uma vaga na república sem nome, agora é um membro efetivo da república, já batizado com um novo nome que será registrado nas plaquinhas nas paredes, um marco que todos os futuros moradores e visitantes verão ao adentrar na república.

5.7 Festas e datas comemorativas das repúblicas estudantis

Além das tradições, as repúblicas estudantis movimentam o calendário festivo da cidade. As festas organizadas por elas ou que contam com a sua participação movimentam a vida festiva da cidade e incentiva o turismo.

Um dos eventos de destaque é o da república Arapuca, denominado de “Recepção da Arapuca”, evento ocorre no início do semestre letivo para recepcionar os calouros. Em sua 21ª edição, ganhou visibilidade que extrapolou os muros da universidade e Lavras recebe estudantes de outras regiões fazendo girar a economia local. Esse evento acontece desde 2008, mas pela pandemia, a última edição ocorreu em novembro de 2019. Sayegh (2009, p. 152) afirma que as festas organizadas pelos estudantes universitários se tornaram negócios lucrativos pelo empreendedorismo dos estudantes. Sayegh (2009, p. 152) confirma ainda que a relação dos estudantes com a cidade será modificada, uma vez que as festas podem movimentar uma grande quantidade de dinheiro. Dessa forma, o estudante deixa de se dedicar somente aos estudos e passa a ser também um produtor desses eventos.

Durante esses eventos, as repúblicas de Lavras não lucram somente com a organização das festas e vendas de ingressos, a exemplo de Ouro Preto, elas também atuam na hospedagem dos participantes. Assim, conforme Moraes e Miranda (2011, p. 8-9), as grandiosas proporções e a popularização dos eventos fazem com que seja capitalizada a hospedagem dos turistas, adquirindo um caráter comercial.

As repúblicas também são responsáveis pela realização de festas, em menores proporções, utilizando os bares e outros espaços para eventos. Semanalmente as repúblicas se revezam em parcerias com os bares da cidade, realizando eventos de quarta a domingo na cidade.

Pudemos notar pelos relatos que as repúblicas realizam festas, observando o calendário local, para que não coincidam com outras datas de festejos. Dessa forma, às quartas constam, no calendário, as festas em um determinado bar, às quintas, acontecem em uma república que se situa na zona rural, às sextas, acontecem em outro bar e aos sábados no parque de exposição ou em outros espaços.

Todos esses eventos são abertos ao público, pois, além da diversão, servem para angariar recursos financeiros para as repúblicas. Essas festas se assemelham aos “*rocks*”, que acontecem nas repúblicas de Ouro Preto, expressão que significa qualquer festa estudantil com a participação dos estudantes e que não precisam de um motivo específico podendo ser casual e esporádica (FONSECA, 2016, p.15, 49).

As festas menores e mais recorrentes são os chamados “esquentas”, em que os moradores se reúnem, antes de saírem para outras festas, normalmente, “esquentando” o ritmo e ânimos com bebidas alcoólicas. Essas comemorações e encontros são realizados nas próprias repúblicas o que requer alguns cuidados, principalmente, em relação à vizinhança.

Uma matéria do G1, publicada em junho de 2016, intitulada “MP de Piracicaba, propõe TAC entre vizinhos e repúblicas de estudantes”, são relatadas denúncias de perturbação ocasionadas pelas repúblicas da cidade. Há relatos de discussões e agressões entre moradores das repúblicas e vizinhos. O Termo de Ajustamento de Conduta - TAC - foi firmado entre vizinhos, representantes das repúblicas estudantis e as imobiliárias. Foram realizados encontros com representantes, políticos, professores e a direção da instituição de ensino onde os alunos estudam, o Conselho Regional dos Corretores de Imóveis - CRECI e os estudantes. Para conter esses problemas, as associações e conselhos de repúblicas buscaram alternativas para reduzir os conflitos. Assim, pedidos de desculpas e indicação de realização de eventos menores, voltados apenas para os moradores e convidados, foram as soluções propostas.

L. morador de uma república relata que os encontros são informais, acompanhados de um ritual chamado “golos”, uma expressão que se refere ao consumo de bebidas alcoólicas e, assim, tomar um “golo” é corruptela da expressão “tomar um gole”. Esse tipo de evento possui semelhança com as chamadas “sociais”: festas realizadas para estreitar os laços “sociais” entre moradores e outras repúblicas (FONSECA, 2016, p.49). Muitas vezes, as “sociais” são realizadas entre repúblicas femininas e masculinas para garantir um equilíbrio de gênero e propiciar a formação de pares. No contexto em que a república se organizava, ir a eventos e festas, recorrentemente, sem a companhia dos moradores da república, sinaliza um afastamento do coletivo criado na república (ARAÚJO, 2018, p.58).

Uma festa formal relatada pelos respondentes é o churrasco/encontro de pais. Nesse evento os familiares dos atuais moradores da república são convidados para uma confraternização podendo conhecer os familiares dos outros moradores. É mais um movimento que busca o estreitamento de laços entre os moradores e seus familiares. Nessas visitas, as famílias conhecem as dependências da república e podem experimentar o gosto da vida no sistema das repúblicas estudantis universitárias, ajuda a tranquilizar os pais que podem conhecer as pessoas com quem seu filho irá conviver.

Ao serem questionados sobre as vantagens do convívio nas repúblicas, o desenvolvimento de habilidades sociais e de relacionamentos interpessoais são os itens mais citados. Na Tabela 3 é possível observar algumas dessas respostas.

Tabela 3 - Vantagens citadas pelos moradores sobre o convívio nas repúblicas.

L, 21 anos	“Nunca estar sozinho nos piores e melhores momentos também”
S, 20 anos	“Aprender a lidar com outras pessoas de todos os jeitos, aprender ter mais responsabilidade, aprender a conviver bem com outras pessoas, te ajuda a perder a timidez, e a superar outros "problemas" que talvez fosse difícil pra você lidar, vc tem uma segunda família com quem você pode contar sempre, dentre outras coisas...”
A, 25 anos	“República é um lugar onde encontramos uma segunda família longe de casa. É apoio sempre que precisamos”
G, 21 anos	“Uma nova família, em que todos se apoiam, ajudam, conversam e têm de fato um convívio com pessoas de mesmo perfil, embora diferentes em personalidade, de maneira que o convívio por si só já é enriquecedor. Além é claro de dicas e aprendizados tanto na vida pessoal como profissional de estudantes mais velhos e experientes
Y, 23 anos	“A partir do momento que você mora com tantas pessoas diferentes, você se desenvolve e passa a entender o próximo a respeitar os limites, as dificuldades e isso te transforma em uma pessoa melhor”

Fonte: Elaborado pelo autor (2021).

É possível observar que, em algumas respostas, é destacada que a convivência coletiva nas repúblicas é o momento em que nova família se origina, além da possibilidade de crescimento pessoal fortalecido pelo convívio com pessoas provenientes de culturas diferentes. Não haverá substituição do núcleo familiar de origem, mas a vivência com o que é estranho e familiar em outros moradores, permitirá vencer as barreiras e propiciar identificação (MALTA, 2010, p. 63). Mesmo sendo um espaço sem pais ou mais, as repúblicas permitem que os jovens no processo de inserção nessas casas, possam adquirir responsabilidades da vida adulta (MALTA, 2010, p.15).

As festas e comemorações configuram assim uma oportunidade para o fortalecimento dos laços afetivos e, com a possibilidade de ganhos em diversos aspectos da vida, conforme o relato de G, de 19 anos, “Oportunidades de conhecer muitas pessoas, contatos dentro da faculdade para empresas júniores, núcleos de estudos e estágios, festas, comunidade”. Para Sayegh (2012, p. 14), as festas são essenciais para fortalecer os relacionamentos e as amizades e servem ainda como uma válvula de escape para a rigidez exigida na rotina da universidade.

Dessa forma, festas e comemorações extrapolam o caráter festivo e permitem que vínculos sejam criados, moradores e repúblicas sejam conhecidos e contribuem para o fortalecimento da república. Para quem olha de fora é somente um momento festivo, mas ganha nuances importantes para a manutenção da república e de sua identidade.

5.8 Repúblicas estudantis universitárias caracterizadas como espaços culturais

Wanderley (2011), gestor de espaços culturais independentes, salienta a importância de criação desses espaços que retratam a diversidade, respeito e pluralidade relativas às expressões culturais e artísticas. Esses locais são significativos quanto à insuficiência ou mesmo ausência de políticas públicas permanentes aliados às dificuldades de financiamento para o setor cultural. Assim, entendemos que as repúblicas estudantis podem ser alternativas para essas carências, realizando atividades que ampliem o acesso aos bens culturais e desenvolvam ações culturais que, segundo Coelho (1997, p.32), é o “processo de criação ou organização das condições necessárias para que as pessoas e grupos inventem seus próprios fins no universo da cultura”

Wanderley (2011, p.03) analisa a criação de espaços culturais independentes e os modelos de gestão específicos, indicando também a ausência de estudos específicos para esse tema. Registra o autor que analisar esses espaços requer considerar o “conceito de cultura, gestão e espaço cultural independentes e como a gestão cultural desses espaços pode ser indutora de inovação das políticas públicas de cultura brasileiras”.

Não desconhecemos que o conceito de cultura é envolvente e circundante, recheado de significados simbólicos, o que, às vezes, torna-se um problema para o universo, também abrangente, das políticas culturais. Porém é necessário encarar esse desafio, optando por conceitos abrangentes, que permitam elaborar planejamento, estratégias, ações culturais que deem conta da amplitude e complexidade desse universo.

É interessante registrar a ótica de Ortiz (2008, p. 124) que aborda cultura em relação ao “desenvolvimento como de domínio da racionalidade e [assim é] possível a sociedade atuar desta ou daquela maneira”. Em se tratando, portanto da atuação de uma sociedade, é forçoso distinguir que, ao falarmos em espaços culturais independentes, não estamos nos referindo a políticas culturais e nem à gestão cultural, mas com o diálogo que deve prosperar entre esses modos de fazer cultura, uma vez que políticas culturais dizem respeito “a princípios, meios e fins norteadores da ação” e gestão cultural indica a forma de “organizar e gerir os meios disponíveis para a execução dos princípios e fins” (BARBALHO, 2008, p.21).

Os espaços culturais independentes devem primar pela oportunidade de estimular processos criativos reveladores de experiências, vivências e expressão de valores da vida em sociedade, ao mesmo tempo em que se constituem em oportunidade de acesso à produção cultural de um país e região. Em vez de uma posição passiva diante das produções culturais, os públicos participam das práticas, sendo esta a grande potência desta categoria de espaços culturais (WANDERLEY, 2010, p. 6).

A Rede de Espaços Independentes - REDE E.E.I - fundada em 2010, promoveu, nesse mesmo ano, um encontro presencial em Natal, para discussão dos espaços culturais independentes. Nesse encontro, foi redigida a Carta de Natal, que reforça as dimensões substancialmente públicas das ações compreendidas nesses espaços independentes, quando o acesso à cultura e formação e desenvolvimento da criação artística são incentivados nos 23 espaços culturais independentes espalhados pelo Brasil (CASA DA RIBEIRA, 2010).

É significativo abordar sobre a natureza e significado de espaços independentes e ou autônomos. Essa reflexão é enriquecida, se tomarmos as ideias de Canclini (2008), que chama a atenção, em vários estudos, sobre o processo de mercantilização e massificação da cultura, via indústria cultural, objeto de estudo da Teoria Crítica, sendo uma das expressões de Theodor Adorno. Essa indústria cultural reflete a sua falsa democratização, quando pela massificação e racionalidade da manipulação, fabrica a cultura e a arte, bem como mercantiliza suas manifestações retirando dessas expressões a capacidade emancipatória impressa na cultura e na arte” (SILVA; BUENO, 2017. p.1165)

Assim, autonomia e independência são atributos que qualificam as ações culturais que necessariamente são desvalorizadas pelo mercado e são possuidoras de uma dinâmica própria e específica, como modelos flexíveis e ágeis, facilitador de expressões artísticas, que transmitindo informalmente os conteúdos, contêm o germe da educação e formação cultural. Os espaços culturais independentes são locais de lazer, entretenimento, mas, sobretudo, formas de socialização da arte por abrigarem uma multiplicidade de expressões artísticas e culturais em suas várias dimensões simbólicas.

Wanderley (2011, p. 08) indica que os espaços culturais independentes são:

excelente oportunidade de reconhecer novos princípios para as políticas públicas culturais brasileiras e é mobilizador de públicos para além de meros apreciadores passivos de artes, onde há a valorização de ações integradas com as comunidades, escolas, universidades, poder público e uma diversidade de atores sociais que aderem aos esforços para elaboração de novas estratégias de produção colaborativa e associativa no campo cultural.

Após analisar as características das repúblicas estudantis de Lavras, podemos sugerir a sua qualificação, como espaços culturais independentes, que reúnem em Lavras uma população jovem e desejosa de diversão e entretenimento.

Esse fato já seria suficiente para indicar tal alternativa, mas soma-se a possibilidade de ação na cadeia cultural da cidade e da região. São 119 repúblicas mapeadas somente neste estudo, distribuídas pela cidade e que certamente irão influenciar na dinâmica cultural.

Utilizando as classificações de Wanderley (2011, p.7), para espaços culturais, podemos identificar nessa classificação características observadas nas repúblicas estudantis de Lavras.

Como primeiro item, temos que os espaços culturais independentes possuem uma “dinâmica cultural com orientação independente e com gestão ágil”. As repúblicas possuem uma dinâmica própria, com suas tradições e costumes que são ao mesmo tempo particulares de cada uma, mas que permitem uma identificação como república estudantil. Além disso, sua gestão é dinâmica, atendendo às demandas de um grupo de pessoas diversas, morando em um mesmo espaço. Para C. de 21 anos, as repúblicas oferecem a oportunidade de aprender a gerir uma casa, principalmente do ponto de vista financeiro. Sendo as repúblicas responsáveis por organizar festas e eventos, o aprendizado e as áreas de conhecimento da gestão tendem a ser diversas.

A segunda propriedade decorre de ser um “espaço informal de transmissão de conteúdo, que aproxima públicos e expressões culturais” - foram relatados em nosso estudo diversas expressões culturais tradicionais das repúblicas e devem ser assimiladas pelos calouros e ou

moradores. Essa transmissão é realizada no dia a dia da república, pela vivência e exemplos de seus moradores. As rezas de cachaça e hino da república são excelentes exemplos, em que, durante festas e comemorações, os moradores treinam e repetem essa prática as quais, para Bonfim (2013, p. 168), reforçam as características da identidade desse grupo estudantil.

O terceiro predicado indica serem esses espaços “multidisciplinares que associam atividades de lazer e sociabilidade, auxiliando no processo de construção de uma relação de intimidade entre as pessoas e suas expressões culturais”. As repúblicas não são espaços somente de moradia, mas de convivência e diversão, oportunidade de criação de laços afetivos e sociais e de proximidade com a cultura republicana. Para G. de 22 anos, morar em república promove “a melhoria da proatividade; do trabalho em grupo; aprendizado para lidar com pessoas e situações diferentes; traquejo na resolução de problemas; novas amizades; companhia para estudos e festas”.

Para Sayegh (2012, p.14), a realização das festas, no mesmo ambiente em que os jovens convivem, faz com que sejam criados lugares e territórios em que o ambiente universitário está marcado pela celebração entre estudantes universitários. Esse espaço é um produto de inter-relações entre os sujeitos, em variados níveis de interação, do global ao micro (MASSEY, 2008, p.29). É por meio dessas relações que os moradores irão internalizar esse conhecimento e aplicá-lo em vivência na república.

A quarta particularidade advém do “modelo de gestão como promotor de novas formas que atuem nas cadeias de produção cultural e projetem novas articulações entre público e privado”. Para Colares (2016, p. 2), as repúblicas são espaços de gestão ordinária, dinâmica, acompanhando as necessidades do cotidiano, sem um funcionamento e sistematização rígidos.

Uma gestão realizada no cotidiano que abraça usos e costumes tecidos na trama das relações e redes sociais construídas pela vivência no e do cotidiano cotidianamente. É “significação do insignificante, significação do cotidiano que pode ser importante para as pessoas” (BARROS; CARIERI, 2015, p. 159). As repúblicas estudantis são assim espaços de experimentação de novas experiências e vivências diferenciadas, característica que Coelho (1997, p.167) atribui a espaços culturais. Dessa forma, as repúblicas estudantis são espaços de tradições e costumes que as identificam, realizam eventos e atividades recreativas e são espaços de movimentação da vida cultural.

Esses espaços culturais independentes ganham acréscimo em seus significados, quando o dotamos recheado de cultura e entendemos, de acordo com Albert Camus (citado por FERREIA, 2016) que “sem a cultura, e a liberdade relativa que ela pressupõe, a sociedade, por

mais perfeita que seja, não passa de uma selva. É por isso que toda a criação autêntica é um dom para o futuro”.

As repúblicas estudantis universitárias de Lavras se caracterizam como espaços culturais por serem espaços que adquirem novos usos e significados contemplando os movimentos dos sujeitos que dele fazem parte, caracterizando espaços da cultura do cotidiano (CERTEAU, 1998, p. 202). O espaço que inicialmente é destinado à moradia, torna-se um espaço de convivência, transmissão da cultura estudantil e de atividades de lazer e cultura.

Nas repúblicas há o encontro entre passado e futuro cristalizado nas relações sociais dos moradores (SANTOS, 1994, p.122) gerador de tradições e costumes novos que caracterizam aquelas repúblicas. Dessa forma, por mais que as repúblicas estejam presentes em diversas cidades, elas terão características próprias que foram criadas a partir das relações interpessoais vividas naquele espaço.

As repúblicas são espaços que propiciam lazer e mediação entre formas de conhecimento e aprendizado, função que os espaços culturais exercem nas comunidades (SOUZA, 2012, p. 108). Como espaços culturais podem servir como local de memória e de incentivo à cultura local, através de atividades e ações culturais.

São espaços em que ocorrem a promoção e a disseminação de simbologias e tradições propiciando também que os estudantes possam usufruir de novas experiências culturais (COELHO, 1997, p. 167). As repúblicas transmitem tradições e símbolos para as novas gerações de moradores, para os visitantes e para os moradores da cidade, que acabam por conhecer novos significados. Assim, essa cultura poderá se incorporar ao acervo cultural da comunidade e da cultura, essa que é transmitida sobretudo pelo convívio social (EAGLETON, 2005, p.19).

Segundo Souza (2012, p. 91) as repúblicas estudantis são espaços complexos que são ressignificados com o pensamento de cada época, cultura local e relações de poder. Esses espaços possuem diversas visões que impactam a dinâmica da cidade. Assim, as repúblicas estudantis podem ser espaços de moradia, que desenvolvem e praticam tradições, costumes e símbolos perdendo o estereótipo de recinto de perturbação e balburdia.

5.9 Tornar-se ex-morador

Machado (2013, p. 6), em seu estudo sobre gestão compartilhada, destaca que um ex-morador dos anos 1970 afirma: “este é o único sistema que funciona para a convivência pacífica dos seres humanos”, o que é corroborado por um ex-morador dos anos 1980, ao declarar que “é o que melhor funciona”, indo além: “prova disto é o baixo índice de pessoas que trocam de república durante a vida acadêmica”. Levando em conta que os cursos de graduação na UFOP têm entre 4 e 6 anos de duração, a permanência na mesma república durante esses anos merece destaque.

O mesmo autor segue indicando que um ex-morador dos anos 1970 relatou: “por morar numa república aprendi a ser mais humano, mais paciente e me treinei na arte da coerência. Quem não é coerente não tem vida fácil quando se mora em repúblicas.

E outro ex-morador dos anos 1990 ressaltou que “o crescimento pessoal é algo significativo para quem mora em repúblicas, o que um ex-morador dos anos 1970 chamou de “escola de vida” (MACHADO, 2013, p. 7).

Esses relatos no estudo de Machado (2013) são indicativos do clima amistoso na convivência nas repúblicas e as possibilidades que essa familiaridade encerra, quanto a promover a qualidade das relações entre as pessoas, quando praticam respeito, tolerância, camaradagem e laços afetivos.

Assim, quando o morador deixa a república, após e ter vivido a jornada de ser calouro, batalhado sua vaga, vivido todas as tradições, a sua vivência nesse ambiente deixa marcas. Ao final de todo o processo, que a vida universitária proporciona, o morador da república passa pelo encerramento de sua jornada, na qual conquista o sonhado diploma e deixa a república, para enfrentar a vida profissional, e os ensinamentos conquistados e adquiridos por essa vivência fazem parte do seu modo de ser perante a vida.

Entre as repúblicas estudadas, o número de ex-moradores é de 688 pessoas. A república Lobo Mau, criada em 1992 e mais antiga deste estudo, possui 68 ex-moradores; República Pé de Cana com 43 ex-moradores; quatro entre 30 e 35 ex-moradores; 12 entre 20 e 25 ex-moradores; 10 entre 10 e 19 ex-moradores; 11 entre 1(um) e nove ex-moradores e apenas a mais recente, criada em 2021, não possui nenhum ex-morador. Na Tabela 4, apresentamos a contabilização de ex-moradores das repúblicas do estudo.

Tabela 4 - Contabilização do número de ex-moradores das repúblicas.

Nome da República	Nº de Ex-moradores
--------------------------	---------------------------

República Lobo Mau	68
República Pé de Cana	43
República Vira copos	35
República Pirambeira	32
República Labirinto	30
República Puro de Origem	30
República Xamego	25
República Sofradinha	25
República CaiPiradas	24
República Passarada	24
República Saia Justa	23
República Sintaa Liga	23
República Puro de Origem	23
República Pira Saia	21
República Paióça	21
República Refúgio	20
República Bartira	20
República Kana Sutra	19
República Araguaia	19
República Ardidias	19
República Frei Caneco	15
República Dizóssa	15
República Tropicanas	15
República Joia Rara	13
República Cai&Pira	12
República Xequete mate	10
República Forasteiras	10
República Boleia	9
República Santa Casa/ Casa das Minas	9
República Dedo di Moça	8
República Cachacera	7
República Megadose	6
Não tem nome	6
República Alabama	5
República Gammon Nelas	3
República Sabotage	1
República Paris	0
República Casa das Minas	não informado
República Amorebunda	não informado
Nome não informado	não informado
Total	688

Fonte: Do autor (2021).

Um evento realizado, anualmente, é o encontro dos ex-moradores, que retornam, inclusive com seus familiares, para estreitar os laços afetivos construídos durante a vivência na república. É o momento ainda de conhecer os moradores atuais e socializar as experiências.

Em Ouro Preto, o retorno dos ex-moradores acontece durante a “Festa do 12”. Esse evento é a comemoração anual do aniversário da Escola de Minas no dia 12 de outubro. A Festa do 12 acontece, tradicionalmente desde o início do século XX e envolve missas, sessões solenes e bailes de gala durante três dias. Aproveitando a data comemorativa, ex-moradores das repúblicas retornam à cidade para as comemorações e se hospedam nas repúblicas em que antes residiam (SAYEGH, 2012, p. 16). Atualmente esse é um dos eventos ligados às tradições republicanas, que atrai turistas para Ouro Preto, o que também acontece com o carnaval, quando o afluxo de visitantes é significativo.

Na cidade de Lavras e entre as repúblicas deste estudo, não foi identificada uma data definida entre as repúblicas para retorno de ex-moradores. Assim, essa comemoração acontece, mas de forma individual; cada república escolhe uma época do ano para esse retorno. Mesmo assim, esses encontros são momentos de descontração e fortalecimento das tradições da república; os atuais moradores poderão conhecer as tradições e costumes aos olhos daqueles que já vivenciaram essa experiência.

C. de 21 anos relata a experiência na república, indicando ser esse tempo uma oportunidade de adquirir “dicas e aprendizados tanto na vida pessoal como profissional pelo contato com pessoas mais velhas e experientes”. Machado (2013, p.6) afirma a importância à vida pessoal e profissional dos moradores, as vivências coletivas que a gestão compartilhada nas repúblicas oferece, impactando positivamente os futuros profissionais.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta dissertação objetivou analisar as repúblicas estudantis universitárias, como espaços culturais, observando também seus costumes e tradições. Os artigos acadêmicos e pesquisa documental encontraram estudos de repúblicas estudantis em três cidades diferentes, Coimbra em Portugal e Ouro Preto e Lavras no Brasil.

Por um mapeamento georreferenciado, foi possível apresentar a distribuição geográfica das repúblicas da cidade de Lavras e, assim, pudemos indicar que a localização territorial ocorre principalmente nos bairros do entorno das instituições de ensino superior.

Os bairros de maior concentração são aqueles que possuem imóveis que comportem um número maior de estudantes. Dessa forma, foi possível perceber, na cidade de Lavras, um número de moradores por república variando entre três e 12 pessoas.

Ao estudarmos os costumes e tradições das repúblicas, a batalha de vagas; os hinos e as rezas de cachaça; as “sociais” e os *rocks*; as vigílias; as plaquinhas de identificação e o encontro de ex-moradores conseguimos traçar um caminho que se inicia com a entrada do calouro na universidade e finaliza, no momento em que, já formado, ele retorna à república para compartilhar experiências.

O estudo dos costumes e tradições das repúblicas de Ouro Preto e de Coimbra são um terreno fértil, para o que encontramos nas repúblicas de Lavras, tais como nomes exóticos, os processos de seleção de novos moradores, a organização de eventos festivos, hierarquia interna e a tradição do ex-morador. É possível perceber as semelhanças, na forma de organização, em que impera a autogestão e a divisão das despesas.

Ouro Preto e Coimbra compartilham uma característica comum, a presença das repúblicas estudantis universitárias em prédios que pertencem às próprias instituições de ensino. Esse tipo de moradia estudantil acaba por sofrer as pressões da sociedade na gestão e manutenção desses espaços, pois as moradias estão localizadas em prédios que fazem parte do patrimônio histórico-cultural da cidade. Em Ouro Preto, a presença das repúblicas estudantis nesses edifícios é um fator de preservação. Nessas cidades existem repúblicas particulares, localizadas em espaços alugados pelos próprios estudantes para as repúblicas, sendo esse modelo encontrado em outras cidades universitárias e é o único existente em Lavras.

As repúblicas estudantis influenciam a vida cultural na cidade. Seus moradores são desejosos de festas, eventos e cultura, fazendo com que as cidades se adaptem a esse público. Os mesmos estudantes não são somente espectadores, mas atuantes e participam da produção e realização de eventos.

Ouro Preto tem o Carnaval e a Festa do 12 que movimentam o turismo local e muitas pessoas se hospedam nas repúblicas e participam de suas festas. Em Lavras, temos eventos que se notabilizaram por sua grandeza, como a Recepção da Arapuca. As festas regulares, nos bares da cidade, as reuniões e encontros nas próprias repúblicas movimentam social, cultural e economicamente a vida local, tornando Lavras uma cidade com uma dinâmica própria. Neste estudo foi possível compreender que os eventos contribuem para as repúblicas e seus moradores, oferecendo diversão e aprendizado. Para a cidade, há também o usufruto das festas por uma parte da população local, principalmente os jovens.

O desfile dos estudantes, portando suas plaquinhas de moradores, a surpresa de vê-los carregar uma placa de madeira no pescoço, logo é substituída pela curiosidade de saber de qual república é aquele calouro, quais outros rituais deverá enfrentar até conquistar a vaga como morador.

Investigar as tradições e conhecer os benefícios de que usufruirão, ao integrar o sistema republicano, tais como as amizades, a construção de um processo de estreitamente dos laços afetivos, reveste-se de importância tanto individual como coletiva, uma vez que sabemos ser a sociedade construída por laços de afinidades e a vida nas repúblicas estudantis permite viver uma experiência macrossocial. Afinal, seu cotidiano é definido como um grupo de pessoas que se organizam sob o mesmo conjunto de normas, regras e valores que decidem viver conjuntamente, partilhando expectativas, interesses, afetos e, por que não, conflitos.

A marca da república também se estampa nos hinos, que devem ser decorados para entoar nas solenidades e festas, assim como as rezas de cachaça. São aspectos da cultura estudantil das repúblicas. É possível ter um novo olhar sobre elas além do costumeiro “lugar de festas e algazarra”.

As repúblicas podem ser compreendidas como espaços de convivência, apoio e formação social de sujeitos, quando as afinidades se reencontram e dão espaço para a construção dos laços afetivos. Elas deixam de ser somente espaços de hospedagem, para se tornarem espaços de vivência e convivência.

Pelos depoimentos dos moradores, foi possível compreender a sua percepção sobre os fatos que estão no seu cotidiano. Assim, pelo olhar de quem vivencia constantemente a vida nas repúblicas, detecta-se a boa convivência entre moradores, a organização e responsabilidade na execução das tarefas e a proatividade. Esses são fatores importantes, para a conquista e a permanência na república, assim como são também critérios para a obtenção da vaga, não mais significativos que a assimilação das tradições e costumes daquela república.

Na coleta de informações, foi possível notar que o tema da gestão, em repúblicas estudantis, quer pela ótica da gestão ordinária quer pela Teoria das Organizações é um tema negligenciado. As repúblicas desenvolvem uma gestão diferente, em cujos espaços ordinários de gestão, habilidades se desenvolvem, sobretudo, as ligadas à área de finanças, divulgação, organização e economia doméstica e esses virtuosismos certamente farão a diferença na vida pessoal e profissional.

O mapeamento territorial das repúblicas, em Lavras, contribui para o planejamento de ações culturais e políticas públicas de cultura, e a compreensão das repúblicas como espaços culturais proporciona a possibilidade da atuação da UFLA, a fim de propor às repúblicas o desenvolvimento de atividades culturais diversificadas, valorizando as tradições e, ao mesmo tempo, ampliando o acesso da população aos bens culturais e viabilizando também a participação em editais externos. Tão logo as atividades presenciais nas universidades retornem, a retomada das ações culturais na cidade pode incorporar as repúblicas como espaços multiplicadores e diversificado de ações.

Novas pesquisas podem abordar o impacto econômico das repúblicas no município. Oferecemos o registro de 119 repúblicas georreferenciadas, com um público que irá consumir não somente cultura, mas produtos e serviços da cidade, ampliando o roteiro turístico local e regional. Há ainda a possibilidade de estudar impactos econômicos no mercado imobiliário da cidade. Nesse mesmo sentido, analisar a relação entre locatários e moradores, conflitos com vizinhos e a resolução dessas contendas é um campo interessante para a teoria das organizações.

Este estudo foi marcado pela pandemia de COVID-19, fazendo com que adaptações, na metodologia e no acesso às repúblicas, fossem imprescindíveis e necessários. E aqui reside outro ponto para novos estudos: avaliar o impacto da COVID-19 nas repúblicas, não somente nos aspectos financeiros, mas em outros decorrentes da organização e relacionamento entre moradores com os locatários.

Um ponto interessante será observar o retorno dos estudantes e como isso afetará nos hábitos e costumes dos alunos, quando festas e confraternizações ocorrerem e como as repúblicas vão se preparar para lidar com protocolos sanitários, que certamente serão incorporados em nosso cotidiano.

Registre-se a possibilidade de estudos mais aprofundados, ampliando os questionários e aplicando-os a um número maior de moradores e incluir ex-moradores. Dessa forma seria possível analisar o impacto que a vida nas repúblicas pode representar na formação dos sujeitos. Esta ampliação do número de sujeitos de pesquisa pode permitir uma análise mais aprofundada das tradições e costumes, inclusive buscando sua origem dentro da história da república quando

será possível conversar com os ex-moradores. Outra possibilidade é mapear um número maior de tradições e documentar sua reprodução no cotidiano das repúblicas.

Na coleta de dados, ocorreu um questionamento por parte de uma das repúblicas femininas. O questionamento era diretamente endereçado aos resultados do estudo e, assim, foi indagado quanto aos benefícios que esta pesquisa poderia gerar aos republicanos.

Essa é uma questão recorrente, nas diversas pesquisas da área das Ciências Humanas aplicadas: qual o ganho ou o impacto que a pesquisa terá para o público-alvo. Há que se ter em conta a necessidade de não gerar expectativas que não possam ser atendidas. Porém entende-se que os registros oferecidos por este estudo permitem um retrato das repúblicas de Lavras, de suas tradições, costumes, festas e eventos. Esse pode ser um outro passo a outro projeto que amplie a valorização e reconhecimento desses espaços para a cidade de Lavras, sobretudo, para a área da cultura.

Por fim, foi formulada uma proposta, como sugestão, de um conjunto de atividades culturais na cidade de Lavras, contando com a parceria entre a UFLA e as repúblicas estudantis universitárias. O projeto intitulado “Circuito Cultural de Repúblicas”, prevê a realização de atividades culturais utilizando os espaços das repúblicas.

As atividades que propomos são oficinas, exposições, feiras, apresentações culturais e rodas de conversa. Entendemos que as atividades são iniciativas dos moradores das repúblicas podendo agrupar outros atores culturais da cidade.

O plano de trabalho (APÊNDICE B), oferece um planejamento de execução e uma estimativa de gastos. Utilizamos como modelo o que é oferecido para a realização de eventos de extensão e cultura da UFLA.

O público alvo das ações são os estudantes, servidores da instituição e toda a comunidade lavrense. Esperamos assim que esta proposta sendo executada, permita estreitar laços na cidade e quem sabe criar uma nova tradição e costumes originados nas repúblicas estudantis de Lavras.

REFERÊNCIAS

- ADORNO, T. W. **Indústria Cultural**. In: COHN, Gabriel. Theodor W. Adorno. Sociologia. São Paulo: Ática, 1986.
- ANDRADE, I. B. L. de. Repúblicas universitárias: uma estratégia para a regeneração urbana de Coimbra. 2014. p. 138. Dissertação (mestrado). Universidade de Coimbra, Coimbra, 2014.
- ARAÚJO, M. A. D.; PINHEIRO, H. D. Reforma gerencial do Estado e rebatimentos no sistema educacional: um exame do REUNI. **Ensaio: avaliação e políticas públicas em educação**, Rio de Janeiro, v. 18, n. 69, p. 647-668., out./dez. 2010.
- BARBALHO, A. **Textos nômades: política, cultura e mídia**. Fortaleza, Banco do Nordeste, 2008.
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.
- BARRETO, D. **Moradias estudantis das universidades federais do sul do Brasil: reflexões sobre as políticas de gestão universitária**. 2014. p. 167 Dissertação (mestrado). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2014
- BARROS, A.; CARRIERI, A. P. O cotidiano e a história: construindo novos olhares na administração. **RAE-Revista de Administração de Empresas**, v. 55, n. 2, p. 151-161, 1 mar. 2015. Disponível em < <http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/rae/article/view/47666>> Acesso em 7 jul. 2021
- BLANC, M. V. Individualização juvenil: um estudo em trajetória entre (ex) moradores de repúblicas estudantis. **Revista Sinais**, Vitória, v. 2, n. 18, p. 42-68, 2015.
- _____. O Desafio de vir a ser: Jovens universitário, moradias coletivas e identidades In: Congreso de la Asociación Latinoamericana de Sociología., 27. Jornadas de Sociología de la Universidad de Buenos Aires, 8 2009, Buenos Aires. **Anais eletrônicos...**Buenos Aires:Asociación Latinomaericana de Sociología, 2009. p. 1-7. Disponível em <<http://cdsa.academica.org/000-062/1762>>. Acesso em 28 jul. 2018.
- BOMFIM, L. C. A ritualização nas Repúblicas Federais de Ouro Preto - MG: dos hinos às 'rezas de cachaça' e suas implicações. In: ENCONTRO INTERNACIONAL DE MÚSICA E MÍDIA - 'O GOSTO DA MÚSICA', 9º., 2013, São Paulo. **Anais eletrônicos...** São Paulo, 2013. 148-178.
- BOSI, A. **Dialética da colonização**. São Paul: Companhia das Letras, 1992. 412p.
- BOTELHO, I.; Dimensões da cultura e políticas públicas. **São Paulo em perspectiva**. São Paulo Vol. 15 n. 2., p.73-83, 2001. Disponível em < https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-88392001000200011> Aceso em 23 ago. 2020.
- BRUSADIN, L. B.; KUMAGAI, A. A. **La acogida humana y las prácticas de accesibilidad en la ciudad patrimonio de Ouro Preto**. Estoa,Cuenca, Equador v. 7, n. 12, p. 83-91, jan./jun. 2018. Disponível em:

<<https://publicaciones.ucuenca.edu.ec/ojs/index.php/estoa/article/view/1562>>. Acesso em: 01 fevereiro de 2019

CAMPOS, F. A. B. Anexo. In: **Resposta ao Ofício do Tribunal de Contas da União**, nº ref.067, [S.I.], 1990.

CANCLINI, N. G. **Leitores, espectadores e internautas**. São Paulo, Iluminuras, 2008.

CARRIERI, A.P.; PERDIGÃO, D.A.; AGUIRAR, A.R.C. **A gestão ordinária dos pequenos negócios: outro olhar sobre a gestão em estudos organizacionais**. Revista de Administração, São Paulo, vol. 49, n. 4, p. 698-713. Disponível em <https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0080-21072014000400698&lng=en&nrm=iso&tlng=pt> Acesso em 09 set. 2020.

Carta de Natal. Rede E.E.I., **Casa da Ribeira**. 01 de dez. 2010. Disponível em <http://www.casadaribeira.com.br/projetos/rede-e-e-i/5/>. Acesso em 19 de jun. 2021.

CERTEAU, M.; **A invenção do cotidiano: artes de fazer**. Petrópolis: Vozes, 2003. 353p.

CEZNE, A. N. O direito à educação superior na Constituição Federal de 1988 como direito fundamental. **Revista do Centro de Educação Santa Maria**, v. 31, n. 1, jan./jun. 2006. Disponível em <<https://periodicos.ufsm.br/reeducacao/article/view/1532>>. Acesso em 07 jul. 2021

COELHO, T, **Dicionário crítico de política cultural**. São Paulo: Iluminuras, 1997. 383p

COLARES, A. F. V. Que organização é essa? Um olhar sobre a gestão ordinária de repúblicas universitárias. In: Encontro de Estudos Organizacionais da ANPAD, 9º, 2016, Belo Horizonte. **Anais eletrônicos...** Belo Horizonte, 2016. Disponível em <http://www.anpad.org.br/eventos.php?cod_evento=4&cod_evento_edicao=82&cod_edicao_subsecao=1287&cod_edicao_trabalho=20702> Acesso em 09 set. 2020.

CUNHA, L. A. **A Universidade Temporã. O Ensino Superior da Colônia à Era Vargas**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1980.

Dicas de sobrevivência para morar em uma república de estudantes. **Racon**. 9 de mai 2018. Disponível em <<https://blog.racon.com.br/dicas-de-sobrevivencia-para-morar-em-uma-republica-de-estudantes/>>. Acesso em 19 de jun 2021.

EAGLETON, T. **A Ideia de cultura**. São Paulo: Ed. Unesp, 2005. 204p.

ESTANQUE, E. Cultura estudantil, 'Republicas' e participação cívica na Universidade de Coimbra, In: PAIS, J. M., BENDIT, R., FERREIRA, V. S. (org.), **Jovens e Rumos**. Lisboa: ICS. P. 395-414, 2011

_____. A tradição e o movimento estudantil na Universidade de Coimbra. **PRACS: Revista Eletrônica de Humanidades do Curso de Ciências Sociais da UNIFAP**, Macapá, v. 1, n. 1, p. 1-21, 2010. Disponível em: <<https://periodicos.unifap.br/index.php/pracs/article/view/13>>. Acesso em: 21 jul. 2018.

_____. Cultura acadêmica e movimento estudantil em Coimbra. **Teoria e Pesquisa**. UFSCAR: São Carlos. v. 16, n. 2, p. 7-28. 2007. Disponível em

<<http://www.teoriaepesquisa.ufscar.br/index.php/tp/article/view/104>> Acesso em 01 ago. 2018

_____. Jovens, estudantes e ‘repúblicos’: Culturas estudantis e crise do associativismo em Coimbra. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, Coimbra, v. 81, p. 9-41, 2008. Disponível em: <<http://rccs.revues.org/1174>>. Acesso em: 24 de jul. 2018.

_____. Juventude, boemia e movimentos sociais: culturas e lutas estudantis na universidade de Coimbra. **Política e Sociedade**. UFSC: Florianópolis. v. 9, n. 16, p. 257-290. 2010. Disponível em <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/politica/article/view/2175-7984.2010v9n16p257>> Acesso em 01 ago. 2019

_____. A Praxís do trote: Breve etnografia histórica dos rituais estudantis de Coimbra. **Sociologia e Antropologia.**, Rio de Janeiro, vol.7, no.2, p.429-458, 2017. Disponível em <<http://ref.scielo.org/yhbm25>> Acesso em 21 jul. 2018.

FÁVERO, M. L. A. A Universidade no Brasil: das origens à Reforma Universitária de 1968. *Educar*, Curitiba, n. 28, p. 17-36, 2006. Editora UFPR. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-40602006000200003&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 26 de maio de 2020.

FARRET, R. L. Paradigmas da Estruturação do Espaço Residencial Intraurbano. In: FARRET, R. L. et al. *O espaço da cidade: contribuição à análise urbana*. São Paulo: Projeto Editores Associados, 1985.

FERREIRA, F. **Breve reflexão sobre política cultural**. Cuiabá: Olhar Direto, 2016. Disponível em <<https://www.olhardireto.com.br/artigos/exibir.asp?id=7792&artigo=breve-reflexao-sobre-politica-cultural>> Acesso em 18 de jun de 2021.

FLECHA, A. C.; SILVA, A. V. C.; FUSCO, J. P. A.; BERNARDES, A. T. Redes de Empresas e seus efeitos sobre o Turismo. **RAE-Revista de Administração de Empresas**, São Paulo, v. 52, n. 4, p. 386-406, jul./ago. 2012

FÓRUM NACIONAL DE PRÓ-REITORES DE ASSUNTOS COMUNITÁRIOS E ESTUDANTIS. **Perfil Socioeconômico e Cultural dos Estudantes de Graduação das Universidades Federais Brasileiras**. Brasília. Disponível: <<http://www.fonaprace.andifes.org.br/site/wp-content/uploads/2016/05/perfil-socioeconc3b4mico-e-cultural-dos-estudantes-de-graduac3a7c3a3o-das-universidades-federais-brasileiras3-1.pdf>> Acesso em 30 jul. 2017

FONSECA, J. C. **Juventudes: uma leitura sobre a interação entre estudantes universitários em Ouro Preto/MG**. 2009. p. 126. Dissertação (mestrado). Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Belo Horizonte, 2016

FREITAS, I. C. M. As Repúblicas Estudantis e seus Significados. In: Reunião Brasileira de Antropologia, 26., 2008, Porto Seguro. **Anais eletrônicos...** Porto Seguro: ABA, 2008. p. 1-13. Disponível em: <http://www.abant.org.br/conteudo/ANAIS/CD_Virtual_26_RBA/grupos_de_trabalho/trabalhos/GT%2031/isauroara%20claudia%20martins.pdf> Acesso em 25 jul. 2018.

FRIAS, A. **La Praxe dos caloiros: un rite de passage**, Recherches en Anthropologie au Portugal, 5, p.11-39, 1998. Disponível em < https://www.persee.fr/doc/rap_1240-3474_1998_num_5_1_954> Acesso em 10 ago. 2020.

FRIAS, A. Praxe acadêmica e culturas universitárias em Coimbra. Lógicas das tradições e dinâmicas identitárias. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, Coimbra, v. 66, p. 81-116, 2003. Disponível em: < <https://journals.openedition.org/rccs/1147> >. Acesso em: 10 ago. 2020.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo, Editora Atlas, 2002

GIL, C. J. B. **O espólio das repúblicas universitárias na galeria acadêmica do Museu da Ciência da Universidade de Coimbra: relatório de estágio**. 2018. p. 106. Dissertação (mestrado). Universidade de Coimbra, Faculdade de Letras, Coimbra, 2018.

GOMES, C. M.; et al. A Universidade e a fundamental importância da moradia estudantil como inclusão social. **Saberes da UNIJIPA**, Ji-Paraná, v. 1, n.1, p. 1-18, jul. 2014. Disponível em < . Acesso em: 18 jul. 2018

HALL, S. **A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo**. Educação e Realidade, Porto Alegre, n. 2, v. 22, p .5, 1997. Disponível em <https://seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/view/71361>. Acesso em 7 jun. 2021

Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. **Sinopse Estatística da Educação Superior 2018**. Brasília: INEP, 2019. Disponível em: < <http://portal.inep.gov.br/web/guest/sinopses-estatisticas-da-educacao-superior> >. Acesso em: 31/05/2020.

LAFER, C. O significado de República. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 4, p. 214-224, 1989.

LAMY, A. S. **A Academia de Coimbra: 1537-1990**. Lisboa: Rei dos Livros, 1990.

LARAIA, R. B. **Cultura um conceito antropológico**. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2001. 14^a ed. 120p.

LAVRAS, **Lei nº4393**, de 13 de Fevereiro de 2017, Diário Oficial de Lavras, Poder Executivo, Lavras, MG, 13 de fev. 2017

LE GOFF, Jacques. **Por amor às cidades: Conversações com Jean Lebrun**. São Paulo: Editora UNESP, 1998.

MACHADO, O. L. **A gestão compartilhada de organizações estudantis: o caso da república Aquarius de Ouro Preto** In: II Congresso Internacional sobre Desenvolvimento Social. Faculdade Fama - Iturama, 2013. Disponível em < <http://www.sisgeenco.com.br/sistema/fama/anais/html/gt1.html>> Acesso 18 de jun 2021

MACHADO, O. L. **Repúblicas Estudantis de Ouro Preto e Mariana: Percursos e Perspectivas (Edição Especial)** - Frutal: Prospectiva; 2014.

_____. As Repúblicas Estudantis da Universidade Federal de Ouro Preto, Brasil. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, Coimbra, v. 66, p. 197-199, 2003. Disponível em: < <http://rccs.revues.org/1174> >. Acesso em: 24 de jul. 2018.

MALTA, E. **Identidades e práticas culturais juvenis: as repúblicas estudantis de Ouro Preto**. 2010. p. 155. Dissertação (mestrado em Ciências Sociais). Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2010

_____. Imagens e identidade cultural de Ouro Preto: repúblicas estudantis e patrimônio. In: TAMAZO, I.; FILHO, M. F. L. (orgs.), **Antropologia e patrimônio cultural: trajetórias e conceitos**. Brasília: ABA Publicações. pp. 185-218. 2012

MARCHETTI, M. C.; CARVALHO, M. S. **Ruídos na cidade de Londrina - Paraná, Brasil**. Ra'e ga (UFPR), v. 23, p. 621-651, 2011. Disponível em <<https://revistas.ufpr.br/raega/article/view/24924>> Acesso em 10 fev. 2019

MASSEY, D. **Pelo espaço: uma nova política da espacialidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008. 312p.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. Reuni - Reestruturação e Expansão das Universidades federais. Brasil, 2020. Disponível em <<http://reuni.mec.gov.br/>>. Acesso em 31 de maio de 2020.

MINISTÉRIO PÚBLICO FEDERAL. Minas Gerais: MPF recorre para que Ufop adote critérios socioeconômicos de seleção para suas repúblicas. Belo Horizonte, 2020. Disponível em <<http://www.mpf.mp.br/mg/sala-de-imprensa/noticias-mg/mpf-em-minas-recorre-para-que-ufop-adote-criterios-socioeconomicos-para-selecao-em-suas-republicas>>. Acesso em 09 de junho de 2020

Moradores reclamam de barulho causado por repúblicas em Lavras, **G1 Sul de Minas**, Lavras, 8 nov. 2016. Disponível em: <http://glo.bo/2fPVSUE>. Acesso em 25 abri. 2021.

MORAES, C.; MIRANDA, B. P. Repúblicas estudantis: A tradição como potencialidade turística em Ouro Preto (MG). In: Simpósio Nacional de História, 26., 2011, São Paulo. **Anais eletrônicos...**São Paulo: ANPUH, 2011. p. 1-13. Disponível em <http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1300932593_ARQUIVO_REPUBLICAS_ESTUDANTIS.pdf>. Acesso em 25 jul. 2018.

MP de Piracicaba propõe TAC entre vizinhos e repúblicas de estudantes. **G1** 01 de jun. 2016. Disponível em <<http://g1.globo.com/sp/piracicaba-regiao/noticia/2016/06/mp-de-piracicaba-propoe-tac-entre-vizinhos-e-republicas-de-estudantes.html>>. Acesso em 19 de jun. 2021.

NERY, E. G.; MERCURI, E. N. G. da S. A moradia estudantil universitária como tema na produção científica nacional. **Psicologia Escolar e Educacional**, v. 17, n. 1, 2013, pp. 87-95 Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional: Paraná, Brasil Disponível em <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=282328025009>

ORTIZ, R. **Cultura e Desenvolvimento**. Políticas Culturais em Revista, v.1 n.1, p. 122-128, 2008. Disponível em: <<https://periodicos.ufba.br/index.php/pculturais/article/view/3194>> Acesso em 18 de jun 2021.

PIKE, G. R.; The Greek Experience Revisited: The Relationships between Fraternity/Sorority Membership and Student Engagement, Learning Outcomes, Grades, and Satisfaction with College. **North American Interfraternity Conference 2020**. Disponível em <<https://www.phigam.org/file/communications/Dr.-Pike-Report---The-Greek-Experience-Revisited.pdf>>. Acesso em 07jul. 2021

RAMOS, L. B.; **O centro cultural como equipamento disseminador de informação: um estudo sobre a ação do galpão cine horto**. 2007. p. 243. Dissertação (mestrado). Universidade Federal de Minas Gerais, Escola de ciência da Informação, Belo Horizonte. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/1843/VALA-74QJRP>>. Acesso em: 07 jul. 2021.

Rede de proteção de repúblicas conta com aplicativo para celulares **G1 Sul de Minas**, Lavras, 5 fev. 2014. Disponível em: <http://glo.bo/N4jHEW>. Acesso em 25 abri. 2021.

REPOLÊS, M. F. S.; **Início de pesquisa nas repúblicas de Ouro Preto: como funcionam as relações de poder?** In: MACHADO, O. L. (Org.). Universidade, estudantes e a questão social em Ouro Preto. Frutal: Editora Prospectiva, 2013. p. 53-61.

ROUTON, P. W., WALKER, J. K. **Post-baccalaureate health, family, and educational outcomes of fraternity and sorority members**. Review of Higher Education, 43, 427-455. Baltimore: United States of America. 2019. Disponível em <<https://muse.jhu.edu/article/733646>>. Acesso em 15 fev. 2021.

SAMPAIO, SMR., org. **Observatório da vida estudantil: primeiros estudos [online]**. Salvador:EDUFBA, 2011, 273 p. Disponível em <<http://books.scielo.org/id/n656x>> Acesso em 02 ago. 2018

SANTOS, B. S.; ALMEIDA FILHO, N.; **A universidade no século XXI: para uma universidade nova**. Coimbra: Almedina, 2008. 260 p.

SANTOS, M.; **Técnica, espaço, tempo: globalização e meio técnico-científico informacional**. São Paulo: HUCITEC, 1994. 190p.

SAYEGH, L. **Dinâmica urbana em Ouro Preto: conflitos decorrentes de sua patrimonialização e de sua consolidação como cidade universitária**. 2009. p. 291. Dissertação (mestrado). Universidade Federal da Bahia, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Salvador, 2009

_____. Estudantes universitários, repúblicas estudantis e vitalidade do centro histórico de Ouro Preto. In: Seminário Internacional Urbicentros, 3., 2012, Salvador. **Anais eletrônicos...**Salvador:UFBA, 2012. p. 1-21. Disponível em <<http://www.ppgau.ufba.br/urbicentros/anais/ST130.pdf>>. Acesso em 25 jul. 2018.

SENCE - SECRETARIA NACIONAL DE CASAS DE ESTUDANTE. **Cartilha de apresentação do Movimento de Casas de Estudantes**. 2011. Disponível em: <<http://sencebrasil.blogspot.com.br/p/sobre-sence.html>>. Acesso em: 20 jul. 2013.

SILVA, A. T. T. e BUENO, F. S. **Indústria cultural e mercantilização da cultura como projeto de semiformação na educação da infância moderna**. Perspectiva, Florianópolis, v.35, n.4, p.1164-1181. Out/dez. 2017

SILVA, M. A. L. e MADEIRA, S. **Repúblicas universitária de Coimbra**. Coimbra, Camara Municipal de Coimbra, 2009.

SOUZA, H. R. V.; **O espaço cultural, espaço público: estudo sobre as políticas públicas culturais brasileiras e as relações de poder nos espaços Lagoa do Nado, Centro Cultural UFMG e Palácio das Artes**. 2012. p..238 Universidade Federal de Minas Gerais, Instituto de Geociências. Belo Horizonte, 2012.

SOUZA, K. R. e KERBAUY, M. T. M. Abordagem quanti-qualitativa: superação da dicotomia quantitativa-qualitativa na pesquisa em educação. **Educação e Filosofia**, v. 31, n. 61, p. 21-44, 2017.

STANUSKI, A.; KUNDALATSCH, C. A.; PIREHOWSKI, D. O Conceito de lugar e suas diferentes abordagens. *Revista Perspectiva Geográfica*, v. 9, n. 11, 2014. Unioeste, Paraná, Brasil. Disponível em < <http://e-revista.unioeste.br/index.php/pgeografica/article/view/11154>> Acesso em 29 de março de 2020.

THOMPSON, J. B. **Ideologia e cultura moderna: teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa**. Petrópolis: Vozes, 2011.

TYLOR, E. B. **Primitive Culture: Researches into the Development of Mythology, Philosophy, Religion, Language, Art and Custom**. London: J. Murray, 1871.

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA. **Histórico**. Disponível em < <https://www.ufba.br/historico>> Acesso em 26 de julho de 2020.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE LAVRAS. **Programa de moradia estudantil** <<http://praec.ufla.br/moradiacoor/programa-de-moradia-estudantil/>> Acesso em 22 de setembro de 2018

_____. RESOLUÇÃO CUNI nº18, de 13 de junho de 2019. **Dispõe sobre o Programa de Moradia Estudantil, bem como estabelece normas de funcionamento e utilização da Moradia Estudantil da UFLA**. Disponível em <<https://praec.ufla.br/moradia-estudantil/legislacao/>> Acesso em 03 de junho de 2020.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO. História da UFOP. Disponível em <<https://ufop.br/historia-da-ufop>> Acesso de 31 de julho de 2020.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO. **História**. Disponível em < <https://ufrj.br/historia>> Acesso em 26 de julho de 2020.

Universitários recorrem à busca por descontos em aluguel de repúblicas em Ribeirão Preto, SP. **G1 EPTV1**, Ribeirão Preto, 03 de mai de 2020. Disponível em <https://g1.globo.com/sp/ribeirao-preto-franca/noticia/2020/05/03/universitarios-recorrem-a-busca-por-descontos-em-aluguel-de-republicas-em-ribeirao-preto-sp.ghtml> Acesso em 04 jun 2021

VANDENBERGHE, F.; **Cultura e agência: a visão “de dentro”**. *Sociologias*, Porto Alegre, ano 18, no 41, jan/abr 2016, p. 130-163

VERGARA, S. C. **Métodos de pesquisa em administração**. 2. ed. São Paulo, SP: Atlas, 2006.

WANDERLEY, G. Dinâmica de espaços culturais independentes. **I Encontro Funarte de Políticas para as Artes**, 08 a 10 de novembro. Rio de Janeiro, FUNARTE, 2011. Disponível em: <http://www.funarte.gov.br/encontro/wp-content/uploads/2011/08/Artigo_Gustavo_Wanderley.pdf>. Acesso em: 20 outubro 2018.

WHITE, L. A.; DILLINGHAM, B. **O conceito de cultura**. 1. ed. Rio de Janeiro: Contraponto, 2009. 127 p.

APÊNDICE A - QUESTIONÁRIO APLICADO AOS MORADORES DE REPÚBLICAS



Mapeamento de Repúblicas Estudantis
Universidade Federal de Lavras
Departamento de Administração e Economia
Mestrado Profissional em Administração Pública

Número da Ficha:

Responsável pelo
Preenchimento:

DATA DO PREENCHIMENTO DA FICHA -	
Nome da república:	Ano de Fundação:
Endereço da República:	
Número de Moradores:	Número de ex-moradores:
República: () Masculina () Feminina () Mista	
Sede: () Própria () Alugada () Cedida	
Nome do Morador que respondeu o questionário:	Idade:
Apelido do Morador que responde o questionário:	Ano de Ingresso da República:
Cidade de Origem:	
Instituição de Ensino:	Curso:
Indique abaixo, quais costumes e tradições a república segue:	
() Apelidos dos moradores	() Reza de Cachaça
() Encontro de Ex-Moradores	() Plaquinha dos moradores
() Batalha de Vagas	() Quadrinho com foto dos formados
() Hino da república	() Calouradas
() Outros: _____	
Caso a república tenha eventos, festas ou comemorações que realiza com regularidade, citar abaixo e indicar as datas em que ocorrem:	
Quais critérios e exigências são necessárias para uma pessoa ser aceita como moradora da sua república?	
Que vantagens o convívio na república pode trazer para seus moradores?	

APÊNDICE B - PROJETO CIRCUITO CULTURAL DE REPÚBLICAS

Círculo Cultural de Repúblicas

Lavras

2021

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	103
JUSTIFICATIVA.....	104
OBJETIVOS.....	104
Público Alvo.....	105
Cronograma de Atividades.....	105
Metodologia	106
Avaliação de Resultados	107

INTRODUÇÃO

As universidades são reconhecidas como importantes centros de produção científica e de educação, e também como espaços de desenvolvimento integral dos sujeitos. Nelas existem atividades acadêmicas, políticas e culturais. É um espaço rico de confluência de ideias e inovação, e encontro das mais diversas culturas. A presença das universidades federais atrai alunos que compartilham moradias tentando reduzir despesas, criando assim as repúblicas estudantis universitárias.

As repúblicas se caracterizam como espaços de moradia, convivência e lazer, possuindo costumes e rituais, impactando a vida cultural da cidade, e muitas vezes sendo responsáveis pela realização de eventos culturais e de entretenimento. Buscando unir esforços para aumentar a oferta de produtos e serviços culturais em Lavras-MG, este projeto técnico propõem a criação de um calendário de atividades culturais em conjunto com as repúblicas: o Circuito Cultural de Repúblicas.

Esse projeto é resultado da dissertação defendida na UFLA em 2021, no Mestrado Profissional de Administração Pública, intitulada “As Repúblicas Estudantis como espaços culturais em Lavras/MG”

A presente proposta tem como objetivo apresentar o plano para a execução das ações do Circuito Cultural de Repúblicas. Abordaremos todos os tramites necessários na pré-produção esperando assim a aprovação da Universidade Federal de Lavras.

A primeira etapa do projeto consiste no convite às repúblicas da cidade para integrarem o projeto. Com a adesão das repúblicas, começaremos o levantamento dos espaços das repúblicas que poderão receber atividades culturais. Essa atividade tem como auxiliar o georreferenciamento realizada na dissertação em questão.

Utilizando informações do software *Google Earth Pro* e *Google Maps*, foram localizados 119 locais identificados como Repúblicas em Lavras em janeiro de 2021. As Repúblicas, na cidade de Lavras, estão distribuídas em grande parte das regiões do município, mas estão concentradas principalmente na região central e em outras regiões próximas às instituições de ensino superior (UFLA, FAGAMMON, FADMINAS e UNILAVRAS). Os bairros em que há a maior concentração de repúblicas são o Centro com 19 Repúblicas, Centenário e dos Ipês com 17 Repúblicas cada e Santa Filomena, com 13 Repúblicas.

Produziremos um calendário para a realização das atividades buscando distribuir as atividades nas diversas repúblicas participantes, e apresentar atividades que promovam uma diversidade e pluralidade cultural.

O período de execução do projeto é de 6 meses a partir da liberação dos recursos.

O Circuito Cultural tem como objetivo principal diversificar as ações de cultura para a comunidade local onde a UFLA está localizada propiciando acesso à cultura para os diversos segmentos sociais.

JUSTIFICATIVA

A criação de um roteiro cultural para circulação de produtos culturais universitários surgiu em 2021, durante a realização do projeto de mestrado “As Repúblicas Estudantis como espaços culturais em Lavras/MG”.

Em Lavras foram mapeadas 119 repúblicas estudantis

As repúblicas são espaços de convivência e importantes pontos de formação dos sujeitos e criação e manutenção de tradições. As repúblicas e seus moradores afetam a vida cultural nas cidades, consumindo e produzindo ações culturais e de entretenimento que muitas vezes ficam restritos aos próprios moradores.

As características do Circuito Cultural de repúblicas estão estreitamente ligadas às premissas da extensão universitária. As universidades devem promover ações e políticas voltadas para a sociedade justificando o seu papel social. Através do Circuito Cultural de Repúblicas propiciaremos um novo olhar sobre a cultura que pode ser realizada nestes espaços e o contato de seus produtos com novos públicos, novos consumidores da cultura.

OBJETIVOS

Objetivo geral

O Circuito Cultural de Repúblicas tem como objetivo geral a ampliação da oferta de programação cultural em Lavras, através da promoção de atividades culturais nas repúblicas estudantis universitárias.

Objetivos específicos:

- Incremento da programação de atividades culturais e artísticas, promovendo novas formas de convívio e sociabilidade entre as repúblicas e os demais moradores da cidade

-Incentivo à formação artística e cultural de protagonistas das comunidades acadêmicas e do público em geral, por meio de oficinas, vivências e outras atividades

-Estímulo à promoção e garantia dos direitos culturais.

- Estimular as trocas de conhecimento e experiências da UFLA e das repúblicas estudantis para o desenvolvimento de ações de extensão universitária.

PÚBLICO ALVO

Esperamos atingir um público de 2000 pessoas, considerando as ações diretas como shows e palestras. Este público será formado pela comunidade interna e externa das universidades: Professores, alunos, técnicos administrativos e moradores das republicas, vizinhança e moradores em geral da cidade de Lavras.

CRONOGRAMA DE ATIVIDADES

CRONOGRAMA DE AÇÕES

	Ação	1º Mês	2º Mês	3º Mês	4º Mês	5º Mês	6º Mês
Pré-Produção	Convite à participação das repúblicas	X					
	Definição da campanha gráfica	X					
	Fechamento da agenda com as repúblicas participantes		X				
Produção	Ações de divulgação em mídia local e regional		X	X	X	X	X
	Realização das ações culturais				X	X	X
Pós-Produção	Avaliação Final por parte da equipe de execução						X
	Produção de relatórios técnicos e divulgação dos resultados						X

Tabela com o cronograma de ações previstas no projeto Circuito Cultural de Repúblicas

Este cronograma é de suma importância para o desenvolvimento das ações, uma vez que orientará mensalmente as medidas que devem ser tomadas para a concretização do projeto. O cronograma servirá também para a avaliação das ações e para o orçamento.

METODOLOGIA

Utilizando um planejamento de execução de 6 meses, as ações culturais planejadas acontecerão nas repúblicas participantes. Serão realizadas chamadas públicas para a participação de agentes culturais de setores variados para integrarem as atividades, contribuindo e realizando apresentações, exposições ou oficinas.

Cada república terá autonomia para gerir os espaços no dia do evento, mas não poderão cobrar qualquer valor para o acesso dos participantes aos espaços destinados às atividades. As repúblicas poderão comercializar produtos nos eventos desde que informem à coordenação do projeto com antecedência.

Após cada apresentação, será encaminhada à coordenação geral relatórios específicos sobre as apresentações, público, ações coordenadas, fotos e filmagens para compor o relatório final do projeto e o portfólio assim como indicações para novas atividades e eventos.

PLANO DE APLICAÇÃO DE RECURSOS

1. RUBRICA SERVIÇOS DE TERCEIROS (PESSOAS FÍSICAS E JURÍDICAS)				
Especificação	Unidade de Medida	Quantidade	Valores [R\$]	
			Unitário [R\$]	Total [R\$]
Impressão de cartazes A3	un	100	4,50	450,00
Impressão de banner em lona vinilica	m ²	10	43,50	435,00
Cobertura fotográfica	un	1	1800,00	1800,00
Aluguel de som	un	4	2000,00	8000,00
16.3.1 Subtotal da rubrica [R\$]				10685,00

2. BOLSAS					
Especificação	Quantidade	Valor unitário [R\$]	Valor mensal [R\$]	Número de meses	Total [R\$]
Bolsas extensão	4	300	1200	6	7200,00
Bolsa Artística	16	300	1200	4	4800,00
17.5.1 Subtotal da rubrica [R\$]					12000,00

CUSTO DA EXECUÇÃO DO PROJETO [R\$]	22685,00
---	-----------------

DESPESAS OPERACIONAIS DA FUNDAÇÃO DE APOIO

ITENS DE DESPESAS	VALOR [R\$]	ITENS DE DESPESAS	VALOR [R\$]
Gestão do Projeto	2268,50	-	-

CUSTO TOTAL DA DESPESA OPERACIONAL [R\$]	2268,50
---	----------------

TAXA DE RESSARCIMENTO À UFLA

Cálculo de acordo com o Capítulo V e o Anexo II, Tabela 7 da Resolução CUNI nº 04/2018

Descrição	Percentual	Valor [R\$]
Taxa de Ressarcimento pelo Nome e Imagem (TRNI)	2,5%	567,12
	Ressarcimento devido à UFLA [R\$]	567,12

TOTAL DO PROJETO [R\$]	25520,62
-------------------------------	-----------------

CUSTEIO DO PROJETO**FONTE DO CUSTEIO E DESCRIÇÃO DOS RECURSOS**

Fonte	descrição da Receita	Valor [R\$]
Apoiadores	Apoio de empresas e instituições	18320,62
UFLA	Oferta de bolsas de extensão	7200,00
	TOTAL DAS RECEITAS [R\$]	22520,62

Uma informação importante a ser considerada no orçamento, é que os profissionais envolvidos são servidores da universidade e voluntários, não havendo inicialmente despesas com remuneração de pessoal.

AValiação de Resultados

O presente projeto traz em sua essência diversas particularidades que devem ser levadas em consideração para o plano de avaliação. Primeiramente, este é um projeto de caráter público, envolvendo recursos da Universidade Federal de Lavras e instituições parcerias e que será executado por agentes públicos em espaços públicos. Dessa forma, o objetivo principal é oferecer produtos culturais diversificados e de qualidade. Para isso, iremos levar em conta os objetivos específicos do projeto e o impacto do projeto na sociedade.